

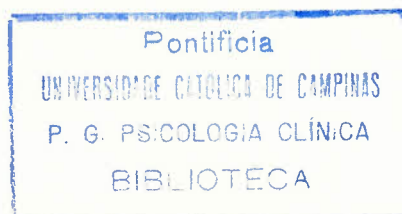
MARIA ISABEL T. C. DE OLIVEIRA



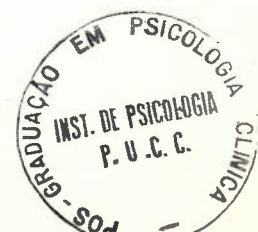
TERCEIRA IDADE E APOSENTADORIA: SINÔNIMOS DE CRISE?

18.182

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Antonieta Marília de Oswald de Andrade.



Campinas — 1982



Aos meus pais e ao Luiz Antonio  
(em memória) que sempre acreditaram em  
minha capacidade, e cuja confiança me  
impulsionou a prosseguir, mesmo quando os  
obstáculos pareciam intransponíveis.

Aos meus filhos Isabel e Alexandre,  
para compensar um pouco, do muito  
tempo que deles tirei.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho idealizado com o propósito de contribuir ainda que com uma mínima parcela, para uma nova visão do velho e do aposentado, não poderia ter sido concluído sem a valiosa colaboração direta ou indireta de algumas pessoas, a quem gostaria de externar meus sinceros agradecimentos.

À Dra Antonieta Marília Oswald de Andrade, que realmente se fez presente como *Mestre*, na verdadeira acepção da palavra, cuja orientação segura, constante e amiga, garantiu a consecução desta pesquisa.

Aos ferroviários aposentados pela disponibilidade, abertura e cooperação recebidas.

Ao Dr. Roberto Pinto de Moura que desde o início incentivou o desenvolvimento deste estudo com discussões e reflexões

Ao Dr. Maurício Knobel que inicialmente me acompanhou e gentilmente apoiou minha proposta de trabalho.

Ao professor Parke Renshaw, que não poupou esforços para conseguir no exterior material bibliográfico necessário.

Ao Dr. Miguel de La Puente, pela leitura do manuscrito original.

Ao Dr. Flavio da Silva Fernandes, Edison Rossi, Dra. Marilda Novaes Lippe e Dr. Sérgio Barreto, que entendendo os objetivos deste trabalho, gentilmente cederam-me parte do material

bibliográfico.

As psicólogas Maria Lúcia C. Romera, que colocou-me em contacto com o pessoal da UFAM, e Maria Cristina Barone, que me auxiliou em diversos momentos.

Ao presidente e secretária da UFAM, respectivamente sr. Virgínio Vescovi e Neusa Aparecida R. Magrin, pela presteza em fornecer-me os dados necessários à presente pesquisa.

Ao professor Adesses Araújo, que gentil e prontamente atendeu à minha solicitação para revisar o manuscrito deste trabalho.

Além disso, não poderia deixar de agradecer aos meus familiares, que com seu silencioso, mas concreto apoio, contribuíram inestimavelmente para a conclusão deste trabalho. Assim sendo, expressei meu carinho e gratidão em especial, aos meus pais e meu irmão Romolo, que mesmo com sacrifício não mediram esforços para ajudar-me sempre que solicitados.



COMISSÃO JULGADORA

---

---

---

LEITOR; O acervo do SBI pertence a vmas  
 Conserva e seu acervo.

## ÍNDICE

	P.
SUMÁRIO.....	x
INTRODUÇÃO .....	1
Apresentação e objetivo do estudo.....	1
CAPÍTULO I	
IDENTIDADE PROFISSÃO E APOSENTADORIA	
1. O conceito de identidade.....	3
1.1. Origens e desenvolvimento.....	3
1.2. Sentimento de identidade.....	10
1.3. Identidade profissional.....	23
2. Desenvolvimento do sentimento de identidade.....	28
2.1. A proposta teórica de Erikson.....	29
2.1.1. Comprometimento e crise.....	30
2.1.2. Desenvolvimento como ciclo epigenético.....	34
2.2. Outros aspectos do desenvolvimento: fatores psicológicos.....	40
2.2.1. Imagem corporal.....	40
2.2.2. Narcisismo.....	44
2.2.3. Relacionamento com a mãe.....	47
2.2.4. Luto .....	49
2.2.5. Formação e integração de vínculos.....	50
2.2.6. Comunicabilidade.....	52
2.3. Outros aspectos: fatores sociais.....	53
2.3.1. Realidade social.....	54
2.3.2. Interação social.....	55
2.3.3. Família.....	58
3. A abstração da velhice.....	61

	P.
3.1. Aspectos gerais.....	61
3.2. Dificuldades na conceituação.....	63
3.3. Consequências da mitificação dos anos dourados.....	66
4. Aposentadoria.....	74
4.1. Noções gerais.....	74
4.2. Tipos de aposentadoria.....	76
4.3. Considerações sobre as implicações sociais da aposentadoria.....	77
5. Ferroviário.....	79
5.1. A Importância do transporte ferroviário.....	79
5.2. A Unificação .....	81
5.3. A Carreira de maquinista.....	83

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA

2.1. Apresentação geral.....	85
2.2. Seleção dos entrevistados.....	87
2.3. Contactos iniciais e realização das entrevistas.....	95

## CAPÍTULO III

### DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. Apresentação .....	103
3.2. Análise da relação - entrevistador - entrevistado.....	103
3.3. Análise das reações dos familiares.....	111
3.4. Considerações sobre nossa atuação.....	113
4. Análise dos temas das entrevistas.....	114
4.1. Considerações gerais.....	114
4.2. A carreira e o status profissional do maquinista..	116
4.2.1. Ingresso na carreira.....	116

4.2.2. Trajetória profissional.....	122
4.2.3. Valorização do cargo de maquinista: ligação com o instrumento de trabalho.....	124
4.2.4. Ambiente de trabalho e associações de classe.....	135
4.3. Conclusão parcial.....	144
4.4. Os anos dourados.....	146
4.4.1. Mito da aposentadoria.....	146
4.4.2. O prêmio: aposentadoria por tempo de serviço.....	148
4.4.3. Consequências: mito versus realidade.....	156
4.4.3.1. O velho e o tempo.....	159
4.4.3.1.1. Inexistência de planos.....	162
4.4.3.1.2. Marginalização.....	166
4.4.3.2. O velho e a imagem corporal.....	169
4.4.3.3. Tabu da morte: reações.....	173
4.4.4. Possibilidade de reconstrução.....	177
CONCLUSÕES.....	187
ANEXOS.....	192
ANEXOS I - Roteiro das entrevistas.....	192
ANEXOS II- Ficha de inscrição da UFAM.....	197
BIBLIOGRAFIA.....	198

## SUMÁRIO

O presente trabalho tem por objetivo verificar até que ponto a aposentadoria pode ser vivida como uma situação crítica ou de estagnação, devido ao valor social conferido ao trabalho ou se o indivíduo pode encontrar outras formas de se relacionar produtiva e criativamente nessa nova etapa de sua vida.

Realizamos uma pesquisa exploratória, entrevistando dezesseis ferroviários, oito maquinistas e oito ajudantes com um a dez anos de aposentadoria. Escolhemos a função de maquinista pelo alto valor que, na época, lhe era conferido, e por ser aquela onde é mais acentuado o vínculo do trabalhador com seu instrumento de trabalho.

O procedimento consistiu basicamente de duas entrevistas semi estruturadas, onde o indivíduo verbalizou livremente sobre sua vida pregressa e atual.

Encontramos nos dois grupos, respostas semelhantes relacionadas com a idealização da carreira e da aposentadoria, ao lado de um forte sentimento de desvalorização enquanto trabalhadores e aposentados. Além disso, em todos os entrevistados pudemos observar uma preocupação direta ou indireta com a morte.

Os resultados obtidos evidenciam que os indivíduos nesta fase da vida podem em parte reestruturar-se, através de uma maior dedicação a grupos assistenciais, ou realizando pequenas tarefas. Porém, encontramos maior integração e reestruturação entre aqueles aposentados, que sentiam-se de certa maneira ajustados diante dos fatos irreversíveis da existência: velhice e morte.

De maneira geral, os resultados obtidos não são conclusivos, uma vez que se trata de um estudo exploratório com um número muito reduzido de entrevistas. Acreditamos porém, que eles poderão mobilizar uma maior atenção dos psicólogos acadêmicos, à segmentos marginalizados da população ; que futuras pesquisas sobre a velhice e aposentadoria, possam investigar mais amplamente os fatores que parecem assegurar ao indivíduo uma forma mais produtiva de vivenciá-las.

## INTRODUÇÃO

### APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO

Este estudo tem por objetivo investigar alguns aspectos da crise de identidade, decorrente da aposentadoria. Trata-se de um estudo exploratório, realizado com um grupo de ferroviários aposentados, maquinistas e ajudantes de maquinistas. Partimos da hipótese de que a interrupção da atividade produtiva gera uma crise que poderá ser vivenciada de diferentes maneiras.

Justificamos esta hipótese lembrando que em nossa sociedade é o trabalho que possibilita ao homem participar do mundo adulto e relacionar-se produtivamente com ele; que a partir de uma determinada idade, o indivíduo é basicamente reconhecido e valorizado pela atividade que realiza e pela posição social que essa atividade lhe propicia. Ainda a este respeito queremos mencionar Freud ( in Erikson; p. 137) para quem um homem saudável, normal, poderia se definir por sua capacidade de "amar e produzir".

Assim, levando em conta tais aspectos, interessava-nos investigar até que ponto a aposentadoria poderia ser vivida como uma situação crítica, de estagnação ou desespero. Ou, caso o indivíduo se reestruturasse nesta nova fase de sua vida, como poderia fazê-lo.



Depois de breve apresentação das razões que indicaram e direcionaram a presente pesquisa, gostaríamos de dizer que no capítulo inicial, analisaremos em primeiro lugar as origens e o desenvolvimento do conceito de identidade. A seguir, utilizando-nos das colocações de Erikson e de outros autores, discutiremos alguns aspectos relativos ao sentimento de identidade, seu desenvolvimento e influência sobre o comportamento do indivíduo. Em continuidade examinaremos alguns aspectos da terceira idade, como a mesma é encarada em nossa cultura e ainda, a questão social da aposentadoria. Finalmente descreveremos alguns fatos relevantes da vida e história dos ferroviários e que interessam ao presente estudo. Passemos então, às origens e ao desenvolvimento do conceito de identidade.



## CAPÍTULO I

### IDENTIDADE, PROFISSÃO E APOSENTADORIA

#### 1. O conceito de Identidade

##### 1.1. Origem e desenvolvimento

Com o progresso da psicanálise e uma compreensão maior do funcionamento do aparelho psíquico surge em diferentes autores, uma crescente preocupação com a questão de Identidade. Assim desenvolveremos nossa discussão sobre o conceito de Identidade a partir da abordagem psicanalítica, pois esta possui, a nosso ver, um manancial de elementos para o estudo do tema. Queremos lembrar de início, que Freud não discutiu diretamente o conceito de identidade, pois só o mencionou - como testemunham Grimberg (1971; p.177) e Erikson (1976; p.19) - quando se referiu à sua filiação ao povo judeu, portanto numa acepção não psicanalítica. Todavia, o conceito de Identidade está implícito em seus trabalhos, especialmente no pormenorizado estudo do Ego, seu desenvolvimento e funções, no qual define esta instância como regente da conduta e sede da consciência que, para executar satisfatoriamente suas funções, tem que conhecer a realidade e manter-se uno e coerente consigo mesmo.

Para Laplanche, (1970; pp. 171-188) a noção de Ego sempre esteve presente na obra psicanalítica, mas a distinção deste termo, com significado de uma instância central de personalidade

e de EU, não foi jamais clarificada, aparecendo em diferentes momentos a palavra Ego, com significação ambígua.

É Laplanche quem afirma:

*Não nos parece desejável apresentar, desde logo, uma distinção do Ego, como pessoa, e Ego como instância, porque a articulação desses dois sentidos, está precisamente no centro da problemática do Ego (1970; p. 173).*

Para expor o desenvolvimento da psicologia do Ego na obra de Freud, retomamos novamente Laplanche quando afirma que a preocupação com o estudo do Ego, seu desenvolvimento e funções, aparece bem cedo na obra psicanalítica e permanece mesmo depois de 1920.<sup>(1)</sup>

A este respeito, Roazen (1976; p.20) também tece algumas considerações afirmando que "o Ego que Freud começou a enfatizar como abstração" em 1920 e 1930, já existia em seus trabalhos de 1890<sup>(2)</sup> e que o próprio Freud, forneceu inúmeros elementos para o seu desenvolvimento embora sua contribuição tenha sido interpretada de várias maneiras pelos diferentes analistas, tomando, por isto mesmo diferentes direções.

---

(1) Acrescentamos outra de suas colocações que esclarece um pouco mais esta questão:

...por um lado, o estudo do conjunto dos textos freudianos não permite localizar duas acepções do Ego correspondentes a dois períodos diferentes: pois a noção de Ego sempre esteve presente, apesar de ter sido renovada por sucessivas contribuições (narcisismo, destaque da noção de identificação etc)" Por outro lado não se poderia limitar à viragem de 1920, o surgimento e o esclarecimento da definição do ego pois esta como se sabe compreende, outras numerosas contribuições essenciais... Laplanche (1970; p.172)

(2) 1890 - Verificamos que nos estudos dos "mecanismos dos fenômenos históricos" realizados por Freud e Breuer, já se fala que os acontecimentos poderiam tornar-se traumáticos, causadores de emoções intensas, podendo constituir uma "sobrecarga ao Eu". Freud, aqui, já formulava o conceito de defesa, realizando o Eu a repressão, para defender-se das recordações e sentimentos ligados ao fato traumático.

Roazen nos lembra que, para Freud, "análise era automaticamente síntese do Ego"(1976; p.18 ),além disto também menciona que Freud, nas *Lições Introdutórias da Psicanálise*, (1917), talvez antevendo a possibilidade de novos rumos na teoria psicanalítica, considerou que dever-se-ia fazer uma distinção, entre as contribuições que poderiam advir da psicologia do Ego, e aquelas decorrentes dos assim chamados fatos da vida pulsional.

Desta forma, ainda na opinião de Roazen (1976), tais colocações deveriam ser suficientes para fazer com que as forças construtivas do Ego fossem privilegiadas, ou pelo menos, enfatizadas no estudo psicológico do ser humano, o que só ocorreu, como já mencionamos, a partir de 1930<sup>(1)</sup>, com um maior interesse de diferentes autores nesta área.

Neste sentido, Erikson é um dos autores que enfatiza e privilegia os aspectos do Ego que não estavam sendo abordados mais profundamente. Ele mantém, segundo Roazen (1976; p.19) a distinção apontada por Freud entre as contribuições da psicologia do Ego e aquelas decorrentes dos fatos da vida pulsional. Além disso, parece ter sido o 1º autor a investigar a Identidade como um conceito psicossocial, razão pela qual nos deteremos mais profundamente neste autor. Antes de trazermos algumas considerações a respeito da abordagem de Erikson, gostaríamos no

---

(1)Silva (1976;pp.61-62;149) tece algumas considerações a respeito do desenvolvimento da psicologia do Ego na obra psicanalítica, que pelo menos poderão nos situar historicamente com relação aos diferentes autores. Menciona particularmente A. Freud, com seu livro *O ego e os Mecanismos de Defesa* (1921), na gênese desta nova orientação que dava maior ênfase às funções adaptativas e unificadoras do Ego. Cita ainda H. Hartmann, que em 1928 lançou suas idéias que tentavam expandir os conhecimentos do Ego, ao enfatizar e acentuar suas funções adaptativas. Além disso também nos cita as contribuições de Erikson que procurariam um melhor entendimento do desenvolvimento do Ego, inserido em sua realidade social, formuladas nos livros *Infância e Sociedade* (1950) e *Identidade, Juventude e Crise*, (1968)

entanto, fazer um parêntese para citar certas influências relacionadas pelo próprio Erikson na elaboração de suas idéias.

Como já mencionamos, embora o ponto de partida de Erikson seja Freud, houve outros autores citados pelo próprio Erikson que o influenciaram em suas concepções (1976; pp. 210-227). Temos H. Hartman, que investigou as respostas adaptativas do Ego frente ao ambiente; E. Kris, que propôs a habilidade do Ego autônomo para resistir a regressão como índice de normalidade e Anna Freud que descreveu as funções defensivas do Ego. Igualmente, segundo Roazen (1976; p.21), Erikson também cita P. Schilder e P. Federn, como precursores da psicologia do Ego.

Iremos verificar a partir de alguns trechos de sua obra, a importância que Erikson atribui aos aspectos inconscientes do Ego, mas também, a ênfase dada às suas funções unificadoras que assegurarão segundo ele, comportamento e condutas adequadas e mais integrados à realidade individual e social. Ele nos mostra que o seu papel, não é apenas evitar a ansiedade, ou seja, ação defensiva, mas executar uma performance eficaz, utilizando-se, portanto, de suas funções integrativas e sintetizadoras. Suas defesas não devem ser consideradas necessariamente patológicas, podendo ser encaradas como bem ou mal sucedidas.

A respeito das funções integrativas do Ego, Erikson considera que, tendo inicialmente a psicanálise se desenvolvido a partir da psicopatologia, teve pouco a dizer sobre o Ego ou como ele diz "sobre essa etapa intermediária" (1976; p.178). Além disso, igualmente nos diz que pretende, ao investigar esta área, ir "além dos seus simples aspectos defensivos", formulados por Anna Freud em seu livro "*O Ego e os Mecanismos de defesa*" (1976; p.179). Nesta proposta de Erikson observamos que, no sentido psicanalítico, o Ego funciona como "um guardião da continuidade interna",



que salvaguarda a individualidade. Ele tem o domínio de uma agen  
cia interna que preserva uma existência coesa filtrando e sinte  
tizando em diferentes momentos, impressões, emoções, recordações  
 e impulsos que tentam penetrar em nosso pensamento e exigir a  
 nossa atenção e ação e que nos dilacerariam se não fossem sele  
cionados por um sistema de triagem, lentamente criado e zelosa  
 mente vigilante; e finalmente, como guardião interno, possibili  
taria ao indivíduo reestruturar-se (1976; p. 219).

Também mostra que, não foi possível estudar-se mais de  
 detalhadamente tais funções integrativas, pelo fato de estarem até  
 então praticamente ausentes do enfoque da psicanálise. Daí, tal-  
 vés a necessidade, não de reduzir, mas de ampliar a abordagem,  
 tentando pesquisar e investigar mais sobre as funções unificado  
ras e sintetizadoras do Ego. Graças a estas funções ao aceitar  
 os valores (sociais) o indivíduo pode encontrar uma forma mais  
 apropriada de conviver com a realidade. Ele observa que a adap  
tação é uma das maneiras de indivíduo adequar-se à realidade, e  
 não apenas, uma defesa ou uma forma do indivíduo "acomodar-se"  
 ou sujeitar-se à realidade. A função adaptativa se refere emi  
nentemente à utilização de suas potencialidades criativas. Se  
 este aspecto do ajustamento não fosse assim encarado, a dimen  
são desta abordagem, seria extremamente limitada e perigosa,  
 retirando ao indivíduo, qualquer possibilidade de como consciên  
cia, refletir e questionar, considerando-se integrado, tão somen  
te pelo fato de estar "ajustado", "enquadrado" à realidade. .  
 Para entendermos melhor a posição de Erikson a respeito das fun  
ções integrativas do Ego, citamos:

*... Não se deve deixar de lado o conceito de um ego in  
 consciente, que faz por nós, como o coração e o cérebro  
 fazem, e que nunca poderíamos calcular ou planejar  
 conscientemente, ..... mas,*

*por outro lado, ignorar o "EU" consciente, em suas relações com a sua existência (como a teoria psicanalítica fez) significa eliminar o núcleo de percepção de nós próprios, e a capacidade que, no final de contas torna possível a auto-análise" (1976; p. 219).*

a

Finalizando colocaremos outra das afirmações de Erikson, muito bem sintetizada por Roazen (1970; p.24), sobre a identidade. Segundo Erikson, tudo que está ligado à força do Ego, aos seus aspectos positivos é acrescentado à identidade. Neste sentido, a identidade é um conceito relacionado com o desenvolvimento de um ego "lentamente" criado, ou seja, o sentimento de identidade é uma das manifestações do Ego, quando este já está bem mais integrado e desenvolvido, do que está na primeira infância. Este Ego sofre uma constante reestruturação e reorganização em seus aspectos mais significativos, e as diferentes situações que vive servirão para acrescentar-lhe novas forças para manter contacto positivo com a realidade.

Este aspecto nos interessa bastante devido à nossa colocação inicial, quando da apresentação do nosso estudo: que o homem pode reconstruir-se em diferentes momentos de sua vida, apesar de muitas vezes, estar rodeado de situações adversas. Mesmo que o próprio ambiente tenha inadequações ao lidar com determinados fatos, como por ex: a velhice e a aposentadoria, tais aspectos poderão afetar em maior ou menor grau a reorganização que o indivíduo conseguira nas diferentes etapas de sua vida.

Como o sentimento de identidade é decorrência de um contínuo processo, de lento desenvolvimento, não deve ser considerado algo que se torna estável como uma armadura, pois para explicá-lo, entre outras coisas, Erikson utilizou-se de dois processos bem dinâmicos: a emergência de contínuas crises; e o empréstimo do princípio epigenético da biologia que pressupõe uma

constante diferenciação, integração, e reordenação das partes. Pode-se perceber, então, que a identidade é um processo em constante devenir, e como já dissemos, uma das manifestações do Ego quando este já está bem integrado. Parece que Erikson foi o primeiro a enfatizar a importância e esclarecer o significado do conceito de identidade. Mesmo assim porém, adota uma posição cautelosa a respeito de sua própria contribuição, ao comentá-las em seus livros, especialmente em *Infancia e Sociedade* (1976; p.19), onde considera que não nos revela um problema novo ou desconhecido, mas um outro modo de ver as coisas:

*Durante séculos, essa interrogação (referente a localização e causa de um distúrbio neurótico), girou em torno da controvérsia eclesiástica sobre as origens da demência; era um demônio interior ou inflamação aguda no cérebro? Uma antítese tão simples nos parece hoje de há muito obsoleta. Nos últimos anos, chegamos à conclusão de que a neurose é psico e somática, psico e social e interpessoal. Quase sempre, porém o debate revela que também estas novas definições nada mais são do que modos diferentes de combinar conceitos distintos como psique e soma, indivíduo e grupo. (1976;p.19 (parênteses nossos)).*

Ainda no mesmo livro, Erikson nos chama a atenção para o anterior endeusamento e mitificação dos conceitos, relacionados com a vida pulsional, simultaneamente refletindo se não poderia ocorrer fato semelhante com relação ao conceito de identidade:

*...Quando os indivíduos se concentram sobre uma área não explorada da existência humana, aumentam a importância dessa área para fazer dela o Universo e materializam em seu centro a realidade primária. Assim como salientei, ao discutir a teoria da sexualidade infantil, o id foi materializado na psocanálise, e os instintos se tornaram o universo não obstante a referência soberana de Freud de que os instintos são sua "mitologia" (1976; p. 382)*

Do mesmo modo que tal conceito (de vida instintiva), foi reificado, ocupando na psicanálise lugar de destaque, "o estudo da identidade então chega a ser tão estratégico em nosso tempo como o da sexualidade na época de Freud" (1976; p.262). Se naquela época a sexualidade e pulsões (ou fenômenos da vida instintiva) eram predominantemente focalizados, decorrência talvez da época histórica, atualmente, com outros valores se fazendo presentes, é natural que sejam valorizados outros aspectos da vida afetiva do ser humano.

Assim, quando utilizou o termo identidade e formulou o conceito de identidade, Erikson elaborou uma série de idéias que tentaremos expor a seguir. Posteriormente tentaremos salientar a influência deste sentimento sobre relacionamento interpessoal e sobre o desenvolvimento humano.

## 1.2. O Sentimento de Identidade

Segundo Roazen (1976; p.24), Erikson considera o sentimento de identidade, como ponto de partida para o não focalizado trabalho de síntese do Ego, além de caracterizá-lo mesmo que apenas uma vez, como "um conflito relativamente inconsciente" ou como entendemos uma preservação da auto orientação interna.

Para Erikson, em *Infância e Sociedade* (1976; p.249) o sentimento de identidade sendo decorrência de um desenvolvimento psicossocial, se caracterizaria por uma sucessão de fases, ou melhor, momentos ou pontos críticos onde haveria a possibilidade do indivíduo deslocar-se para o progresso e integração, ou para regressão e sujeição. Já no livro *Identidade Juventude e Crise* (1976; p.17), encontramos que identidade é "um sentimento subjetivo de envigorante uniformidade e continuidade", algo



que o indivíduo percebe como um reconhecimento de si mesmo. Roazen nos esclarece a este respeito, mostrando que para Erikson, cada um de nós necessita de um sentimento de inovação, assegurado pela possibilidade de ter mais espaço para agir e é isto o que uma firme identidade proporciona. Quando ele fala de espaço, está se referindo a possibilidade do indivíduo manter a centralidade das experiências, capacitando-o a fazer escolhas, que lhe sejam significativas. Ele tem estabilidade, um centro interno, que lhe permite ir à deriva; inovar dentro dos seus padrões, sair da rota que externamente pode lhe ser imposta, pois tem esta auto orientação que o direciona.

Além disso, o sentimento de identidade, estaria relacionado com o esforço de definição, redefinição de si mesmo, contrapondo alternativas sexuais, étnicas e ocupacionais e impelindo o indivíduo a se decidir por alguns desses aspectos (1976<sub>a</sub>; p.87). Convém, em todo caso, acentuar o quanto para Erikson é significativo a centralidade das experiências, pois graças à mesma, o indivíduo fará suas diferentes opções, poderá inovar mantendo-se uno e coerente, reconhecendo suas necessidades e o que o meio lhe oferece, percebendo como poderá atuar em direção ao objetivo que almeja.

Segundo Erikson, é através da consciência de uma firme identidade que o indivíduo pode afirmar, tal como W. James "Isto é que realmente eu sou" (1976<sub>a</sub>; p.18). Igualmente, para o autor, é através do sentimento de identidade, que o indivíduo sente, e acredita que ele é quem é, atuando neste reconhecimento, o sentimento consciente de mesmidade e continuidade, de singularidade individual ou a luta inconsciente pela continuidade da experiência (1976; p.49).

Além desses aspectos, de uma identidade pessoal, Erikson

fala de uma identidade como um conceito psicossocial, pois o homem também é um animal social, "o zoom político de Aristóteles", que deve conviver com outros numa sociedade. Tal fato não só limita a satisfação de suas necessidades como também norteia seu ser em função da existência de companheiros.

Assim, para ele, o sentimento de identidade, inclui a "reflexão e observação simultâneas", capacitando o indivíduo a ver-se e julgar-se, não só a partir dos seus próprios valores, mas também, levando em conta o que é significativo para os membros de uma comunidade (1976; pp. 21-22).

Roazen, (1976;p.27), a respeito da preocupação de Erikson em enfatizar o significado da dimensão interna da experiência e a influência externa, ou seja, a respeito da preocupação em torno da interação desses dois limites, questiona até que ponto, os conceitos psicanalíticos do Ego são capazes de ultrapassar a distância entre o mundo interno e externo deixando talvez implícito, a ausência de termos que pudessem conceituar e caracterizar melhor, a influência e relatividade de um sobre o outro. Sobre essa dificuldade de fazer a ponte entre os fatores internos e a influência da sociedade, o próprio Erikson já nos alerta no início de sua obra *Identidade Juventude e Crise* (1976; pp.21-22) deixando subtendido que talvez o conceito do sentimento de identidade poderia ser um dos primeiros que integraria os dois limites mencionados.

Ainda levando em conta a influência do aspecto social, verificamos que o sentimento de identidade pode ser experimentado como uma sensação de bem estar psicossocial, ou seja o sentimento de estar bem com o próprio corpo, uma auto-orientação, ou mesmo definição interna de se saber para onde se vai; uma certeza íntima do reconhecimento daqueles que lhe são significativos (1976; pp.48-49). Quando o autor faz tais afirmações,

acentua a importância do indivíduo encontrar no meio ou no grupo social aspectos com os quais poderá identificar-se, não só fazendo parte, mas realmente integrando-se em determinados grupos sociais.

Erikson conceitua o sentimento de identidade entre outros, pelos seguintes aspectos : (1976; p.209).

1- Sentimento consciente de sua singularidade pessoal.

Aqui ele nos mostra que o indivíduo é um entre muitos. Apesar de pertencer a um determinado grupo, com certas normas e limites que estabelecem parâmetros para seu agir e sentir ele é um ser individualizado, caracterizado pelo comportamento e atitudes, diferentes e próprias, que possa ou não revelar.

A este respeito citamos o tema da peça de Pirandello, "*Como Você Me Quer*". Um homem, muitos anos depois de ter perdido a mulher que amava, descobre outra exatamente igual à anterior. Ela lhe dava impressão que era a esposa perdida, mas o homem ainda duvidava que ela pudesse ser a mesma mulher que amou. Aos poucos a jovem readquiriu a memória assemelhando-se mais e mais à esposa perdida. Mas as dúvidas do homem não diminuíram. Se ela, pelo menos, lhe dissesse que era a mesma pessoa, o seu desespero terminaria. Mas ela se recusou a dizer isso, pois aparentemente, queria que o marido a amasse pelo que era agora, fosse ou não a mulher perdida. (in Asch 1966; p.242).

2- Luta inconsciente pela continuidade da experiência ; o autor aqui parece complementar o anteriormente exposto; ou seja, considera que a luta inconsciente pela continuidade da experiência se traduz no conhecimento que o indivíduo tem de si mesmo. Também está relacionado com a estabilidade e firmeza, mesmo diante de mudanças, ou de circunstâncias adversas. O indivíduo permanece hoje com suas impressões de ontem. Imagina-se,

igualmente hoje, com vistas para o amanhã. Desta forma o indivíduo se reconhece e se percebe como ele mesmo, em diferentes lugares e situações.

Para esclarecer um pouco mais o sentido desta afirmação valemo-nos de um dos episódios da peça - *Anfitrião* - (Plautus). O deus Mercúrio, personifica-se num dado momento num outro personagem idêntico ao escravo Sosia. A certa altura esta "criação", abordou e chegou a contundir o verdadeiro escravo Sosia. Quando o próprio volta para casa de seu senhor, Anfitrião, este lhe indagou: "Quem lhe bateu?" Ao que Sosia atordoado, respondeu-lhe - "Ora eu mesmo, o outro eu que está em casa". Momentaneamente, Sosia exposto a situação irônica, pois ao mesmo tempo dramática e cômica, duvida de sua própria identidade, de seu lugar, da continuidade de sua experiência, num episódio em que uma outra edição repetida dele mesmo, cópia e imitação forjadas por um deus brincalhão, transitoriamente rompeu sua continuidade, separando aquele eu de seu próprio passado. (in Asch 1966; p. 243).

3- Solidariedade para com os ideais do grupo. Aqui, Erikson está se referindo à importância de estar em conformidade com aquilo que o grupo espera dele. Esta característica nos mostra que o sentimento de identidade não se refere apenas ao sentimento de mesmidade e continuidade frente ao ambiente. Trata-se também de uma identidade cultural, devido à participação do indivíduo num determinado grupo, numa dada época, e que o autor diz ser consequência do desenvolvimento psicossocial. Isto também ocorre devido a importância que o grupo lhe confere e é conferida a ele; igualmente devido ao significado de pertencer e a ser aceito como um dos membros daquele grupo, adequando-se às suas normas e expectativas.



Além disso, para Erikson o sentimento de identidade é resultante de um processo que tem direção e continuidade (1976; pp.21-22). Logo não pode ser considerado apenas como a somatória de identificações infantis (1976<sup>a</sup>; p.86) e (1976<sup>b</sup>; p.24). Ele é consequência do desenvolvimento pessoal, da sensação de controle central sobre si mesmo. O indivíduo tem uma direção interna para seus atos, que o mobilizarão mais para determinadas ações que para outras. Neste sentido, para Erikson, a identidade decorre da orientação do indivíduo para si mesmo e para o mundo que o cerca (1976<sup>a</sup>; pp. 91-93). Nesta orientação, pressupomos, que está presente um sistema de idéias e valores, que lhe possibilita uma forma de ser, de relacionar-se com o mundo. Consideramos que aí também está incluído o seu próprio modo de se ver a si mesmo, com suas impressões, fantasias, e idealizações. Ainda a este respeito, julgamos oportuno lembrar a colocação de Vergote((s.d.); p.67) baseado em Freud para quem o processo de humanização, de conquista de sua própria identidade, consiste num duplo movimento: investir em si mesmo, identificando-se com aquele do mesmo sexo, e dirigir-se para o outro como um objeto de amor.

Por outro lado a importância do meio social na aquisição, desenvolvimento e estabelecimento de identidade se justifica se lembramos que Erikson considera importante, como já mencionamos "integrar infância e sociedade". Neste sentido ele enfatiza o significado do grupo ao afirmar que se desenvolve, no indivíduo uma série de comportamentos e atitudes decorrentes de sucessivas fases, críticas ou vitais, as quais possibilitarão o estabelecimento de determinadas alternativas que permitirão uma interação significativa e eficaz do indivíduo com o mundo ao redor (1976; pp. 230-249).

Para Erikson, é impossível abstrair o homem da sociedade, "... pela simples razão de que o ciclo de vida humana e as instituições do homem têm evoluído juntos" (1976; p.230).

Em seu livro "*Identidade, Juventude e Crise*", o autor declara que o sentimento de identidade está relacionado com o modo individual de dominar experiências. Deve ser uma variante bem sucedida da identidade do grupo com um determinado espaço de tempo e plano de vida individual. (1976; pp.47-48). Neste mesmo livro, ele considera que a sociedade guia e limita a escolha individual. Em nosso entender, é o pano de fundo, onde surgirão diretrizes básicas para a atuação dos indivíduos. É o suporte, o arcabouço, que em interação com os aspectos pessoais, auxiliará na determinação e estabelecimento do sentimento de identidade.

Roazen (1976; p.34) fornece alguns esclarecimentos sobre a importância do meio social na aquisição e estabelecimento da identidade. Ele mostra que Erikson, além de perceber que a sociedade oferece meios para segurança e satisfação do indivíduo, também nota que ela exige que o indivíduo não se desvie demasiadamente de grupo na maneira de analisar os fatos. De certo modo, este aspecto pode ser bem entendido, e até certo ponto justificado, se lembramos a necessidade do indivíduo ser contido, fazer parte ou filiar-se a um determinado grupo. Vê-se pois, que a organização social se torna uma necessidade para o desenvolvimento individual, sendo que para Erikson (in Roazen, 1976; p.35), o Ego só pode estabelecer-se e desenvolver-se de acordo com as exigências que o meio lhe faz, em contacto com as instituições culturais.

Assim, o processo de tornar-se um ser humanizado efetua-se em íntima relação com o ambiente, recebendo a identidade

peçoal, a influência tanto de fatores globais, como específicos.

Queremos ainda acrescentar que graças ao sentimento de identidade, o indivíduo é aceito e reconhecido pelo grupo, como alguém que se tornou aquilo que é. Será seu próprio grupo que o legítima como pessoa e lhe reafirma, a partir disto uma determinada identidade.

O indivíduo pede reconhecimento da sociedade e ao mesmo tempo a reconhece como um fator importante em seus atos, percebendo como os outros o vêem, comparando-se com eles próprios, com uma norma que lhes é significativa. Por exemplo, aqui estou me referindo à concepção que o grupo tem do velho - aquele que não tem perspectivas. Ao ser visto assim, ele muitas vezes as simila e introjeta esta representação, e com ela se conforma. Além disso, queremos repetir, graças ao sentimento de identida de, o indivíduo sente e acredita que ele é quem é. Atuam neste reconhecimento, o sentimento de mesmidade e continuidade, a lu ta inconsciente pela continuidade de experiência, e a solidarie dade para com os ideais do grupo.

O sentimento de identidade é pois, o sentimento ou vi vência da pessoa como tal. Sua manifestação traduz de maneira mais ou menos fiel, o que a pessoa é e quer. Refere-se também, a inserção do indivíduo no mundo como ser corpóreo com afetos, desejos e valores. Tal sentimento pode ser mais ou menos intenso, mais ou menos fiel à realidade, ou modificado pelas fantasias. Porém, todos o têm, podendo ser ampliado ou alterado.

Igualmente consideramos que a identidade funciona como um marco de referência interna, possibilitando que o indivíduo alcance "independência e originalidade" como observou Freud, (1920; p.2600), apesar de pertencer a uma determinada cultura .

Ao considerarmos a identidade como um marco de referência interna, como um ponto zero, a partir do qual o indivíduo se constitui como pessoa, verificamos que tal marco fornece significado às diversas situações de vida. O reconhecimento dele, de sua existência, possibilita cada vez mais a afirmação de si mesmo em busca de sentido para o próprio existir de cada um, com independência e originalidade. Graças a ele, o indivíduo pode captar e desenvolver o que lhe é intrínseco. É ele que possibilita perceber, tal como Nora em *Casa de Bonecas*, de Ibsen(1976) , a importância de ser fiel a si mesmo a cada passo da vida.

Através da consciência da própria identidade, nós nos diferenciamos dos outros, com nossos atributos e peculiaridades físicas, psíquicas e sociais. Deste modo, temos uma maior capacidade de nos discriminar, tanto em relação ao que pensamos ter sido e que julgamos ser agora, como em relação à existência e ao modo de ser dos outros.

Erikson também coloca que uma firme identidade seria caracterizada através do comprometimento que o indivíduo exibe em diferentes atitudes tomadas, nas diversas circunstâncias de sua vida. Considera que uma identidade firmemente estabelecida possibilitaria ao indivíduo uma ligação maior com suas opções. Este comprometimento poderia revelar a qualidade da manifestação do sentimento de identidade, expressando-se, principalmente, nos relacionamentos inter e intra grupais. Consideramos, assim, que o sentimento de identidade relaciona-se com o conhecimento, reconhecimento, e portanto posse de si mesmo, de seu próprio ser. Isto possibilitaria ao indivíduo assumir, cada vez mais, um maior compromisso com o mundo adulto e com aquilo que realiza.



Além disso, o sentimento de identidade pode ser considerado como a manifestação da individualidade. Tal manifestação poderá ser mais ou menos intensa. Neste sentido, consideramos que para Erikson a identidade é a qualidade do conhecimento consciente da própria individualidade, embora saibamos, que os aspectos do passado, e outras experiências de vida não podem ser dissociadas de tal sentimento — fazem parte de si mesmo, da auto identidade. Queremos acentuar que quanto mais intensamente o indivíduo conhecer e aceitar tais aspectos internos que aparentemente ele desconhece como sendo expressões suas, maior será a possibilidade de perceber sua auto identidade, (como ele mesmo se vê), com a manifestação desta identidade tal como é percebida e reconhecida pelos outros. Ele terá, assim, maior força para lutar e afirmar-se perante os outros, através dos aspectos de si que considera importantes.

A este respeito, complementando, citamos Berger, (1976; p.177) para quem a identidade é : "objetivamente definida como a localização em um certo mundo, e só pode ser subjetivamente apropriada, juntamente com este mundo". Ter uma identidade, além de ter um nome, um status, uma situação, implica, antes de tudo, ter lugar definido no mundo.

Graças à aquisição do sentimento de identidade, o indivíduo percebe sua possibilidade de exprimir-se eficazmente, e ter um real relacionamento inter subjetivo. Desta forma, o indivíduo poderá manifestar seus desejos, mesmo passando pelo crivo social. Poderá trazer em si, assinalada, a marca de sua própria individualidade, mesmo sendo esta, em parte articulada e contingente à realidade na qual ele vive.

Como Erikson afirma, a identidade não pode ser entendida como uma estrutura, que o indivíduo conseguiria possuir a

partir de um determinado tempo ou situação. Tampouco se refere a uma estabilização ou status que uns possuem outros não. (1976; p.22).

Ainda a este respeito, segundo Roazen (1976; p.92), a identidade se refere à possibilidade do Ego manter padrões essenciais de si mesmo, mesmo durante um processo de mudança. E conforme o próprio Erikson afirma, (1976; p.304), a identidade pode ser considerada não como uma aquisição de traços permanentes ou papéis, mas como um conflito com o passado que ele viveu, e com suas potencialidades futuras.

Assim, para Erikson, o Ego é ativo. Integra o passado vivido e se projeta no futuro, traça planos, tem perspectivas, considera suas potencialidades e o que o meio lhe oferece. Erikson vê a formação de identidade como um processo que continua através da vida, embora sua crise específica ocorra na adolescência. (1)

Como já verificamos, o conceito de identidade por sua abrangência e tentativa de integrar aspectos internos e externos, também pode ser mitificado a tal ponto que passe a ser encarado magicamente como capaz de resolver todas as dificuldades psicológicas.

Além disso, como verificamos, o próprio Erikson aponta para a dificuldade em precisa-lo. Ele afirma: "... ao mesmo tempo....que o problema é tão universal,... é no entanto tão difícil de apreender" (1976; p.21)

---

(1) No sentido operacionalizar o constructo teórico proposto por Erikson foram efetuadas nos E.U.A. algumas pesquisas com adolescentes; a este respeito citamos J. Márcia ( Determination and Construct Validity of Ego Identity Status, 1964); Josselson (Psychodynamic Aspects of Identity Formation in College Women, 1973); Ramsdell e Gaier (Identity and Reality Reflected in Adolescent Fiction: the early sixties and the early seventies. 1974).

Em outro momento, mais uma vez assinala esta dificuldade, ao colocar:

*Fiz a mim próprio esta pergunta mais de uma vez, (e agora ter-me-ei entendido a mim próprio?), mais de uma vez, ao reler o que tenho escrito sobre identidade, apresso-me a declarar que não oferecerei neste livro uma explicação definitiva. Quanto mais se escreve sobre este assunto, mais o termo se converte em algo tão insondável como difuso. Só é possível explorá-lo estabelecendo sua natureza indispensável em vários contextos (1976; p.9) (parenteses nossos)*  
a

Assim, levando em conta as dificuldades e complexidade do tema, gostaríamos de relembrar que consideramos como Erikson, a manifestação do sentimento de identidade como a qualidade e intensidade do conhecimento consciente que o indivíduo tem de si próprio e de que ele é um, entre muitos. Como diz Erikson: "A identidade do Ego" é por assim dizer, a qualidade do Ego dessa existência" (1976; p.49).

Segundo esse autor, a identidade poderia realizar parte das funções do Ego, a quem cabe conhecer a realidade externa. Há porém, muitos aspectos de si próprio que o indivíduo nega, reprime, escotomiza por incontáveis, mas que apesar disso, fazem parte dele, de sua identidade pessoal, e ele sabe inconscientemente que o fazem, embora a expressão destes aspectos não seja reconhecida pelo indivíduo como manifestação de si mesmo. Tais aspectos fazem parte do indivíduo, do seu eu interior, mas ele não os reconhece como parte integrante de sua identidade. Estas considerações talvez expliquem melhor a afirmação de Erikson de que identidade é um conflito relativamente inconsciente.

Finalizando, devemos lembrar que o sentimento de identidade não se esgota na percepção que o indivíduo tem de si,

isto é, como ele mesmo se vê, como percebe que os outros o vêem, e como interagem estas percepções. Igualmente, não podemos restringir sua compreensão à chamada "crise da adolescência", embora esta exerça papel preponderante, no estabelecimento das coordenadas de identidade, principalmente no que diz respeito a identidade sexual e profissional, através do compromisso que o jovem faz com o mundo que o cerca (1976; pp.17-21)

Para Erikson, a identidade não pode ser entendida apenas como uma fase ou crise, com determinada duração, desenvolvimento e culminância. O sentimento de identidade é resultante de todo um processo. Não é ponto de chegada e término. Caracteriza a evolução do indivíduo. Não pode ser entendida apenas em termos de desempenho, adequação ou não de papéis sociais e sexuais. Tem que ver com estes aspectos e outros da história de cada um, que numa sedimentação ativa se refazem, se interligam e se amalgamam internamente.

Portanto, a aquisição e desenvolvimento da identidade, a descoberta do significado da própria existência, o sentimento de si próprio, o reconhecimento da existência do mundo interno e a fidelidade a ele, resultam de um lento e penoso processo que se inicia com o nascimento, e se prolonga nas diversas etapas de vida do indivíduo.

Sendo assim, consideramos válido vincularmos este aspecto com a hipótese e possibilidade do indivíduo reorganizar-se após a aposentadoria, encontrando aspectos positivos nessa nova etapa de sua vida, apesar da quase sempre visão negativa e da falta de reconhecimento que muitas vezes ele percebe à sua volta.



### 1.3. Identidade profissional

Embora devamos considerar as pessoas na sua totalidade, e o sentimento de identidade inclua em cada momento todos os aspectos socio pessoais, podemos, para facilitar a compreensão deste conceito, subdividi-lo em diferentes aspectos. Por exemplo, é comum falar-se em identidade sexual. Este aspecto da identidade, é de importância fundamental na medida que seu estabelecimento e aquisição é consequência da identificação com os modelos parentais e define a eleição de objetos de amor. Porém não nos deteremos nesta questão, pois ela não é diretamente pertinentes à pesquisa.

A identidade profissional é um outro aspecto fundamental da identidade global pois como já dissemos de início, o trabalho em nossa sociedade possibilita ao indivíduo participar do mundo adulto e relacionar-se no mais das vezes adequada, produtiva e criativamente com ele.<sup>(1)</sup>

Assim, levando em conta o significado da ocupação na nossa cultura, para o homem adulto, tentaremos delimitar o sentimento de identidade em um de seus aspectos, o profissional. Com isso observaremos como o homem vivencia a crise da aposentadoria decorrente da interrupção da atividade produtiva.

Através do trabalho, o homem estabelece uma nova forma de relação com o mundo. Como ser social, ele se realiza também como trabalhador, quando através de suas atividades explora e domina a natureza. Ele produz, e isto, na maior parte das vezes,

---

(1) Gostaríamos de salientar que consideramos a questão do trabalho extremamente complexa. Sabemos que nem todo trabalho é criativo, podendo ser ao invés disto bastante rotinizado como aquele da dona de casa ou do operário; mas voltaremos a este assunto mais tarde.

irá nortear uma série de compromissos e atitudes . A característica primordial desta produção é que o trabalho pode antecipar seus resultados e efeitos. Ele pode projetar-se no futuro por seu intermédio; pode, graças a suas atividades, realizar-se como ser social. A este respeito servimo-nos de uma citação de Marx (in Fischer 1959; p.24).

*Devemos considerar o trabalho como forma de atividade peculiar à espécie humana. Uma aranha realiza operações que se assemelham às de um tecelão; e muitos arquitetos não de sentir-se encabulados face à habilidade com que as abelhas constroem colméias. Porém, desde o início, o que distingue o mais inepto dos arquitetos da mais eficiente das abelhas é que o arquiteto constroê a célula na sua cabeça antes de construí-la na cera. O processo de trabalho resulta na criação de algo que desde o princípio existia na imaginação do trabalhador, existia numa forma ideal. Não ocorre apenas uma mudança de forma provocada pelo trabalhador nos objetos naturais; ocorre ao mesmo tempo, a realização de propósitos humanos em objetos que existiam na natureza independentemente do homem. Em tais objetos, o homem realiza seus propósitos que estabelecem as leis de sua atividade, os propósitos aos quais devem subordinar-se os seus próprios desejos.*

Segundo Ricoer (1968; p.202), a "descoberta ..... do homem como trabalhador, é um dos grandes acontecimentos do pensamento contemporâneo", embora saibamos que na prática e na realidade, o trabalho e o trabalhador sejam desvalorizados.

Esta descoberta, da importância do trabalho e do valor do trabalhador, passa a ter um duplo interesse, se lembrarmos que o trabalho é um dos aspectos importantes para construção da identidade social do indivíduo.

Como diz Kastebaun (1981; p.62), as realizações de uma pessoa, o que ela consegue, e a posição social decorrente da profissão e atividade exercida, constituem fatores importantes, para o indivíduo avaliar-se e ser avaliado.

Este autor continuando a descrever a importância da ocupação, nos lembra, muito apropriadamente, que às perguntas de quem somos, geralmente respondemos, indicando nossa profissão ou atividade. Percebemos assim, que além do nome, residência, estado civil, o trabalho confere uma identidade social do indivíduo, sendo um modo efetivo do adulto relacionar-se com o mundo. Assim a identidade profissional, é um dos aspectos complementares que auxilia e compõe a identidade total do indivíduo. Alguns consideram-na, como Grimberg (1971), uma identidade parcial ou sub-identidade; tal relação em maior ou menor grau, dependeria da posição e da importância que a atividade exerce sobre a vida do indivíduo e do seu comprometimento com ela.

A importância de uma atividade profissional, particularmente eleita, de acordo com as disposições e interesses internos, já foi mencionada por Freud (1929 ;p.3027) como um dos modos do indivíduo atingir a satisfação de suas necessidades pulsionais. Além disso é um das maneiras mais eficazes de inseri-lo na realidade social, orientá-lo e vinculá-lo a determinados grupos. Porém, como ele mesmo afirma, o trabalho não tem sido considerado uma fonte de prazer ou de satisfação para o homem, pois é encarado apenas como uma obrigação para suprir necessidades básicas, que tem ocasionado "os mais difíceis problemas sociais" (Freud; 1929; p. 3027).

Neste sentido, parece-nos bastante relevante a diferença entre um trabalho puramente mecânico, tipo linha de montagem e um trabalho mais criativo. No primeiro o indivíduo além de estar completamente alienado e dissociado do produto final do seu trabalho, se percebe na maior parte das vezes, como uma peça qualquer de um sistema que o ultrapassa. Além disto, dificilmente teria possibilidade de integrar aspectos positivos e

construtivos à sua identidade social, a partir dessa atividade. Porém, através de um trabalho mais produtivo, o indivíduo tem condições de se inserir num outro tipo de relacionamento com o mundo, inclusive ampliando aspectos referentes a sua identidade social.

Marcuse (1968; pp.143,185,191) levanta algumas considerações justamente sobre trabalho alienado e não alienado, lan-çando mão do conceito de "produtividade", que segundo ele expressa uma atitude da civilização com relação ao desempenho não levando em conta o indivíduo. Desta forma, à medida que se esta-belecia social e culturalmente uma imperiosa divisão e especia-lização do trabalho, devido à glorificação da eficiência, mais se privilegiava o aspecto social em detrimento do individual.

Moffat (in Guarido 1981; p.16) considera que na classe operária, é o trabalho que legitima o indivíduo, através do sentimento de dignidade e de auto valorização, conferido pelo papel profissional e seu exercício, sendo que nestas classes ele é o principal vínculo mantido com a realidade. Inclusive Moffat o privilegia no tratamento da doença mental, considerando que através dele, isto é, através de um trabalho produtivo, não alienado, o indivíduo reconstrói sua identidade. Ao resgatar sua capacidade produtiva, o próprio trabalhador sente-se recupera-do, pois enquanto inativo, no mais das vezes percebia-se doente. Deste modo ter o poder de trabalhar, funciona como um dos principais índices de cura e de reconstrução da identidade so-cial do indivíduo.

Geralmente em nossa sociedade uma das dimensões do tra-balho, aquela que deveria conferir uma identidade social ao indivíduo está bastante desequilibrada, pois não permite que este se identifique com seu instrumento de trabalho, nem com o produto



final do mesmo. Funciona não como um elo criativo e produtivo com o mundo, na satisfação das necessidades individuais mas como uma contingência da vida. Deste modo numa realidade governada pela produtividade, o trabalho como fonte de prazer, é rara exceção, pois a maior parte dos indivíduos desempenha apenas as funções rotinizadas.

Contudo a importância cultural da produção, alierada ou não, já se faz sentir desde tenra idade, quando a partir de uma determinada época, a criança procura dominar os objetos de seu interesse, orientando-se basicamente para a tarefa a ser realizada. Berger (1976; p.184), esclarece que este interesse, irá posteriormente manifestar-se e se fazer observar nas relações de trabalho, um dos aspectos mais significativos da vida humana, porém, dos mais controvertidos.

A este respeito, Erikson nos fala de identificação com a tarefa, desde a idade escolar; a criança aprende a identificar seu valor pessoal com aquilo que pode fazer. Ele diz:

*É como se ela soubesse que, psicologicamente, já é progenitor rudimentar, e que deve começar a ter algo de um trabalhador e provedor potencial, antes de tornar-se um progenitor biológico" (1976; p.124)*

*...E como o homem não é só o animal que aprende mas também o que ensina e, sobretudo, o animal trabalhador, a contribuição imediata da idade escolar para o sentimento de identidade, pode ser expressa nas palavras: Eu sou o que posso aprender para realizar trabalho (1976; p.128)*

O homem começa a distinguir-se do animal, logo que passa a produzir seus meios de subsistência, que indiretamente refletem sua própria vida material. O interesse pela tarefa, pelos desafios que ela possa apresentar em diferentes épocas da vida do ser humano é bem importante, uma vez que o trabalho a partir de um determinado momento, é necessário e contingente

ã existência humana, e pode funcionar positivamente ou não, no fortalecimento do sentimento de identidade.

Assim, em resumo, consideramos que a identidade é a resultante de todo o processo de desenvolvimento no âmago do indivíduo, inserido numa determinada cultura. Como afirma Erikson, o sentimento de identidade é um processo em constante "devenir", pois se refere às forças construtivas do Ego. O sentimento de identidade compõe de vários aspectos, e dentre eles, a identidade profissional é relevante graças ao valor social conferido ao trabalho em nossa cultura.

## 2. Desenvolvimento do Sentimento de Identidade

Consideramos que na formação do sentimento de Identidade atuam vários fatores de diferentes ordens, cada qual influenciando a seu modo. Dissemos influenciando, porque apesar de relevância maior ou menor de cada um, nenhum deles será suficiente para determinar, sozinho, o sentimento de identidade. De modo geral, podemos dividi-los em fatores internos ou externos. Os primeiros que são de ordem muito variada, atuam sobre os alicerces do biológico constitucional; os segundos causam efeitos diversos, dependendo das diferenças constitucionais.

Os fatores que influenciam na formação e desenvolvimento do sentimento de identidade podem ser classificados em 3 grupos: biológicos, psicológicos e sócio culturais. Tal divisão, sabemos de antemão, é meramente expositiva, porque, se de algum modo eles se individualizam nos 3 grupos mencionados, também se somam e se integram na dinâmica do desenvolvimento, estabelecendo relações e interações recíprocas.

No presente estudo abordaremos apenas a noção de Erikson,

sobre a formação, desenvolvimento e estabelecimento da identidade, investigando, inclusive, o conceito de crise; a seguir, nos deteremos mais demoradamente em alguns outros aspectos desta aquisição, e significativos para a nossa pesquisa.

### 2.1. A proposta teórica de Erikson

Segundo Roazen, Erikson tem uma visão bem otimista do desenvolvimento humano, ao considerar, que as várias fases do ciclo epigenético, exibem uma tendência ao auto direcionamento (in Erikson, 1976; pp.100-110). De acordo com esta visão epigenética do desenvolvimento humano, a cada habilidade básica corresponde uma crise específica, durante um respectivo estágio de desenvolvimento, e como diz Roazen, para Erikson, tais habilidades, já existem desde o início da vida de alguma forma. Mesmo depois de ter seu momento de emergência num determinado estágio, elas continuam a diferenciar-se e integrar-se com outras habilidades dominantes em outras etapas de desenvolvimento.

Como o ciclo epigenético pressupõe, em diferentes momentos determinadas crises que orientam o desenvolvimento do indivíduo ele poderia ser entendido de modo limitado, apenas como uma sucessão de crises, de pontos críticos sendo este aspecto mais esclarecido em, *Identidade, Juventude e Crise*, (1976<sub>a</sub>;) o que oportunamente abordaremos.

Alem de enfatizar a importância da crise e do comprometimento com a opção desejada, Erikson estabeleceu oito etapas de desenvolvimento psicossocial do homem. É importante notar que em cada uma delas o indivíduo tem de resolver determinadas

tarefas ou exibir determinados comportamentos esperados ou desejados, seja em termos sociais ou psicológicos. Este aspecto é importante, pois de certo modo o grupo social orienta o indivíduo para determinadas ações que serão mais ou menos valorizadas, conferindo ao indivíduo determinado reconhecimento que influirá em maior ou menor grau, para a aquisição e estabelecimento da identidade.

Ao situar o desenvolvimento como um processo psicossocial, Erikson enfatiza o lado positivo das instituições pois segundo ele, as mesmas, além de mostrar um caminho, encorajam, e dão elementos ao indivíduo para sua confirmação e reconhecimento no grupo social, e lhe possibilitam uma iniciativa adequada e segura com relação aos possíveis modos de atuar.

### 2.1.1. Comprometimento e Crise

Como já mencionamos, julgamos oportuno, ao apresentar as idéias de Erikson sobre o ciclo de desenvolvimento, aprofundar o termo crise, mencionado várias vezes pelo autor. Pelo que pudemos verificar, ao utilizá-lo, Erikson não pretende causar alarme ou apreensão, pois o mesmo parece que foi escolhido não pelo sentido de imediatividade que poderia sugerir, mas por sua conotação de luta, de energização entre as partes, e pelo fato de trazer implícito e caracterizar um período de decisão. A crise seria um momento crítico que possibilitaria o surgimento de novas energias no indivíduo. O termo não se relaciona com uma situação de ameaça; relaciona-se, isto sim, com a possibilidade e o processo de mudança.

No seu livro *Identidade, Juventude e Crise* (1976;p.106),



Erikson coloca que cada crise é inerente a um estágio, e algo quase específico a cada uma das etapas de desenvolvimento. Assim, entendemos que em cada uma das diferentes etapas, com suas respectivas crises, a sociedade toma parte ativa, fornecendo "pistas", modos mais ou menos adequados do indivíduo resolver a situação. No mesmo livro, encontraremos melhores juustificativas para estas idéias uma vez que o autor afirma que cada sucessivo estágio e crise, tem uma relação especial com algumas das instituições básicas criadas pelo homem, pela simples razão de que o ciclo humano de vida, e as instituições evoluíram juntas. Neste sentido, mencionamos em especial, e como exemplo, o modo e a idade diversa de cada cultura estabelecer os hábitos de higiene. Igualmente, consideramos válido mencionar as diferentes maneiras do jovem ser orientado sexualmente, variando intensamente, não só entre as diferentes culturas, mas entre grupos de uma mesma cultura.

Assim, a crise pressupõe um determinado "desafio" ou tarefa, impostos pela sociedade; se nela está implícito, num determinado momento, uma certa energização e ativação entre as partes, a resolução desta situação deve trazer uma certa estabilidade. Relacionado com este fato, encontramos por parte do indivíduo um certo "comprometimento" com a opção desejada, algo que se refere a uma certa firmeza de escolha, que daria estabilide e um certo direcionamento ao comportamento do indivíduo.

Por outro lado Erikson faz poucas referências ao homem adulto e principalmente à 3a. idade.<sup>(1)</sup> No livro *Infancia e Sociedade* (1976; p. 247) menciona que, para compreendê-los

---

(1) Segundo Roazen ( 1976; p. 117 ) Erikson publicou recentemente um estudo sobre a vida do Dr. Borg, do filme " Moran-gos Silvestres" de Ingmar Bergman.



melhor, dever-se-ia comparar as divergências e convergências da teoria freudiana e marxista, e proceder-se a uma análise da relação do homem com seu trabalho e com sua progênie.

Segundo Roazen, até 1945, Erikson considerava que na adolescência, o indivíduo vivenciaria a última crise do processo epigenético; só posteriormente, é que ele ampliou sua concepção ao analisar o mundo adulto propriamente dito, dividindo-o em três etapas com as respectivas crises. Julgamos oportuno novamente lembrar, que o termo crise aqui utilizado se refere a um determinado desafio, com diferentes repercussões sociais, que o indivíduo vivenciaria para ser aceito, reconhecido e valorizado nas diversas fases de sua vida.

Levando-se em conta a afirmação anterior de Erikson, que para se compreender melhor o mundo adulto e a terceira idade, dever-se-ia analisar a relação do homem com seu instrumento de trabalho, e lembrando que o conceito de crise é utilizado como uma constante busca, algo produtivo e proveitoso, que possibilitaria ao indivíduo reestruturar-se, julgamos válido investigar este momento do ciclo de vida humana, a terceira idade através da aposentadoria, um momento marcante na vida do homem.

A este respeito, é oportuno lembrar as diversas maneiras do velho ser encarado, e o lugar por ele ocupado nas culturas orientais e indígenas, que é bem diverso daquele fornecido por nossa cultura. Para tanto, utilizaremos de uma oportuna citação de Palmone (1981; p. 10):

*O status profissional dos velhos (no Japão) é muito superior ao de outros países industrializados (la) mais da metade continua empregada. A maioria dos que param de trabalhar, o faz voluntariamente, não sendo forçada por nenhuma aposentadoria compulsória ou qualquer outro tipo de discriminação; o status do ancião japonês é substancialmente superior ao dos velhos de outros países industrializados (parenteses nossos)*

Consideramos que nossa cultura, com suas normas e valores sociais, prepara o indivíduo para ingressar no mundo adulto. Paradoxalmente porém não o prepara para sair dele; simplesmente restringe sua participação produtiva a partir de um determinado limite de idade, através da aposentadoria compulsória; ou então julga inadequados determinados comportamentos, levando em conta sinais físicos (rugas, cabelos brancos), que denunciaram a pessoa como um "velho", um estigma na nossa sociedade.

De certo modo vivemos numa sociedade que privilegia o mundo adulto. O jovem deve aceitar os valores desta realidade para ser reconhecido e ingressar em seus domínios. O velho, em contrapartida, é afastado porque é uma ameaça a estes valores, pois mostra o que o adulto não quer e não pode ver. E este desconhecimento e descaso surge ao final da vida, explode geralmente na aposentadoria, fazendo com que o indivíduo, a maior parte das vezes, a perceba como um "mito", uma ilusão que irá deixar suas conseqüências, mas na realidade, suas marcas.

Como mencionamos logo de início, Erikson estabeleceu 8 etapas de desenvolvimento psicossocial, que citaremos brevemente para entendermos melhor sua proposta sobre o desenvolvimento do sentimento de identidade. A partir desta exposição verificaremos que cada uma destas etapas tem um aspecto positivo e seu contrário que se integram, se reorganizam numa constante reestruturação.

Assim, apesar do interesse de nossa pesquisa restringir-se ao homem maduro, faremos uma exposição das idéias de Erikson sobre a epigênese da identidade, e que nos auxiliarão a entender melhor alguns aspectos mencionados no capítulo III.

### 2.1.2. Desenvolvimento como ciclo epigenético

Para Erikson, entre as indispensáveis coordenadas da identidade está um contínuo processo de crescimento. Segundo o autor tudo que se refere ao crescimento, tem um plano básico, uma sequência, que é própria do organismo, para atingir um todo final e coerente. Aqui, além das coordenadas dadas pelo desenvolvimento do próprio indivíduo, teríamos aquelas decorrentes das relações sociais. Estes estágios psicossociais são baseados nas fases de desenvolvimento psicosexual de Freud, e são caracterizados por formas de atuação da sociedade, que possibilitaria maior e melhor interação do indivíduo com o meio, graças às instituições existentes.

Desta forma, ele identificou oito estágios na vida humana. Em cada um, se tudo caminhar harmoniosamente, haverá um alargamento da interação social, isto é, maior autonomia e segurança nas relações da pessoa consigo mesma, e com o ambiente que a cerca.

Teríamos no primeiro ano de vida a confiança básica, como característica principal. A partir dos cuidados dispensados à criança nesta fase, poderá ela desenvolver no futuro, um relacionamento mais positivo com o mundo, ou ao contrário, negativo; sentindo este mundo perigoso, ameaçador. A questão da confiança versus desconfiança, não se limita a esta fase, mas tem aí suas raízes. Aparece, segundo Erikson, em outros períodos, e situações, podendo seu senso de confiança ser mais e melhor ativado, caso não o tenha sido anteriormente.

No 2º estágio, correspondente à fase anal, a característica que o meio deve propiciar é a autonomia. O meio deve estimular positivamente, as habilidades que a criança irá

desenvolver. O papel dos pais é importante na medida que representando a comunidade cultural, reconhece e incentiva tais aquisições. A criança experimentará seu senso de autonomia, e a vontade de conseguir realizar por suas próprias capacidades o que se propõe e deseja. Nesta fase, há maior maturação dos grandes músculos, como também um avanço na capacidade de discriminação.

Dependendo do meio em que se encontra, e conseqüentemente da atitude dos pais, a criança poderá intensificar seu senso de afirmação, de independência. Caso não seja suficientemente valorizada e incentivada, desenvolverá a sensação de vergonha e dúvida; vergonha por seus próprios atos, e dúvida com relação às próprias capacidades.

Posteriormente, ela começará a sentir-se mais dona de si e responsável por seu próprio corpo. Torna-se cada vez mais, ela mesma, realizando uma série de atividades, de acordo com sua própria necessidade e vontade. Assim ela vai desenvolvendo a partir das fases anteriores, e especialmente desta, uma série de pré-requisitos para a iniciativa, isto é, para a seleção de metas e a necessária perseverança em alcançá-los.

A iniciativa é um componente necessário para o desenvolvimento, e todo homem precisa deste "espírito de iniciativa", para tudo que aprende ou faz (1976; p.235).

Além disto, decorrente da própria situação que a criança vive, poderá aparecer o sentimento de culpa, relacionado com o que ela quer ou está realizando. Assim, por exemplo, os atos de manipulação e coação agressiva, que ultrapassam a capacidade executiva do organismo e da mente, e obrigam que a criança contenha parte da iniciativa planejada, originam entre outras coisas o sentimento de culpa (idem).



Na fase seguinte, chamada na teoria freudiana de latência, a criança aprende a conquistar a consideração, produzindo coisas. Prepara-se para executar tarefas que não se limitem aos modos de expressão e ao prazer que pode ser originado através dos seus membros. Segundo Erikson, ela desenvolve "um sentido de indústria, isto é, ajusta-se às leis orgânicas do mundo dos fenômenos". Completar uma situação produtiva é mais objetivo que superar as fantasias inerentes ao jogo. Os limites do seu ego incluem "suas ferramentas e habilidades". Erikson afirma que é como se a criança soubesse que, antes de ser um progenitor biológico, deveria ter algo de um trabalhador e provedor potencial. Ela aprende a aplicar e sublimar os impulsos que a fizeram sonhar, brincar, fantasiar. Desenvolve outras características como perseverança, tenacidade, que lhe permitem adaptar-se às leis inorgânicas do mundo instrumental.

O perigo é o de uma alienação de si mesmo, de suas tarefas, e que podem originar um sentimento de inferioridade. Entre outras causas de tal sentimento, podemos verificar que a vida familiar não a preparou para a vida escolar, ou que através da vida escolar, não conseguiu alcançar as promessas das fases anteriores.

Neste momento, a sociedade se torna mais significativa na vida da criança, na medida que pode ou não admiti-la, em papéis preparatórios da tecnologia e da economia.

Durante a adolescência, surge uma nova dimensão da relação interpessoal, podendo ter um sentido mais positivo, devido ao estabelecimento de uma identidade do Ego. Nesta fase, o adolescente geralmente escolhe uma profissão. Igualmente está ansioso para ser confirmado por seus pais e professores, e tenta dois optar por "modos de vida", que se ajustem a seus ideais



ou que ele considere válidos para serem vividos. O jovem procura, nesta fase, identificar-se com papéis onde sua competência e inventividade sejam mais valorizadas.

Porém, pode ocorrer que o jovem não consiga integrar e unificar adequadamente, todos os papéis e informações recebidas no desenrolar de sua vida, e apresente certa confusão ao invés de uma identidade do ego (1976; p.131)<sup>a</sup>. Segundo o autor, esta confusão se "baseia numa forte dúvida sobre própria identidade étnica ou sexual", ou então está relacionado com episódios psicóticos ou fronteirços. Muitas vezes, o jovem se sente incapaz de assumir o papel que lhe é reservado pela sociedade, e de uma forma ou outra, deserta desta busca, (abandonando escolas, empregos, etc.), sendo por este motivo mais estigmatizado e ignorado.

Nesta fase o ponto nodal, é a capacidade para decidir-se por uma "identidade ocupacional". Para se manterem mais seguros, eles se "identificam" com heróis, ideais, etc., dedicando-se e mergulhando tão profundamente nesta situação, a ponto de demonstrar uma aparente perda de individualidade. Esta admiração ou enganosa admiração por determinados grupos, clãs, ideologias, etc, muitas vezes é uma tentativa do adolescente chegar a uma definição de sua própria identidade. (1976; p. 138)<sup>a</sup>. Notamos como característica desta etapa, a tentativa de realmente estabelecer um senso de identidade, seja ele positivo ou negativo, oposto àquele dado pelo grupo onde se situa o jovem.

De modo geral, o fracasso ou o estabelecimento de um claro sentimento de identidade, num determinado período de vida do indivíduo, não significa que não haveria mudanças, alterações ou novos propósitos internos. A identidade, como já foi mencionada, não é algo que se estabelece na forma de uma couraça

ou armadura; é um processo em constante devenir no âmago do indivíduo e de sua própria cultura.

Além disto, embora Erikson considere que o ponto culminante da crise de identidade basicamente ocorra na adolescência, observa que posteriormente ocorrem outras, que basicamente se referem às relações do indivíduo com o mundo adulto (1976; p.136). A primeira delas é a crise de intimidade no início da maturidade, que pressupõe a aquisição de uma identidade prévia e a dedicação a um trabalho produtivo.

Segundo Erikson, se o indivíduo não estiver seguro de sua identidade, não terá condições de partilhar sua vida com outrem temendo perder-se neste processo. Por esta razão, as relações interpessoais poderão ser bastante estereotipadas, originando num profundo sentimento de isolamento, pois o indivíduo tende inclusive a destruir tudo o que lhe pareça perigoso ou ameaçador a esta identidade.

Em seguida Erikson mostra que o homem maduro ensina e aprende, e precisa ser necessitado desenvolvendo a generatividade, na medida que se preocupa em orientar gerações seguintes, ou tem um projeto interno para fazer deste mundo um local melhor para se viver. No extremo oposto de tal dimensão encontramos um estado de estagnação, onde apenas são valorizadas e reconhecidas as necessidades e comodidades pessoais. De modo geral, a generatividade é uma força propulsora que mobilizaria a organização e as instituições humanas.

Ao final Erikson nos fala da integridade, do progressivo amadurecimento que possibilitaria ao indivíduo adaptar-se e aceitar, tanto os triunfos como os desapontamentos da existência. Neste momento há a possibilidade de desfrutar e apreciar retrospectivamente as possíveis realizações, e renunciar, se

necessário, às lideranças conseguidas.

A falta ou perda desta integridade acumulada no ego, geraria o desespero. Sua característica principal, é o sentimento de que o tempo é demasiado curto para realizar o que não se realizou, tentar alcançar ou até mesmo estabelecer outros rumos em direção à integridade. Neste período a característica primordial é a sabedoria, decorrente de um julgamento maduro e da compreensão da vida como um todo.

É importante notar que para Erikson, as diferentes fases do ciclo de vida humana trazem diversas contribuições e com suas peculiaridades próprias ajudarão ou movimentarão a vida das instituições humanas. Assim, as disposições de fé, força de vontade, determinação, competência, fidelidade, amor, desenvolvimento, sabedoria influirão a seu modo proporcionando colorido e força à vida organizacional. Também a instituição, com seu rigor, treino e metodização auxiliarão o desenvolvimento do indivíduo. Inserem-no na dinâmica da ordem social, na medida que realmente levem em conta os aspectos pessoais do ciclo vital do desenvolvimento humano, incentivando, estimulando suas habilidades básicas.

Concluindo, depois da adolescência, o indivíduo luta contra o isolamento e auto absorção, procurando filiar-se a uma instituição e ter um amor. Depois da meia idade, a pessoa luta contra o perigo e o desespero da estagnação, no que não é auxiliado convenientemente pelo grupo social em virtude do preconceito resultante da nossa atual ideologia.

A seguir analisaremos outros aspectos, dentre eles os fatores psicológicos que influem no desenvolvimento do sentimento de identidade, utilizando-nos principalmente de algumas idéias de Freud, tentando, além de mencionar alguns fatos gerais,

outros que possam interessar diretamente à nossa pesquisa.

## 2.2. Outros Aspectos - Fatores Psicológicos

### 2.2.1. Imagem do Corpo

Com relação ao corpo, a pessoa percebe que ele tem uma determinada conformação, certas potencialidades, lhe assegurando tal fato algumas capacidades e habilidades, mas igualmente limitando e muitas vezes impossibilitando sua satisfação.

Realçaremos de imediato um aspecto da percepção com relação ao corpo, que é conhecido como esquema corporal. Como Schilder coloca, ( 1968; p.35) tal concepção tem por base a percepção do corpo como unidade somato psíquica, e tem ampla relação com o sentimento de identidade, pois a representação mental do corpo, é parte constitutiva da pessoa. Segundo o autor, esta representação se expande além dos limites do próprio corpo, através de roupas, objetos, adornos, etc. (1968; p. 215)

A percepção total do corpo como unidade ocorre na criança frente ao espelho, e é importante no estabelecimento dos limites geográficos. Tal percepção ou esquema corporal como é chamado, se constitui através de sensações próprias, intero e exteroceptivas e do próprio sistema nervoso autônomo.

Se inicialmente o corpo aparece na vida dos indivíduos como fator físico, um esquema, um modelo, uma imagem tridimensional, simultaneamente, tem e adquire importância como fator psicológico e social. Considera-se não apenas que o indivíduo tem um corpo. Simultaneamente analisa-se o indivíduo em suas relações com este corpo pelo fato de sentir-se seu dono, valorizando ou ignorando suas capacidades e limitações. Também se



verifica como ele o considera na conquista de suas metas. Desta forma a vivência da posse do corpo que cada um considera que tem, é fator significativo na vida do homem pois, será através desta representação de si com o cunho da sua própria história que cada ser humano se insere no mundo.

Nesta reflexão não poderíamos tampouco esquecer a valorização social, com exigências criadas ou ênfase em determinados aspectos, e que provavelmente influem nesta concepção .

Além disso, embora Freud, não tenha se referido nominalmente à imagem corporal, sua importância está implícita em sua obra quando ele diz: "O ego é um ser corpóreo" (1923; p.2.709) . Ele afirma que o ser humano aí efetua, desde a tenra idade um intenso e extenso investimento libidinal. Tal processo geralmente estimula e acentua a valorização da imagem do corpo. Segundo Grenacre (in Grinberg; p.56), traça os primeiros esboços do sentimento de identidade. Desta resultante, deste investimento libidinal, se forma a imagem corporal de importância fundamental, no estabelecimento do sentimento de identidade, sendo tal fato mencionado por diferentes autores.

Lopez<sub>b</sub> (1952; p.38) afirma que a criança consegue integrar a configuração total da sua imagem corporal, quando começa a usar seu nome para auto designar-se, embora o faça na terceira pessoa.

Dixon (1957) e Zazzo (1948) (in Jersild;p.35) relataram experiências sobre o reconhecimento da própria imagem no espelho, e que nos mostraram a importância deste processo, no desenvolvimento da consciência de si mesmo.

Porém foi Lacan (1949) quem percebeu e acentuou a importância do aspecto emocional desta descoberta e reconhecimento. A criança é presa de um intenso júbilo ao se deparar com a



visão integradora do seu corpo, ao invés do seu conhecimento frágil e fragmentário. Esta percepção tem importante conotação afetiva na constituição do EU.

Gostaríamos, antes de enfocarmos os fatos que estão diretamente relacionados com o nosso estudo, abrir um parêntese, onde esboçaremos alguns aspectos significativos referentes ao delineamento da imagem corporal.

Esta imagem depende inicialmente de diversas sensações corporais e vivências dos contactos com a mãe e o meio externo. Nesta fase inicial, como diz Lopez (1952; pp.41-81), a criança sente e percebe, mas não se dá conta de que é ela quem está sentindo; não se dá conta de que é ela quem está percebendo. Só a partir de um determinado momento, que começa a ter consciência de que é ela quem está sentindo, só a partir da convergência desta percepção, é que poderá vivenciar-se como um ser individualizado, estabelecendo-se assim os rudimentos de sua identidade.

Levando em conta os fatores já mencionados, a possibilidade de sensibilização do corpo, de cuja superfície e de cujo interior se estendem as zonas erógenas; levando em conta a memória, a associação de imagem, capacidade de discriminação, imaginação e juízo da realidade (funções que irão se desenvolvendo com o Ego), percebemos que o indivíduo é capaz de apreender rapidamente a extensão do seu corpo, estabelecendo-se a partir destes elementos, a base, em que irá se apoiar o conhecimento progressivo de si mesmo.

Como verificamos, o corpo, e a imagem corporal, são bastantes significativos na questão da identidade. Inicialmente possibilitando o conhecimento das próprias fronteiras. Depois através do saber-se como se é, percepção esta, que pode levar a mecanismos e

atitudes diversas do indivíduo, em seu relacionamento consigo próprio e com o mundo que o cerca. Deste modo, logo de início, o corpo tem importância como fator físico, mas quase que simultaneamente, tem e adquire importância como fator psicológico. Um pouco mais tarde, tem e adquire importância como fator social na medida que certas características corporais e físicas, contribuindo para a auto valorização, vinculam os indivíduos a grupos (identidade grupal), ou ao contrário lhes criam dificuldades na aceitação de si mesmo, ou na interação com outros seres humanos.

No presente estudo como pesquisamos indivíduos que passavam por sensíveis modificações, a questão do corpo e tudo o que a ela estivesse ligado, parecia-nos duplamente relevante. A alteração física, é um fator biológico irremediável mas o modo que o indivíduo e o grupo encaram este fato, ocasiona diferentes consequências, especialmente nestes grupos de baixa renda, onde o corpo funcionou realmente como um instrumento de trabalho. Além disso, o corpo e determinados atributos seus, (beleza, energia, juventude, etc.), ocupam posição de destaque, devido ao valor que a nossa sociedade lhes confere justificando tal fato quase que por si só, nossa preocupação com o tema.

À medida que o indivíduo envelhece, o corpo (como na adolescência), tende a mostrar sinais indicativos de tal processo. Esta situação de mudança poderia ser considerada, a grosso modo, como uma repetição das alterações ocorridas na adolescência com uma diferença fundamental no entanto; na adolescência, as modificações prepararam o indivíduo para o crescimento e ingresso no mundo adulto, tendo portanto um elan vital diverso daquele da velhice; aqui tudo que ocorre é apreendido num outro sentido, ocasionando perspectivas ambíguas, que analisaremos no Cap. III.

Segundo Kastenbaun (1981; p.20), o processo de modificação e declínio das funções vitais ocorre gradativamente e em diferentes momentos da vida. Ele exemplifica várias destas alterações, esclarecendo-nos, inclusive, que a dificuldade e quase incapacidade de executar movimentos rápidos e regulares na velhice, em parte pode estar associada a perda da elasticidade do colágeno. Assim, o prejuízo e conseqüente perda de função do tecido conjuntivo, acarreta na execução dos movimentos um esforço muito intenso que pode desestimular a pessoa idosa a utilizar-se ativamente do próprio corpo, ocasionando um "circulo vicioso", pois quanto menos dele utilizar-se, mais penoso lhe será todo e qualquer movimento. Como já mencionamos, o corpo é valorizado através de determinados atributos: beleza, força e juventude. O velho, o aposentado, é justamente aquele, que em grande parte os perdeu, devendo necessariamente fazer, nesta fase de sua vida, uma reestruturação de sua própria imagem corporal e de todos os valores a ela associados. Desse modo, como na adolescência, o corpo adquire uma importância fundamental, variando tão somente as condições que o grupo e o próprio indivíduo enfrentarão a estas respectivas alterações.

A seguir analisaremos o narcisismo, que é um outro aspecto relevante para o desenvolvimento do sentimento de identidade.

### 2.2.2. Narcisismo

Como afirmamos anteriormente um fato de grande relevância para o surgimento da identidade, é o narcisismo, que se faz notar na formação e valorização da imagem corporal e da identidade sexual.

Segundo Freud, (1914; p. 2.017), o termo aparece pela primeira vez em P. Naecke (1899), designando uma perversão em que o indivíduo toma partes do próprio corpo ou todo ele, como objeto de amor. De modo geral, os homens poderiam como Narciso, da mitologia grega, apaixonar-se por si mesmo.

Em Freud, o termo aparece em vários textos; mas é em *Uma Introdução ao Narcisismo*, que é mais amplamente desenvolvido, deixando o fenômeno de ser apenas uma aberração sexual para caracterizar uma fase evolutiva, anterior à escolha do objeto. Neste artigo (1914; p.2.018), Freud mostra, que no desabrochar da vida humana, o narcisismo, sucedendo o auto erotismo, domina o desenvolvimento psíquico; funciona como polo, unificando e estruturando as pulsões, dirige o desenvolvimento libidinal, a agressividade, mas simultaneamente protege ao indivíduo, furtando-o e o esquivando das ameaças que o cercam. Esta libido narcisica, paulatinamente vai sendo dirigida aos objetos externos, e tende a diminuir, por pressões do princípio da realidade, e pela própria necessidade da auto conservação, a cujo serviço ela está. A criança gradativamente vai percebendo a sua dependência em relação aos outros principalmente em relação à mãe, que vai se tornando alvo de uma catexia libidinal, cada vez mais intensa; os objetos começam a ser importantes, na medida em que o indivíduo investe neles parte dessa libido narcisica, originariamente investida em si mesmo. Como encontramos em Freud: a partir de um determinado momento "temos que amar para não adoecer" (1914; p. 2.024).

Este investimento seria um fato geral, presente e atual, vital para o desenvolvimento do indivíduo, possibilitando, futuramente o surgimento de sentimentos como: amor próprio e auto-estima, (resquícios da primitiva onipotência e egocêntrismo.



infantis, e, do narcisismo original). Entre outras coisas, tais sentimentos facilitariam uma real interação, na medida em que o indivíduo inserido numa determinada realidade, reconheceria seus direitos e necessidades, bem como os dos outros. Igualmente, de acordo com as experiências quer de fracasso ou sucesso, o sentimento de auto estima, significativo nas relações interpessoais e no sentimento de identidade, será intensificado, levando o indivíduo a uma mais genuína confiança em si, ou será reduzido, fazendo com que o indivíduo se importe pouco consigo mesmo, como se não gostasse de si, tal como deveria.

Além disto segundo Freud, este investimento permanece no indivíduo, exercendo múltiplas influências; paradoxalmente impulsiona para a consideração do outro, assegurando num primeiro momento a sobrevivência; posteriormente tem participação na eleição de objetos. A partir da eleição de objetos de amor, a libido sofre oscilações na busca de prazer: ora se orienta quase exclusivamente para objetos externos, diminuindo a auto estima e a importância do Eu; ora elege, quase que unicamente este último como objeto, desprezando os outros, e diminuindo portanto as catexias libininais. Tais oscilações podem determinar aproximações ou afastamento em relação ao mundo externo o que verificaremos melhor no Cap. III. Tais afastamentos, podem ser encarados de várias maneiras e se relacionam com necessidades biológicas, psicológicas e sociais, como por ex: o sono; a doença; a realização de tarefas de interesse social; e a ausência ou diminuição dos interesses do indivíduo à solicitação ambiental, nos estados de luto e outras situações de perdas e frustrações.





### 2.2.3. Relacionamento com a Mãe

Abordaremos este tópico por diferentes razões; o papel ocupado pela mulher na nossa família e o próprio fato da teoria psicanalítica considerar significativo o relacionamento com a mãe, pois sendo o primeiro relacionamento libidinal e social, estabelece os alicerces do futuro adulto. A mãe é o primeiro amor e a possibilidade do primeiro amor.

Embora no início este relacionamento se ja marcado pelo auto erotismo e narcisismo, a figura materna aos poucos, irá se impondo à consideração e ao amor da criança.

A libertação que o indivíduo sofre em relação ao narcisismo primário, para que se instale definitivamente o amor objetal, acompanha-se de uma crescente substituição do princípio de Prazer pelo da Realidade, e conseqüente desenvolvimento do Ego. Dependendo do êxito dessa "relação" estabelecem-se vínculos cada vez mais fortes. Esta relação também é importante, pois é a que possibilita o desenvolvimento do Ego e se lançam os rudimentos da identidade. Graças ao relacionamento com a mãe, a criança tem não apenas possibilidade de satisfação, mas a partir de suas identificações projetivas, um aparelho para elaborar suas angústias, e substituí-las na medida do possível por satisfações. Posteriormente, com o desenvolvimento da figura paterna e a "possível" solução do complexo de Édipo, a identidade recebe influências significativas, especialmente quanto ao conhecimento e noção do próprio sexo; isto é, sentir-se ou comportar-se como masculino ou feminino. Isto ocorre graças à identificação introjetiva com o genitor do mesmo sexo, implica na renúncia ao sexo que não se possui e na elaboração pelo indivíduo, do "luto" por aquilo que não é.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise, (1970; p. 295),

identificação introjetiva é o processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o primeiro modelo dessa pessoa. Segundo Freud, a identificação não se refere apenas ao papel sexual que o indivíduo aprende por imitação e identificação<sup>(1)</sup> com seus pais, no seu relacionamento com eles.

Não é apenas sua identidade sexual que ele se extrai de tal situação. A criança introjeta, além desses aspectos, inúmeros outros como: modos de ser e de pensar dos pais, valorização de determinadas características da vida humana, que vai transformando em seus próprios. Entre esses outros aspectos introjetados, esta a moralidade parental, estão as leis que exemplificam a conduta do ponto de vista ético, e no nosso caso, esta a idealização conferida a uma determinada profissão.

Entretanto, se a introjeção dos pais resulta e contribui para a "solução" do complexo edípico não há dúvida que também irá atuar no indivíduo, como fonte de angústia. O choque que anteriormente era externo entre Ego e a realidade ou os pais, passa a ser um conflito interno. Ele é responsável pelo uso de inúmeros mecanismos de defesa, que tentam impedir o indivíduo de considerar como seus vários aspectos do seu próprio ser, a fim de manter uma imagem idealizada.

Na medida em que a instância moral, tem como função impedir certas satisfações e o conhecimento de certos aspectos da pessoa, ela age inconscientemente. Desta forma, estes aspectos, pelo fato de serem inconscientes ficam impossibilitados da contínua elaboração que poderiam sofrer por parte do Ego,

---

(1) Para Laplanche (1970; p.295), identificação na linguagem corrente abrange uma série de conceitos psicológicos como imitação, empatia, simpatia, contágio mental, projeção.

na medida em que este se desenvolve, amplia seu contacto e portanto as informações adquiridas através da realidade circundante. Assim, o Ego, ao colher novas informações acaba em choque com esses aspectos éticos, que mesmo inconscientes tem uma ação eficaz e dinâmica.

Desta forma no seio mesmo do Eu, há conflitos por resolver, o que vale dizer que o Eu está em luta consigo mesmo, contra uma parte de sua própria identidade. Mas, mesmo existindo tais conflitos, não há dúvidas que o Eu se desenvolve apesar de les especialmente a partir da adolescência, quando irá se mostrando progressivamente independentemente dos pais, do seu modo de pensar, de suas experiências, caminhando, graças aos conflitos presentes e inerentes às diferentes fases de sua vida, para uma crescente identidade própria. Muitas vezes no estabelecimento desta identidade incluem-se modos contrários de ser, como uma garantia da própria independência e originalidade, ou seja, da própria individualidade.

Portanto, embora limitado pelo superego que tende a orientar o indivíduo, segundo o modo de ser da comunidade, transmitido pelos pais, cada ser adquire seus próprios ideais. Auxiliado pela sua história de vida e pelo narcisismo, (auto estima), cria suas próprias peculiaridades pessoais.

#### 2.2.4. Luto

No desenvolvimento da identidade, há um perene abandono de aspectos pessoais substituídos constantemente por outros. Na medida em que o indivíduo se transforma, é como se os seus ganhos implicassem também em perdas.

Tal fato leva Grimberg (1971; p.115) a afirmar que o sentimento de identidade pressupõe uma luta, pois estruturas estabelecidas e identidades prévias, serão talvez abandonadas e integradas posteriormente, numa nova configuração. A formação da identidade, seria um processo revolucionário, em que o indivíduo teria de vivenciar experiências caóticas, com períodos de desorganização e de dissolução de sistemas psíquicos, valores estabelecidos e vínculos objetivos, para integrar-se numa reorganização que configuraria uma nova identidade. Segundo o autor, tais experiências são momentos "criativos" em que ressurge o autêntico de cada um, sua condição e possibilidade de ser ele mesmo para si e para os demais.

Dessa forma, se aprimora o sentimento de autenticidade, que possibilitaria ao indivíduo tomar contacto com a realidade interna e externa. Assim, no processo de contínua reestruturação do sentimento de identidade, o luto<sup>(1)</sup> é um aspecto vital e sempre presente, graças às perdas e constante elaboração que o indivíduo deverá realizar.

#### 2.2.5. Formação e Integração de Vínculos

Além do luto, que o indivíduo deverá elaborar pelas perdas ocorridas nos diferentes momentos de sua vida, Grimberg realça a existência de três vínculos que se integrarão para a formação da identidade: o espacial, o temporal e o grupal.

Para a formação do primeiro são importantes o esquema corporal

---

(1) Luto - Freud considera em "Duelo e Melancolia" (1915;p.2090), que o luto é em geral, a reação à perda de um ser amado ou de uma abstração equivalente: à pátria, à liberdade, a um ideal.



e identidade sexual. Ele é o sentimento ou vivência da individualização, e permite a diferenciação self não self (1971 ; p.55).

Quanto a formação e integração do vínculo temporal, verificamos que ele é constituído pelas relações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade no tempo, base do sentimento de mesmidade, na medida em que a criança pode através da experiência, aprender e recriar. Isto lhe possibilita uma confiança na permanência e estabilidade pessoais através do tempo. Esta confiança baseada nas experiências passadas, possibilitará a manutenção da integridade no futuro (1971; p. 85).

À medida em que as crises se sucederem no desenvolvimento da pessoa, esta perceberá e vivenciará a renúncia, através da capacidade de esperar e aceitar adiamentos. O vínculo temporal estabelece uma continuidade no tempo, base do sentimento de mesmidade. Tal vínculo se baseia em recordações que possibilitam o processo de aprendizagem e o reconhecimento da própria identidade através do tempo. O indivíduo é capaz de recordar o passado, imaginar-se no futuro, sabendo o que era ontem e é hoje.

Para a formação deste vínculo, são relevantes o aparecimento e desaparecimento do seio materno no início da vida. O prazer - desprazer, e a satisfação-necessidade, são fatores que auxiliam a formação da experiência temporal.

Também deve ser mencionado, que Grimberg enfatiza no desenvolvimento do sentimento de identidade a importância das diferentes crises evolutivas, como desmame, situação edípica, adolescência, velhice etc.. às quais se somam aquelas determinadas pela história de cada um, suas reações e vivências em relação a estas crises.

Quanto ao vínculo grupal, refere-se a vivência do indivíduo como parte da organização social. Logo adiante, nos estenderemos



sobre os fatores sociais na aquisição da identidade, mas ao expor os fatores psicológicos já vislumbramos a importância da sociedade, a começar pela primeira relação social do ser humano ocorrida com sua mãe.

Verificamos através do vínculo grupal, como partes do ambiente são absorvidos e o quanto é necessário um relacionamento satisfatório com o exterior, para que o processo se desenvolva adequadamente. Tal relacionamento internaliza-se, torna-se parte do Eu, estabelecendo-se trocas cada vez mais produtivas e eficazes com o mundo externo.

#### 2.2.6. Comunicabilidade

Na questão da identidade, a comunicabilidade tem lugar de destaque. Seja direta ou simbólica, ela é inerente a toda relação humana e por seu caráter intersubjetivo funciona como um elo entre as pessoas. A verdadeira comunicação<sup>(1)</sup>, no sentido de busca e disponibilidade de encontro humano, é um dos elementos que possibilitam ao homem se auto humanizar e intensificar o sentimento da própria identidade.

Pela comunicabilidade, um indivíduo tenta aproximar-se de outro e manifestar-se a si mesmo, embora nem sempre o faça de forma plena, expressando-se muitas vezes indiretamente, mas nem por isso deixando de transmitir algo referente ao seu próprio Eu.

A comunicabilidade se faz na medida que o indivíduo consegue colocar plenamente seu Eu em contacto com o Eu do outro.

---

(1) Para White, (in Cardoso; p.191): comunicação significa preservação.

Esse movimento nem sempre é imediato, tranquilo, completo. Muitas vezes, é, perturbado por aspectos inconscientes, como identificações, idealizações, que atuam diferentemente em cada um, moldam e originam seres diversos, cada qual com sua história e um modo especial de revelar-se. Com isto, o Eu e o outro podem ser vistos de um modo distorcido ao sabor das concepções subjetivas dificultando uma comunicação real e completa.

Uma comunicação interpessoal real e eficaz é aquela em que o outro pode emergir, ser aceito na plenitude de sua individualidade e autenticidade e não, como símbolo e reflexo do desejável por parte do seu interlocutor. Enfatizamos aqui que a comunicação intersubjetiva poderá ser distorcida ou convulsionada, pelo maior investimento em si próprio ou no outro, ocasionando um relacionamento que poderá ser falso e muitas vezes desastroso baseado em fantasias. A este respeito relembramos aqui o artigo de Freud, *Uma Introdução ao Narcisismo* (1914), em que ele evidencia a importância deste investimento inicial da libido para a estruturação da personalidade humana, tanto no que se refere a constituição de si mesmo, como quanto à escolha do objeto da amorosidade.

A seguir passaremos a analisar alguns aspectos sociais na formação da identidade. Aqui eles serão individualizados, para fins de apresentação, mas como mencionamos anteriormente, estão intrinsecamente ligados com os aspectos biológicos e psicológicos.

### 2.3. Fatores Sociais

Mesmo tendo adotado nesse trabalho um enfoque predominantemente psicanalítico, tentaremos agora levantar alguns fatores

sociais na formação da identidade, pois mesmo entendendo a importância das vicissitudes do desenvolvimento libidinal, sabemos também que o grupo social possui algumas leis próprias que poderão facilitar ou dificultar o estabelecimento da identidade.

De acordo com as diferentes influências ambientais o homem mostra uma variedade bastante grande de comportamentos. Assim, observamos que os fatos mais significativos da vida humana, nos quais percebemos a atuação e o papel criador do homem., possuem interpretações características de acordo com a cultura e época a que o indivíduo pertence.

A identidade, que é a expressão dessa humanização, é, segundo Berger,( 1976 ; p.238), o elemento chave da realidade subjetiva , e está em continua dialética com a sociedade; ou seja, sua formação se dá por processos sociais. Aqui gostaríamos de acrescentar que tais processos sociais podem facilitar ou não o desenvolvimento e o estabelecimento da identidade, graças ao modo que satisfazem as necessidades do indivíduo.

Desta forma, faremos um parênteses, mencionando alguns fatos atuantes em qualquer processo social. A seguir, tentaremos integrar sua influência na dinâmica familiar.

### 2.3.1. Realidade Social

A realidade social com que o ser humano se depara desde que nasce, é de grande importância no desenvolvimento da individualidade, havendo algumas formações sociais que são transmitidas através das gerações, de indivíduo à indivíduo, sob a forma de normas e instituições. Segundo Berger(1976;p.86), tais

fatos "inegáveis e evidentes" têm poder sobre o indivíduo. O homem pode não concordar, não compreender sua finalidade, revoltar-se, mas eles lhe sobrem. Têm poder por si mesmo, pelo que representam, pelo mecanismo de controle subjacente a eles. Este é o sentido da coerção social.

Esta ordem pré-estabelecida, anterior a cada homem, imporá certa estabilidade e direcionando às atitudes, à escolha das metas a serem atingidas pelo indivíduo na vida social. Tais normas são constituídas levando em conta certos parâmetros e de modo geral, se expressam na conduta dos indivíduos que compõem o grupo social. Deste modo, a realidade social estabelece objetivos a serem atingidos. É através da interação com o outro, da comparação, que o indivíduo de acordo com sua história de vida, terá condições ou não, de adequar-se aos mesmos.

Será no meio social com parâmetros anteriormente definidos, com objetivos a serem atingidos, que o indivíduo terá possibilidade de estabelecer-se e manter um relacionamento inter-pessoal. Nessa interação com o outro, através da comparação o indivíduo se expressa, a partir de sua história de vida das expectativas e experiências suas e aquelas ocorridas com os outros, e das estruturas sociais que lhe são sobrepostas. Desde modo, faz diferença pertencer a esta ou àquela cultura, a este ou àquele grupo.

### 2.3.2. Interação Social

Outro fator que consideramos relevante quanto à questão da identidade é a interação social. Ela é facilitada pelo fato de que o indivíduo tem capacidade de se projetar

no futuro, e com isto, suas ações não servirão apenas para sua satisfação imediata, mas, possibilitarão que ele se compare e seja avaliado de acordo com as normas e expectativas do grupo. Desta forma, ele é aceito e reconhece os padrões do grupo, sejam eles quais forem. Na medida em que é aceito e sente-se reconhecido como alguém que se tornou aquilo que deveria ter-se tornado, o sentimento de identidade é favorecido e intensificado.

Graças à interação social, ele supera a própria perspectiva e relaciona-a com a de outros. Ele começa a perceber fins, quer sua satisfação. Suas ações passam a ser planejadas, deliberadas e orientadas levando em conta também o outro. Assim, a interação social é facilitada pelo fato de que o homem não estaria apenas preocupado em agir, mas em interagir; em buscar objetos culturalmente aceitáveis, e que também lhe fossem benéficos. O indivíduo paulatinamente sente desejos de conhecer, de ter contato com "o outro", por isso se aproxima do mundo e interage com ele.

Diferentes autores Berger (1976) e Asch (1966), salientam a importância do grupo<sup>(1)</sup>. Para Asch (1966), o grupo tem importância muito significativa na vida do indivíduo, principalmente na época da adolescência, em que há necessidade de sentir-se filiado a outros jovens que partilham de suas idéias, que o aceitam. Enfim, há necessidade de ser alguém como eles. O indivíduo necessita ser membro do grupo, trabalhar com ele, ter importância não só para si mesmo como também para os outros. Na medida em que o indivíduo se sente contido pelo grupo, na medida em que se

---

(1) Grupo - O grupo representando o meio social, apresenta ao indivíduo objetivos de acordo com suas possibilidades e capacidades (Asch, 1966; p.221).



sente querido, respeitado ou mesmo desempenhando um papel na vida dos outros, volta-se cada vez mais para o grupo do qual faz parte. A contribuição do ambiente social do grupo, seria motivar o indivíduo para que ele ultrapasse certos obstáculos presentes no dia a dia.

Através da influência do grupo, o indivíduo absorve papéis e atividades do outro, tornando-os seus, individualizando-os de acordo com as perspectivas daqueles que lhe estão diretamente ligados e de acordo com suas vivências pessoais.

Na medida em que ele vai adquirindo esta identidade subjetiva, irá sendo reconhecido pelos outros, e isto auxiliará e possibilitará que ele se torne cada vez mais aquilo que é. Queremos acentuar aqui, enfatizando esta colocação, que o mundo é filtrado e constituído não apenas pela perspectiva de classe, do grupo, do meio enfim a que o indivíduo pertence, mas igualmente pela coloração que lhe é dada por aqueles que lhe são diretamente ligados.

Assim, o aspecto social, é importante na medida em que todo desenvolvimento humano necessita de um panorama social específico. A criança aprende que é um EU, mas um EU que se coloca diante dos outros, e num meio social que impõe limites.

Os pontos anteriores nos situam diante da influência sociológico, em seus aspectos gerais. Teríamos, porém, um entendimento e uma avaliação mais completos deles, ao analisá-los em interação com a dinâmica familiar.

Como não há um homem em geral, devido a multiplicidade de influências, não há também um ambiente em geral, pois, desde que nasce o indivíduo encontra determinadas situações que são específicas do seu tempo, da sua cultura. Isto ocorre desde os

aspectos biológicos mais simples, como alimentação, estabelecimento de hábitos de higiene, até os mais complexos, como atuação, relacionamento interpessoal e sexual. De acordo com a cosmovisão da sociedade e as normas formais e informais, o indivíduo tem diferentes concepções do seu relacionamento com o mundo. Assim, a família é a célula ativa portadora e transmissora que compartilha, ou não, destes aspectos mais amplos.

### 2.3.3. Família

Como já afirmamos, a família<sup>(1)</sup> é a portadora e a transmissora dos aspectos essenciais da sociedade, que chegam até os indivíduos, através do contato estabelecido nos limites deste pequeno grupo. Ela é a micro representação da célula social mais ampla, é a unidade natural e funcional da sociedade. Ela é um pequeno grupo social que funciona como tradutor indispensável das normas e valores sociais. A visão e o relacionamento com o mundo, não se estabelecem apenas devido ao espaço sócio temporal do indivíduo, mas graças, principalmente, àquilo que é, e o como é filtrado para o indivíduo por este grupo.

Os aspectos de relevância da família, da assimilação e transmissão de suas convicções, sentimentos e valores, são fartamente ilustrados na literatura. Foi Freud, porém, que nos deu a dimensão exata do seu significado na nossa cultura. Há, na

---

(1) Para Malinowsky, , (in Kardiner 1961; p. 176), a família é a constituição primordial, que possibilita que o indivíduo modifique suas pulsões instintivas, para satisfazer-se dentro das condições de sobrevivência oferecidas pela comunidade. Assim, as "relações de amor na família", servem de protótipos e também de núcleo para a lealdade ao sistema de clãs, aos sentimentos de cordialidade e cidadania tribal.

família ocidental, uma clara distribuição de tarefas, com atividades específicas para cada membro. A autoridade é mais centralizada num dos membros, geralmente o chefe, que detém não apenas o poder de domínio, mas principalmente, o econômico. Porém, esta ordenação de atividades, supõe não apenas o controle econômico e de domínio, mas uma série de relações e interações que entre outras coisas possibilitarão, posteriormente, uma variedade de sentimentos com relação a si mesmo e ao meio que o rodeia. Desta forma, apesar de todas estas características estarem presentes em larga escala na literatura, Freud introduziu no centro do indivíduo, na dimensão psicológica do homem, as normas, valores e atitudes do grupo social.

Através dos seus membros, a família deve inicialmente funcionar como fonte de proteção e segurança. Aos poucos, este grupo irá possibilitar que o indivíduo se descubra, se conheça, nele instalando um referencial interno que o irá preparando para aceitar a emergência do outro. Este "outro" é quem dará parâmetros para atuação do indivíduo no grupo, que possibilitará entre outras coisas que a coerção social, não só modifique, mas em alguns casos determine o comportamento que o indivíduo adota para obter maior efeito ou êxito na satisfação de suas necessidades. Assim, o reconhecimento de si mesmo, possibilitado e de certa forma facilitado pelo meio familiar, permite ao indivíduo nomear-se, conhecer-se e posteriormente identificar-se e identificar o outro significativo no relacionamento.

Deste modo, concluímos que o desenvolvimento do EU vai possibilitando o conhecimento de si mesmo, e instalando um referencial interno, vai preparando o indivíduo para o conhecimento do outro. A criança, no grupo familiar, vai se descobrindo na medida em que percebe o impacto do outro, sua existência

que se lhe opõe como obstáculo e barreira. O surgimento do EU se dá pela via da oposição. A descoberta do outro também se dá deste modo. Embora o primeiro deva ter necessariamente certa anterioridade em seu estabelecimento, é necessário e quase imprescindível que o outro exista e se faça presente desde o início. Existe certa ambivalência nesta descoberta, pois implica em aceitar a diferença, a separação, o limite, as frustrações que um relacionamento impõe. Esta situação precoce em que a presença do outro é talvez uma necessidade, dá início ao primeiro processo que se fará constantemente presente: o outro indivíduo começa a existir, inicialmente como a necessidade e fonte de segurança, não sendo percebido como realidade externa. Só depois é que surgirá como o outro, iniciando-se a partir disto uma real troca intersubjetiva.

Ainda com relação à importância e influência da família e do "outro generalizado", não podemos esquecer que o indivíduo é encaminhado por seus semelhantes a responder, discriminando a si mesmo e seu próprio comportamento. É capaz de observar-se e julgar a si mesmo, usando as palavras bom e mau.

Pode estimar sua própria eficácia como agente social agradando pessoas e procurando ser um sucesso; ou discriminar o que no seu comportamento causa fracasso naquele grupo social, podendo mudar, apresentando diferentes atitudes diante dos fatos.

Assim, o sentimento de identidade começa precocemente com o nascimento, depende da formação do EU. A consolidação deste sentimento de identidade, resulta não só do desenvolvimento do mundo interno, mas também dos fatores sociais, que podem facilitar ou dificultar tal manifestação.

A seguir analisaremos alguns aspectos relacionados com a velhice, a aposentadoria e vida ferroviária para finalizarmos a apresentação deste capítulo dos temas que interessavam a nossa pesquisa.



### 3. A Abstração da Velhice

#### 3.1. Aspectos Gerais

Em 1976, realizou-se em Brasília, um seminário convocado pelo MPAS<sup>(1)</sup>, sobre Estratégias de Polícia Social para idosos, no Brasil. Um dos pontos levantados foi a constatação do crescimento da população idosa no Brasil devido não só ao aumento populacional de vida do brasileiro, que de 57,4 anos em 1970, chegou a média de 63,3 no período de 1975 a 1980, e alcançará até o ano 2.000 a média de idade de 71,60 para os homens e 75,4 para as mulheres. Tal fato, provavelmente aumentará as dificuldades econômicas e sociais já existentes, devido a quase inexistência de uma atuação política mais interessada nestes aspectos.

O censo nacional de 1980 revelou que esta preocupação tinha sua razão de ser, pois se em 1970 encontrávamos quatro milhões e setecentos mil sexagenários no Brasil, já em 1980, o censo nacional nos revelou que de um total de 119 milhões de pessoas, 6,5% ou seja, sete milhões e setecentos mil constituía-se de indivíduos com mais de 60 anos; e se esta tendência continuar, o contingente de idosos com mais de 60 anos, deverá ser de catorze milhões e quinhentos mil até o ano 2.000.

Segundo dados fornecidos por Fernandes (1981; p.1), a condição de vida das pessoas idosas no Brasil é um dos maiores e mais graves problemas da atualidade. Desde 1948, a ONU e outras entidades oficiais e não oficiais mas também respeitadas a nível internacional, vêm alertando os países em

(1) MPAS - Ministério da Previdência e Assistência Social do Governo do Presidente Geisel.



desenvolvimento, para uma crescente mobilização de interesses e recursos para esta área.

No Congresso Internacional de Gerontologia de Kiev, verificou-se que esta preocupação não deve ser limitada aos países em desenvolvimento pois enquanto a população de Terra cresceu de 11% entre 1968 e 1972, o número de velhos cresceu 24%.

Kastenbaum (1981; p. 60) nos adverte que nos Estados Unidos para 100 pessoas que recebem salário por seu trabalho, há 86 que dependem delas. E no futuro, provavelmente, esta tendência tende a aumentar, intensificando assim os problemas sociais e econômicos já existentes. E este crescimento que deveria ser encarado positivamente como uma evolução da sociedade, passa a ser na prática um problema, devido às condições sociais em que ele ocorre. Segundo estudos técnicos da ONU, qualquer país ao registrar 7% da população, com mais de 60 anos, deve voltar-se com maior interesse e atenção para determinados aspectos sociais (estrutura e função da família, força de trabalho, organização do serviço de saúde e coordenação) que se relacionam em maior ou menor grau com os problemas enfrentados pela população mencionada. Quando a porcentagem desta população alcançar 8% o país é considerado "envelhecido", o que já ocorre com E.U.A. 10%, Itália 12% e Alemanha, França, Inglaterra com 14% ou mais.

A este respeito, Christiane Viedma, da OMS (abril 1979); coloca que se não houver, desde já, uma preocupação dirigida, real, e eficaz, para os problemas enfrentados por este grupo social, o mesmo poderá adquirir "características dramáticas".

Talvez, levando em conta e refletindo sobre tais advertências, é que foi criada, a 27 de janeiro de 1982, por decreto

(que também instituiu o Ano Nacional do Idoso), a Comissão Nacional do Idoso, para levantamento de informações e sugestões sobre sua situação no Brasil, com vistas ao estabelecimento de medidas de Política Social voltadas à velhice.

Embora a demanda e concentração de esforços e interesses nesta área seja relativamente recente, a preocupação com o tema é, no entanto, bem remota, tendo-se intensificado, porém, somente nos últimos 30 anos, inclusive através dos meios de comunicação de massas.

Já em 1909, o norteamericano Nascher, considerando o pai da Geriatria, publicou seu primeiro trabalho sobre o assunto; em 1912 fundou a Sociedade de Geriatria de Nova York, e em 1914 publicou um livro, editado com dificuldade, pois o tema não despertava interesse.

Só, em 1936, o Real Colégio de Médicos Britânicos definiu a Geriatria como um dos ramos da Medicina Geral que cuida dos idosos em vários aspectos: preventivo, clínico, terapêutico, de reabilitação e vigilância contínua Fernandes, (1981; p. 34).

### 3.2. Dificuldades na Conceituação

Ao tentarmos conceituar o que é velhice nos deparamos, de imediato, com diversas dificuldades. A palavra suscita, em cada indivíduo, uma série de impressões, pois carrega e revela idéias contraditórias, restos de preconceitos.

Inicialmente, utilizando-nos da contribuição de Kastebaum, (1981; p.15) recordaremos a distinção entre envelhecimento e velhice; o primeiro pode ser encarado como "um processo ou uma

série de processos naturais", que impondo modificações no indivíduo, fará com que ele lentamente envelheça; tem início muito antes do indivíduo ser considerado um velho. Ou seja, diferentes aspectos de nosso corpo começam a declinar em diferentes momentos da vida. Geralmente, o indivíduo e o grupo social têm, devido a estas alterações, uma série de comportamento e atitudes. Como grande parte destas modificações estão relacionadas com sua aparência física, ele se vê ou é visto, mais limitado em seu desempenho; menos capacitado em sua atuação.

Já Velhice, segundo a colocação de Kastenbaum (1981), é um "estado de espírito". Pode ser definido cronologicamente, mas esta classificação é variável, pois até há pouco tempo, considerava-se velho, o indivíduo aos 60 anos; atualmente há uma certa tendência de transferir este limite para 75 anos.

De modo geral, pode-se definir e estudar a velhice do ponto de vista da idade cronológica, da idade por estágios e da idade funcional. Como iremos verificar, cada uma destas abordagens tem suas restrições.

Assim, nas duas classificações iniciais, o indivíduo é avaliado por critérios externos (calendário; ou então é classificado como jovem, adulto e velho), que estabelecem o limite de suas capacidades ou determinam sua atuação.

Com relação ao primeiro modo de abordagem (idade cronológica), verificamos que vivemos numa época em que os números são cultuados, seja através da estatística, das datas comemorativas, sugeridas e disfarçadamente impostas. Deste modo, o critério cronológico para determinar e fixar limitações sobre os indivíduos, ou a utilização de índices numéricos para estimar e falar sobre valor dos indivíduos, não só é aceito, mas favorecido e até mesmo legalizado por uma série de mecanismos sociais.

Como bem coloca Lopez (/1967/p.8): "Por que se supõe que após 65 anos um homem não pode ser um professor, mas pode ser Ministro da Educação; não pode ser um Chefe de Secção, mas pode ser Chefe da Nação?". Continuando, ele nos diz que se o indivíduo ocupa um posto medíocre, será afastado a uma determinada idade mesmo que seu rendimento e capacidade continuem adequados. Caso o indivíduo seja uma pessoa de prestígio, continuará exercendo suas atividades, apesar de muitas vezes ter-se tornado desatualizado e retrógrado. Neste sentido, muitas vezes, porém, ele é ainda e apenas utilizado, pela imagem que simboliza, pelo que pode representar (respeito, medo, status, social etc.) em determinados grupos.

Igualmente, classificar o indivíduo como jovem, adulto ou velho traz dificuldades e ambiguidades. Segundo Kastenbaum (1981; p.11) esta classificação é um meio importante para estabelecer diretrizes, responsabilidades, e distribuir direitos. Como porém, nesta classificação, o limite entre jovem e adulto, adulto e velho, não está claramente definido, o grupo social poderá utilizar-se destas flutuações, diminuindo ou aumentando estes parâmetros de acordo com suas necessidades (como por exemplo na guerra).

Já a classificação de acordo com a idade funcional, tem encontrado boa receptividade entre os gerontologistas.

De acordo com Birren (1969; pp.214-215), podemos reconhecer três tipos de envelhecimento, biológico, psicológico e social. Ou seja, pode-se atribuir a um indivíduo diferentes idades funcionais, em cada um destes aspectos, e uma idade funcional e global, compostas pelas outras três.

Levando-se em conta pesquisas realizadas<sup>(1)</sup> e depoimentos

(1) Nuttall R.L., "The Chategy of Functional Age Research", " *Internat*ional Journal of Aging and Husman Developmen, 1972, -pp.3, 149-152.



personais, verificou-se que o indivíduo tem realmente diferentes idades funcionais. Isto justifica e até certo ponto válida as colocações populares do tipo: "Sinto-me como se tivesse 30 anos".

Se o indivíduo pode ter diferentes idades em cada uma destas esferas, haveria, também, certos sinais indicativos que revelariam um índice de maior ou menor envelhecimento em cada uma delas. Segundo os autores Birren e Kastenbaum, o embranquecimento dos cabelos, pode ser considerado um dos melhores indicadores do envelhecimento fisiológico; como o sucesso profissional, também pode ser considerado como um dos indícios da idade social do indivíduo, e agilidade digital um dos sinais do envelhecimento psicológico.

Concluindo, teríamos a idade cronológica, constante nas certidões e registros; a idade social determinada pela sociedade, que poderia modificá-la de acordo com suas necessidades; a idade fisiológica, referente ao lento desgaste biológico, que o indivíduo é submetido a partir do momento em que nasce. Estes aspectos nos revelam a quase impossibilidade, de conceituarmos ou expressarmos sobre a Velhice a partir de um único critério.

### 3.3. Consequências da Mitificação dos Anos Dourados

A tentativa e dificuldade de encontrar um critério adequado para conceituar e classificar a velhice, nos mostra que não podemos circunscrevê-la e endendê-la a partir de um único prisma. Alerta-nos, igualmente, para os obstáculos que enfrentaremos ao tentarmos realmente compreendê-la; também nos indica



as diferentes reações do indivíduo e do grupo social com relação a esta fase.

De modo geral, o velho, ou o indivíduo na terceira idade, é praticamente desvalorizado; não tem lugar na nossa sociedade. Nesta fase poderia aplicar, ensinar, retribuir tudo que de produtivo e criativo lhe foi proporcionado pela vida, mas justamente então, percebe as oportunidades negadas, as restrições impostas, o isolamento e a quase impossibilidade de participar a seu modo, em um mundo que ajudou a construir, e do qual, até agora, fez parte.

Ele é discriminado em relação a emprego e salário, quando ainda tem que exercer uma atividade para complementar seu orçamento. Quanto à possibilidade de crédito é encarado como alguém com baixo rendimento, cuja produtividade tende cada vez mais a declinar. Enfim, é vista como aquele que por suas condições e limitações, é incapaz de aprender e adaptar-se às novas exigências que a vida lhe apresenta.

Segundo Butler (in Kastebaum,; (1975) a discriminação baseada na idade, chamada por ele de "Velhismo", é infundada, irracional, e tão perigosa como aquela baseada em sexo e raça, pois embora a idade cronológica tenha um papel preponderante na vida das pessoas, não é fator decisivo e limitativo de seu desempenho.

A este respeito Kastebaum (1981; p.9) lembra que a seleção baseada no critério cronológico, é cômoda e natural, para quem a efetua, uma vez que a própria sociedade sanciona e legaliza tal tipo de atitude. No Brasil, a partir de uma determinada idade (35 anos p.ex) é vedado ao indivíduo uma série de oportunidades profissionais, especialmente aquelas referentes a cargos e concursos públicos, situação esta que tende a se

repetir em outros países, com pequenas flutuações quanto ao limite de idade por nós mencionado.

Conforme colocações de Beauvoir (1970; p.272) a maior parte dos patrões desconfia das pessoas de idade. As ofertas de emprego, em quase todos os países, estipulam o limite de idade entre 40 e 45 anos. Nos EE.UU. 23 Estados têm leis que proíbem a discriminação de idade, mas os empregadores orientam officiosamente aos seus selecionadores de como proceder quanto a esta questão. Segundo uma pesquisa realizada em Nova York, as agências de emprego vêem o candidato mais idoso com uma série de inconvenientes: fala da mais, nada lhe é suficientemente bom, necessita de limite e controle de si mesmo. Outra pesquisa realizada em 8 cidades dos E.U.A., nos dá conta, que 1/5 das agências de emprego fixavam em 35 anos a idade limite, enquanto 1/3 em 45 anos. No Reino Unido 50% das ofertas de emprego estipulam em 40 anos o limite para ingresso; na França, de 41.000 ofertas de emprego 30% era para indivíduos com menos de 40 anos de idade; 40% para indivíduos de 20 a 40 anos e 30% a indivíduos com 50 a 65 anos.

Como diz Bosi (1979; p.35) "Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem.

Deste modo, cada cultura verá este momento de acordo com as concepções, expectativas e idéias a respeito do que sente que perdeu ou irá perder com este declínio, e do valor atribuído a ele.

E assim, em cada sociedade, o homem do poder, ou a classe dominante, impõe ao idoso, as restrições que lhe interessam; comunica-lhe seu estatuto de acordo com seu interesse de

domínio, submissão e poder, muitas vezes sem levar em conta as necessidades, valores e expectativas, próprios deste grupo, orientando-se externamente por normas, interesses pré estabelecidos e principalmente por conceitos arcaicos a respeito do idoso, e sua capacidade funcional.

Por causa do preconceito já bastante arraigado nas pessoas, esta tendência não se modifica, apesar das pesquisas realizadas demonstrarem sua falsidade. Segundo dados fornecidos por Lopez (/1967/; p.8):

a

*Investigação minuciosa realizada na Inglaterra, na grande quantidade de profissões manuais e intelectuais, demonstraram que as variações intragrupo de jovens e velhos em trabalhos manuais semiqualiificados, eram maiores em determinados aspectos de trabalho, (rapidez principalmente), onde jovens pareciam superar os velhos, mas em outros aspectos (esmero e economia) ambos se equivaliam não raros os jovens eram superados.*

Porém, os últimos pontos levantados pela pesquisa anteriormente mencionada, e que mostram certas dificuldades do idoso, também podem ser objeto de controvérsia, pois segundo dados levantados por Beauvoir (1970; p.275), não há grande diferença entre a capacidade e as possibilidades de um homem de 60 anos e um de 50 anos. A força muscular alcança seu ponto máximo aos 27 anos; aos 60 anos diminui 16,5%, isto é, somente 7% com relação às pessoas de 48 anos a 52 anos. Quanto à habilidade manual, varia muito pouco de 15 a 50 anos.

Na Noruega, em 1951, (segundo Beauvoir 1970) depois de examinarem 5.000 trabalhadores das indústrias os médicos concluíram que entre 60 e 64 anos, 82,6% eram capazes de realizar perfeitamente bem o seu trabalho; e apenas 7,7% deveriam se aposentar por diminuição de capacidade de trabalho.

Nesta mesma linha, no congresso de Gerontologia de Londres, em 1954, Patterson relatou, comparando trabalhadores mais jovens, com aqueles com mais de 50 anos, que o rendimento quantitativo é aproximadamente o mesmo, e o trabalho destes últimos, de melhor qualidade, com relação ao zelo, dedicação e economia.

Se esta disposição preconceituosa, ocorre no grupo social mais amplo, também se repete no pequeno grupo social representado pela família. Esta não apenas incorpora, mas veicula em seu interior tais discriminações, transmitindo ao idoso, por uma dupla mensagem, toda esta visão e crença. Sabe que deve preservar e respeitar o velho, pois seu passado fornece elementos para a história do grupo; confere à família uma certa continuidade e direção, mas simultaneamente, esta condição de representante e guardião de um passado é desvalorizado, não reconhecida ou polidamente negada, quando suas opiniões não são lembradas e sua experiência não tem lugar. E como todos, embora não lhe digam que o discriminam, veladamente, também o fazem, diminuindo seu espaço como ser que tem necessidades biológicas, afetivas e sociais.

Conforme afirmou Luís Assumpção Paranhos Veloso,<sup>(1)</sup>...

*A Urbanização acelerada com a formação de grandes conglomerados urbanos, afetou o equilíbrio familiar, levando o velho a não mais encontrar nela, a proteção e o acolhimento de que necessitava...*

*(....) "Some-se a isso a atitude juvenil de contestação aos dados da sabedoria e da experiência dos mais velhos, com a consequente ruptura cultural e quebra dos padrões de comportamento e ética"...*

---

(1) Palestra proferida pelo Dr. Luís Assumpção Paranhos Veloso, Secretário Geral do Ministério da Previdência e Assistência Social, em S. Paulo em 6/10/78 em comemoração ao Ano Internacional do Idoso.



Por outro lado, se vivemos hoje a premência do tempo, através do endeusamento que a sociedade lhe confere; se a rapidez passa a ser uma exigência da eficiência, ignora-se ou até mesmo exclui-se tudo ou todos aqueles incapazes de adequarem-se ao rigor das regras pré estabelecidas.

Segundo dados da pesquisa realizada por Boverat ( in Beauvoir) em 250 empresas, com 68.700 trabalhadores, a maior parte dos empregadores considera que a idade provoca uma diminuição do vigor muscular e da agudeza visual e auditiva; uma minoria assinalava menor resistência à fadiga, ao frio, ao calor, à umidade , ao ruído, à trepidação. Segundo outra pesquisa efetuada pelo IFOP, em 1961, os dados revelaram que um trabalhador ao começar a ter idade (50 anos), perde muito de sua eficiência, por não saber adaptar-se a situações novas; sua força e sua rapidez também são menores.

Conforme assinalou o Ministro<sup>(1)</sup> Nascimento e Silva a este respeito:

*Cumpra constatar que o objetivo essencial da moderna sociedade industrial, a preocupação de todos instantes, é a produção. Por conseguinte, não há lugar nela, para aqueles que, por esta ou aquela razão, não se inserem no seu circuito de produção. Ora, as pessoas idosas são improdutivas ou pelo menos assim consideradas. A superviniência da velhice implica a passagem da produção à inércia, e portanto à exclusão, à consciência da própria inutilidade.*

A este respeito Donfut (Seminário de Estudo Sobre a Terceira Idade-cadernos de 3a. idade, Vol.I, e II, SESC SP) também observa que para a 3a. idade ser reconhecida dever-se-ia antes

---

(1) Palestra proferida pelo Ministro Nascimento e Silva ; Forum de Ciências e Cultura da U.F.R.J. em 29/5/78.



de mais nada admitir que "essa etapa de vida tem seus valores e ritmos próprios".

Mas isto não ocorre, e a velhice, então, passa a ter a condição denunciada por Beauvoir, de um "problema social", pois mesmo quando dados de pesquisa revelam realidades novas e aspectos positivos do velho, os mesmos continuam sendo ignorados ou polidamente rejeitados.

A este respeito julgamos oportuno lembrar novamente que segundo pesquisas da Nuffield Foundation (1970), o trabalhador na terceira idade tem muito maior consciência profissional. Embora com a idade diminua a vista e audição, força e precisão manuais, robustez e flexibilidade, rapidez de ritmo, memória, imaginação, criatividade, adaptação, energia e iniciativa, aumenta o gosto pelo trabalho. Há mais regularidade de ritmo e método, pontualidade, concentração, vigilância, boa vontade, disciplina, prudência, paciência e esmero para bem executar o trabalho.

E o adulto que carrega a criança que ele foi, que alimenta o velho que potencialmente vive nele, ignora esta realidade na medida em que, complacentemente, dá as costas à condição sofrida e vivida por esta parte cada vez mais significativa da população.

Desse modo, preparado para ingressar e viver num mundo adulto, pois, desde tenra idade seus interesses para lá são canalizados, descobre tardiamente, e apenas quando vivencia esta condição, que como diz Herrera Ramos (1976) lhe faltou algo na vida: "aprender a envelhecer".

Com relação à chegada da terceira idade, Beauvoir (1970;p.9) nos lembra ainda, sem mencionar em que cultura ocorrem os "ritos de passagem", as iniciações, preparadas para que os jovens, entre 18 e 21 anos, ingressem e tomem contacto com novos estatutos

do mundo adulto, não acontecendo nada similar ou comparável quando o indivíduo atinge a 3a. idade.

Assim, o grupo parece esquecer que a "vida faz velhos" (Proust s.d.) não os preparando ou aparelhando para ingressar nesta nova fase pois além da visão preconceituosa, além das discriminações camufladas, a maior parte do grupo social estabelece e comunica uma mensagem ambivalente do que vem a ser, e o que, no seu entender, deve ser o velho.

Através de um "recado" não dito, expressa o estereótipo de uma imagem criada: a serenidade alcançada, desejos serenados, sabedoria conseguida. Ele deve ser assim, querem-no assim. Mas, quer no endeusamento ou desprezo por sua condição, o que seguramente lhe fazem é negar-lhe um lugar como pessoa, é desconsiderá-lo enquanto indivíduo é, como mais uma vez denuncia Beauvoir, "situá-lo fora da humanidade(1970; p.10).

E esta atitude ambígua: de um lado o desprezo, o desca-so, e de outro a mitificação dos anos dourados, faz-nos entender, e aceitar melhor a colocação de Proust (s.d.) que de todas as realidades a velhice, é talvez aquela "de que conservamos uma noção puramente abstrata".

Talvez seja por isto, pelo fato de ser uma condição abstrata, inimaginável por todas as consequências, a ela subjacentes, realizável, refletida e questionada apenas enquanto vivência, que torna-se difícil classificar a velhice, e conceituá-la a partir de estritos limites. Pode-se tentar apenas levantar algumas pontos relacionados com o tema, e um destes, inquestionavelmente é a aposentadoria, que abordaremos a seguir.

#### 4. Aposentadoria

##### 4.1. Noções Gerais:

Com relação à 3<sup>a</sup> Idade: observamos já de início a falta de espaço para um grupo que começou a crescer significativamente, mas devido à uma série de fatores sociais, culturais e econômicos, tem o lugar e status de uma minoria, sofrendo como tal toda espécie de discriminações, preconceitos e julgamentos.

A segregação e o isolamento existem de fato e se revelam em uma série de atitudes. Uma delas é a aposentadoria, que desperta tanto no grupo quanto no aposentado, várias reações contraditórias, sentimentos e vivências ambivalentes, muito embora a mesma tenha suas origens ligadas à previdência social, que é, segundo Russomono, caracterizada por "um sentimento universal de solidariedade entre os homens" Russomono, (1979; p.2).

Para Russomono e outros, surgiram no antigo Oriente, as primeiras organizações que tinham por finalidade proteger os trabalhadores.

Estas agremiações de natureza particular, foram evoluindo em diferentes direções e diversos locais, tendo por finalidade auxiliar o trabalhador. Em 1601, com a promulgação da Lei do Pobres na Inglaterra, o Estado iniciou a assistência oficial àqueles que por idade ou saúde não poderiam garantir a própria subsistência. Porém, só foi a partir de 1893, com Bismark instituindo os seguros sociais, de caráter geral e obrigatório, que realmente se iniciou a evolução da previdência social nos diversos países europeus, tratanto-se posteriormente à temática com maior interesse e profundidade.

Não nos deteremos na evolução internacional dos diferentes aspectos do sistema previdenciário, pois os mesmos não nos

interessam diretamente.

Colocaremos apenas alguns aspectos da legislação brasileira, pois eles são mencionados repetidas vezes por nossos entrevistados.

Em 24/11/1888 implantava-se a primeira medida da legislação brasileira sobre previdência social, relacionada à criação de uma "caixa de socorro", para os trabalhadores das linhas férreas do Estado (Russomano, 1975; p.29).

A partir desta data a evolução da previdência social brasileira teve vários momentos, sendo mencionadas sucessivas leis e decretos que tentariam ampliar sua eficiência nos mais diferentes níveis.

Em 26/01/1890 Marechal Deodoro da Fonseca expediu o decreto 221 sobre aposentadoria dos trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil, e quase de imediato, este direito se estendeu a outros ferroviários brasileiros (decreto 405 de 17/5 1890).

Mas, só a partir da 1<sup>a</sup> grande guerra é que se iniciou o período mais importante da previdência social brasileira, com a Lei Eloy Chaves (nº 4682 de 24/1/1923) que criou as Caixas de aposentadoria e Pensões dos Ferroviários, e que funcionaram em todo território nacional por muitos anos. O que se nota na legislação é uma grande preocupação pela classe ferroviária, verificando-se desde então sua importância, evidenciada inclusive, nas várias medidas previdenciárias.

Os estudiosos do assunto (Cohen, Menezes, Russomano, etc), mencionam a partir desta época diferentes períodos de evolução da previdência social no país, e no mais das vezes associados a importantes momentos políticos.

Como o nosso intuito é apenas fornecer em linhas gerais

o panorama histórico do nascimento e desenvolvimento do sistema previdenciário, ligado aos ferroviários, mencionaremos, a seguir, os diferentes tipos de aposentadoria dessa classe, pois os mesmos se relacionam diretamente com a nossa análise de dados.

#### 4.2. Tipos de Aposentadoria

##### Aposentadoria por idade

Em princípio, é fixado um determinado limite de idade: 65 anos para o sexo masculino, e 60 anos para o sexo feminino, para que seja concedido ao trabalhador o seu benefício.

Segundo Russomano (1979; p.193) este benefício é uma proteção ao trabalhador que envelheceu no exercício de sua atividade, e que tem por direito, a partir desta época, o merecido repouso.

##### Aposentadoria por tempo de serviço:

Este benefício só é concedido quando o trabalhador se encontra há pelo menos um quinquênio filiado à Previdência social. O artigo 4I, exige 30 anos pelo menos para que o segurado possa pleitear o benefício. A consolidação das leis da Previdência Social elabora uma série de normas e critérios para computar o tempo de serviço do segurado em aposentadorias desta natureza.

##### Aposentadoria por invalidez:

Segundo a C.L.P.S., artigo 35, este tipo de aposentadoria paga uma renda mensal ao segurado, quando for verificada a



incapacidade para o trabalho e não houver previsão de retorno ao mesmo.

O auxílio doença, como a aposentadoria por invalidez, tem uma forte conexão, pois pressupõem incapacidade do indivíduo para desempenhar suas atividades, sendo que a última depende de um laudo médico, que comprove a impossibilidade do mesmo retornar ao trabalho.

#### 4.3. Considerações sobre as implicações sociais da aposentadoria

Depois da apresentação das principais idéias que interessam diretamente ao nosso tema de estudo gostaríamos de mencionar inclusive, que ultimamente tem sido questionada a aposentadoria por tempo de serviço, alegando-se que na maior parte dos países utiliza-se apenas o critério cronológico (artigo da Folha de S.P. 21/11/79 p.3).

Enquanto se sucedem as discussões sobre o mérito da questão se dividem opiniões e posições (tempo x idade), o aposentado enquanto vivencia esta posição, logo percebe porém, como diz Meissmen (Folha de S.Paulo, artigo do dia 1/7/79, p.41) que, "no Brasil ninguém consegue aposentar sem empobrecer". E, aquilo que seria um benefício inestimável estabelecido ao longo dos tempos, estudado e ampliado teórica e sistematicamente, passa a ser, segundo ele, e na nossa realidade, mais "um ato de coragem".

A este respeito o Boletim do Dicese (anexo II) e outros artigos mencionados na bibliografia, nos esclarecem quanto na verdade perde quem se aposenta, ou mais especificamente quanto

perdem os aposentados com o "pacote da Previdência".

Embora não seja nosso intuito discutir nem tampouco analisar os determinantes e implicações políticas e sociais que regem as diversas concepções sobre a questão da aposentadoria, queremos no entanto concordar com Meissmer quando afirma que "aposentar-se é um ato de coragem". Na maior parte das vezes, ao aposentado junta-se a idéia de velhice; para o velho é criado um ponto zero, um lugar de inutilidade, em que ele é situado, e neste lugar recriado ele é excluído: por sua não competência financeira, por sua deficiência física. Simbolicamente é retirado de um cotidiano construído por ele, mas do qual hoje paradoxalmente fica excluído. A experiência acumulada só lhe serve de reminiscência. Não o procuram para dela compartilhar. Torna-se um não presente nas relações interpessoais, pois sua presença é o testemunho vivo da juventude perdida, da força esmorecida, e da beleza sem viço.

Mas, na raiz de todas estas atitudes, com relação ao velho, na raiz de todos estes preconceitos, jaz a idéia da morte, e o que ela representa em nossa cultura.

Assim, o lugar ausente, o espaço individual carente de sentido, os direitos negados, os projetos esvaziados, a preocupação quase inexistente, a discreta e quase asséptica solicitude, na maior parte das vezes, são meios indispensáveis da coletividade, do próprio grupo e de cada um, de individualmente lidar com a morte, que o outro poderá carregar e mostrar-nos, com maior ou menor intensidade.

E desta forma, o velho enquanto velho, ou o velho enquanto aposentado, geralmente, só encontra o eco de suas próprias palavras, de suas próprias lembranças. Outrora tinha um polo, o grupo dos companheiros de trabalho, que o impelia para um

determinado objetivo, no sentido de esforçar-se, ultrapassar certos obstáculos, para conseguir o que se propusera. Agora se vê na maior parte das vezes sem objetivos ou perspectivas, sozinho, muitas vezes sentindo a falta da atividade, pela qual manteve um relacionamento produtivo e positivo como o meio; através da qual se diferenciou.

Mas, apesar das discriminações, do preconceito, do empobrecimento numa época da vida em que as solicitações são sempre crescentes; apesar da mitificação dos anos dourados, e da dúbia vivência que eles encerram e que a ninguém interessa desmitificar; mesmo diante destas situações adversas do viver; mesmo diante desta crise existencial, social e profissional, supomos que o aposentado consegue reorganizar-se construtivamente em diferentes aspectos de sua vida.

Assim, levando em conta nossa proposta inicial de que o indivíduo pode reorganizar-se em diferentes momentos de sua vida, e que a identidade profissional é um dos elementos mais significativos que compõe um todo mais amplo, interessamo-nos em investigar como o ferroviário maquinista vivencia e se reorganiza a partir deste momento de aparente crise, caracterizado pela aposentadoria. Deste modo, analisaremos a seguir alguns aspectos relacionados com a vida ferroviário.

## 5. O Ferroviário

### 5.1. A importância do transporte ferroviário

Graças ao projeto de pesquisa de "Identidade e Trabalho" (Arantes e Andrade, 1981), que registra a importância do

trabalhador ferroviário numa determinada época de nossa história, (mais precisamente até meados do século), e analisa as relações do maquinista com seu trabalho, pudemos perceber a importância e qualidade do vínculo entre este trabalhador e seu instrumento de trabalho. Tal atividade devido suas características próprias, é das funções onde o mesmo é mais acentuado e intensificado, tanto em decorrência da valorização pessoal, o indivíduo entrava para a ferrovia sonhando ser maquinista, como, devido à própria visão que a categoria sócio profissional dos ferroviários conferia a esta classe.

De posse destas informações e aquelas oriundas de outras fontes de consulta<sup>(1)</sup>, registraremos alguns elementos relevantes da história e significado da ferrovia e dos ferroviários no Estado de S. Paulo e que nos auxiliarão posteriormente, compreender muitas das afirmações dos entrevistados sobre suas atividades.

Até a metade do século, particularmente nas regiões do estado então servidas pela Cia Mogiana, o trabalhador ferroviário, e no nosso caso, o maquinista, representava uma classe relativamente prestigiada. Tal fato, resultava da penetração do progresso que o transporte ferroviário proporcionava e por ser este até então, um dos meios de comunicação mais utilizado. Sua importância pode ser atestada não apenas pela participação deste trabalhador no movimento operário brasileiro, mas principalmente, pelas medidas securitárias inicialmente estendidas apenas à esta classe e por nós já citadas.

---

(1) Material fornecido pela UFAM e pelo Setor de Relações Públicas da Fepasa.

UFAM - União dos Ferroviários Aposentados da Mogiana, fundada à 30/7/1959.

Porém este monopólio levou a ferrovia a uma fase de estagnação, por falta de outro meio de transporte que com ela competisse. E, ao término da segunda grande guerra, começou o declínio operacional e econômico das estradas de ferro brasileiras, com a intensificação das rodovias e das multinacionais de gasolina, deslocando e quase marginalizando o transporte ferroviário. Com isto cessou seu crescimento e desenvolvimento. Houve regressão com o fechamento dos ramais chamados de anti-econômicos, iniciando-se a partir daí, um processo de contínua decadência.

## 5.2. A unificação

Esta acelerada desativação com toda a insegurança daí decorrente culminou mais recentemente, em 1971, com o impacto da unificação das cinco principais ferrovias paulistas, em uma única empresa, a Fepasa<sup>(1)</sup>, que inquestionavelmente trouxe reflexos sobre as condições de vida e de trabalho dos ferroviários.

Embora a unificação aparentemente trouxesse vantagens administrativas, e tentasse tornar a ferrovia uma empresa financeiramente equilibrada, introduzindo técnicas mais modernas e uma maior organização, este momento foi vivido com intensa dramaticidade por grande número de famílias ferroviárias, como verificamos na pesquisa de Guarido (1981; p.66). Segundo ela,

---

(1) Em 28/10/1971 a lei estatal nº 10410 incorporou à Fepasa, ferrovia paulista S/A as seguintes ferrovias de propriedade e/ou administração do estado: Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Cia Mogiana de Estradas de Ferro, Estrada de Ferro Sorocabana S/A, Estrada de Ferro Araraquara S/A e Estrada de Ferro São Paulo - Minas S/A



este momento não foi atestado como crítico apenas pelos entrevistados selecionados, mais por outros depoimentos informais.

A este mesmo respeito, Andrade (1981) também coloca que:

*a institucionalização da Fepasa, envolveu um processo de completa reestruturação do corpo de funcionários das antigas ferrovias, afetando o trabalhador positiva e negativamente, obrigando-o com isto a encontrar formas e adaptação ou resistência individual ou coletiva, para lidar com essas transformações do quadro institucional da empresa.*

Se a unificação visou antes de tudo a eficiência organizacional, atingindo metas e objetivos anteriormente propostos, verificaremos através dos relatos dos nossos entrevistados e aqueles mencionados, uma série de incidentes, como alterações no contrato e F.G.T.S., demissões, substituições, aposentadorias compulsórias, e doenças de trabalhadores em razão das dificuldades enfrentadas pelas modificações. O que se pode notar é o total desconhecimento e despreparo do trabalhador para a situação que ele vivenciaria, e a qual deveria adequar-se, independentemente das reações e sentimentos que a mesma lhe mobilizava.

*Fiquei muito chateado com a formação da Fepasa, porque achei que o governo fez um método muito brusco e irregular, porque até hoje tem um rastro de reclamações trabalhistas que toda causa foi isso aí, porque as ferrovias, cada uma tinha seu estatuto, seu método de trabalho, tinha quadro de carreira, cada um pegava a promoção de acordo com o merecimento, antiguidade. A Fepasa juntou tudo irregularmente, mandou tudo para S.P. sem saber se podia ou não ... todo mundo sentiu, e nós estamos sentindo hoje, porque ainda não acertou as coisas lá como deveriam ser acertadas. Não foi bonito, não. (in Guarido; 1981; p. 69)*

Outros depoimentos a este mesmo respeito:

*Aí o departamento todinho foi transferido para S.P., e eu também fui junto com o departamento para trabalhar em S.P.. Essa mudança foi desastrosa... Eu fui ser um chefe de secção sem secção, entende? Eu não tinha mais campo lá, praticamente eu saia de casa para ir lá ficar sentado numa cadeira, porque eles não me davam serviço compatível com a minha função. (Ibid; p.70)*

*Eu senti que não sô a pessoa do ferroviário como a ex-empresa foi relegada a segundo plano. Então eu senti humilhado com a situação. O meu estado psicológico foi atingido de certa maneira, que eu tive até internação em sanatório por determinação médica; fiquei internado 3 meses. Eu sentia uma desmoralização total e eu achava que não servia pra nada, uma pessoa inútil. Eu que trabalhei tanto, e de repente ser relegado a não ser ninguém. (Ibid; p. 71)*

Ao lado destes prejuízos mencionados e de um forte sentimento de perda de status profissional, vivenciados como já mencionamos, não sô por pelos entrevistados, mas por amigos e parentes, observamos ainda, o enfraquecimento das relações de camaradagem entre os próprios funcionários e o chefe, diminuindo-se assim, a solidariedade intra-grupo.

### 5.3. A Carreira de Maquinista

Além deste fato e suas implicações, também interessava-nos conhecer mais detidamente, a importância e o significado do papel do maquinista e como foi ele afetado pela unificação, uma vez que todos os nossos entrevistados vivenciaram tal processo.

Encontramos em Guarido (1981) referência a estes aspectos,

focalizando ela não só as dificuldades para aceder ao cargo, as asperezas da carreira, mas igualmente fazendo ampla menção à satisfação profissional. Utilizamos-nos de um de seus depoimentos para ilustrar nossas afirmações.

*A gente gosta da carreira e tinha bastante ilusão;... Agora, a gente tem passado bastante pobreza, a gente ganha pouco, serviço pesado mas, com tudo isso, eu estou contente, porque fiz justamente aquilo que queria; à trancos e barrancos eu cheguei onde queria, eu realizei meu sonho. (Guarido 1981; p.51).*

Esta questão da realização profissional, de se atingir o objetivo que procura, parecia-nos altamente relevante, uma vez que a identidade é uma somatória de vários elementos, sendo a parte profissional marcante graças ao destaque que a sociedade confere ao trabalho e à produção.

Com relação à unificação, percebemos um decréscimo de importância do maquinista, com a introdução de um maior automatismo na condução do trem. Igualmente verificamos, uma total alteração das relações deste com seu instrumento de trabalho, debilitando-se assim o sentido de responsabilidade que o maquinista tinha ao exercer sua atividade, intensificando-se portanto os acidentes. De modo geral esvaziou-se o sólido comprometimento do indivíduo com o grupo que com ele trabalhava, e fundamentalmente reduziu-se a íntima ligação do maquinista com "sua" máquina, quebrando-se o elo anterior do trabalho X instrumento de trabalho.



## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA

#### 2.1 Aspectos Gerais

A partir do nosso enfoque teórico, que privilegia a compreensão mais abrangente do fenômeno estudado, deixamos de lado, desde o início, a idéia de utilizarmos instrumentos for mais de entrevista, tais como questionários ou testes de múltipla escolha, acreditando que embora estes ofereçam a vantagem de permitir a análise quantitativa dos resultados, têm como principal desvantagem a imposição de uma forma ao entrevisado que dificulta captar suas ambiguidades e uma visão mais profunda dos incidentes de sua vida.

Assim, não escolhemos o que poderia ser considerado um instrumento ideal de medida, do ponto de vista rigorosamente positivista, que nos possibilitaria, inclusive, a análise comparativa e a generalização dos dados obtidos. Julgamos que nosso tema seria melhor abordado através de entrevistas livres, nas quais se procurasse, por intermédio de um *rappo*rt satisfatório, relatos mais livres sobre vida, progressa e atual de nossos entrevistados, sobre seus sentimentos e emoções. Acreditamos, como P. Bordieu, que

*o fetichismo da estatística conduz alguns a não con*  
*siderarem digno de ser conhecido aquilo que não po*  
*de ser medido, em vez de tentar medir aquilo que me*

*rece ser conhecido ou de recorrer, para estudá-lo, a métodos aparentemente menos rigorosos (...). Seu valor e validade são funções do aspecto da realidade de que se trata de explicar. (in Rodrigues, 1978; p. 31.)*

Na medida em que considerávamos extremamente relevante a captação da subjetividade de nossos informantes para abordar nosso objeto de estudo, a entrevista aberta, que permitisse a emergência destes aspectos, pareceu-nos extremamente fértil e mais interessante do que um questionário estruturado.

Segundo Bleger, (1978; pp. 23,24), a entrevista opera em 3 níveis de informação: verbal (palavra), pré-verbal (gestos, tonalidade de voz), e não verbal (mecanismos que o entrevistador infere a partir de dados verbais e não verbais). Sendo assim, ela atende aos requisitos básicos, imprescindíveis à validade de um instrumento que se proponha estudar o homem. Ainda segundo o mesmo autor, ela proporciona um duplo ganho, pois, leva em conta o subjetivo, que é então transformado em dados objetivos, na medida do possível.

Ao utilizarmos a entrevista (ver anexo I), considerámo-la não apenas uma forma de obter dados, mas um tipo especial de relação *dual*, onde são mobilizados uma série de sentimentos e fantasias de acordo com as percepções subjetivas de cada um, tanto com relação a situação do *aqui e agora*, como com relação às lembranças evocadas. Assim, pareceu-nos altamente significativa a interação que estabeleceríamos com o entrevistado. Só na medida que existisse um vínculo espontâneo que possibilitasse a aceitação de nossa pessoa, só na medida que nós mesmas éramos participante interessada nestas lembranças, o passado emergiria com diferentes tonalidades, vivacidade,



maior profundidade e intensidade.

Procuramos, com nossa abordagem, não apenas colher dados; tentamos na verdade, não esquecer as colocações de autores tais como: Bleger (1978), Rodrigues (1978), Bosi (1979) que consideram a entrevista um tipo especial de relação interpessoal, onde conforme afirma Bleger *o entrevistador a controla, mas quem a dirige é o entrevistado* (1978; p. 15).

Assim, a interação, antes e durante a entrevista, é um dos aspectos mais significativos na coleta de dados, permitindo a evocação e emergência de lembranças. Como diferentes autores ressaltam Bleger (1978), Rodrigues (1978), a entrevista é uma situação em que se observa uma parte da vida do indivíduo, mas esta manifestação se desenrola em relação a nós e frente a nós. Assim, o indivíduo não apenas repensa; ele refaz e sistematiza, revive diante de nós, ou seja, conosco, parte de sua vida, de seu passado; torna-nos depositários do que tem de insólito ou grandioso.

Desta forma, tentamos no presente estudo, preservar a unidade do indivíduo, para que ele, enquanto sujeito-objeto, fosse também presença viva, que fala, e não apenas é falado. Assim sendo, o esforço da objetividade científica cedeu lugar à tentativa de uma compreensão mais profunda do mundo subjetivo de nossos entrevistados.

Passaremos agora, a relatar como efetuamos os nossos primeiros contactos, ou seja como apresentávamos a nossa pesquisa aos indivíduos selecionados.

## 2.2. Seleção dos entrevistados

Neste tópico, relataremos o processo de seleção do

grupo estudado, não sem antes lembrar que tivemos um rápido acesso à União de Ferroviários Aposentados da Mogiana (UFAM) através do grupo de pesquisadores aos quais estávamos ligados e que, na época, realizava um estudo sobre ferroviários (Aran-tes e Andrade, 1980). Os dirigentes da UFAM, que já estavam há muito em contacto com uma pesquisadora deste projeto, muito nos auxiliaram no processo inicial de escolha, não poupando es- forços para que tivéssemos acesso ao seu fichário de nomes e endereços.

Como não era objetivo deste trabalho, a generalização dos resultados a outros grupos de trabalhadores ferroviários e pretendíamos tão somente, utilizá-los como um exercício de aná- lise onde tentaríamos compreender alguns casos à luz de postu- lados teóricos, não nos preocupamos em trabalhar com uma amos- tra representativa do trabalho ferroviário no estado de São Pau- lo.

Restringimo-nos, logo de início, aos ex-funcionários da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro (hoje incorporada à FE- PASA), por ter Campinas o maior contingente de ex-funcionários desta estrada, pois sua sede estava aqui localizada. Além dis- so, tínhamos mais fácil acesso, uma vez que o grupo de pesquisa- dores a que nos referimos já estava trabalhando apenas com fun- cionários da antiga Mogiana. Porém, como teremos ocasião de ob- servar e comentar posteriormente, não conseguimos delimitar nos- sa atuação apenas à cidade de Campinas, embora fosse esta nossa intenção inicial.

Pelas informações obtidas em uma coleta informal de dados, realizada de início por estes pesquisadores, sabíamos que a função de maquinista de trem é aquela onde o vínculo en-

tre o trabalhador e seu instrumento de trabalho é extremamente acentuado; igualmente esta é uma das funções mais valorizadas e idealizadas, na carreira dos ferroviários, tanto em termos pessoais (muitos indivíduos entravam para a ferrovia sonhando ser maquinista), como em termos sociais, (devido à própria visão que a categoria sócio-profissional dos ferroviários conferia a esta função). Deste modo, uma vez que acreditávamos que um forte vínculo emocional do sujeito com seu trabalho seria importante para nosso estudo, resolvemos, entrevistar em nossa pesquisa os ferroviários que seguiram a carreira de maquinistas, tendo se aposentado como tais ou como ajudantes de maquinistas.

Foi nossa intenção, ao introduzir estes dois grupos, verificar se encontraríamos entre eles diferenças quanto à crise vivenciada na terceira idade e conseqüente aposentadoria. Para nós, a diferença entre um e outro grupo poderia ser decorrência não apenas de situações pessoais mas, principalmente, da percepção subjetiva de haver *cumprido a tarefa*; de ter atingido o objetivo maior, determinante para grande parte dos trabalhadores - a posição máxima da carreira - ser maquinista.

Assim, pelo fato de entrevistarmos indivíduos que se aposentaram no cargo de maquinista e indivíduos que se aposentaram no cargo de ajudante de maquinista, abordávamos a questão da realização profissional. Este ponto parecia-nos altamente significativo uma vez que a identidade individual é, somatória de vários elementos, dentre estes, o aspecto profissional privilegiado pelo valor que a nossa sociedade confere ao trabalho e à produção.

Em nosso plano escolhemos um intervalo de tempo de

aposentadoria que seria não superior a dez anos, e não inferior a um ano; este limite teve uma dupla justificativa. De um lado, incluía aqueles indivíduos que passaram pelas transformações decorrentes da unificação das ferrovias (1971) e, conseqüentemente vivenciaram todo um processo de instabilidade e crise. Os ferroviários que se aposentaram há mais de 10 anos provavelmente não sentiram tão nitidamente os efeitos dessas transformações. Os indivíduos que entrevistamos, então, entraram para a ferrovia há 35 ou 40 anos atrás, na década de 1940 - época em que a ferrovia ainda era extremamente importante - e durante suas vidas profissionais acompanharam o processo de progressiva decadência desta instituição.

Por outro lado, o fato de delimitarmos um período mínimo de tempo de aposentadoria, (um ano), também se justifica se lembrarmos que durante os primeiros meses o indivíduo pode viver um momento de alívio, de júbilo, pelo tempo livre que passa a dispor; porém, esta situação tende a modificar-se no transcorrer de um ano, quando provavelmente começa a ter dificuldades de adaptar-se ou de aceitar a nova situação.

Depois destas considerações relataremos as diferentes etapas do processo de seleção dos indivíduos que comporiam cada um dos grupos. Foram estas:

1a. Realizamos uma revisão de todas as fichas de inscrição na UFAM (ver anexo II);

2a. Separamos as fichas dos ferroviários aposentados como maquinistas, e dos ferroviários aposentados como ajudantes de maquinistas;

3a. Escolhemos, entre as fichas selecionadas, aquelas cujo tempo de aposentadoria estivesse dentro dos limites que



estipuláramos, ou seja, não fosse maior do que dez anos ou me nor do que um ano;

4a. Efetuamos o sorteio aleatório, tentando obter um número equivalente de maquinista e ajudantes de maquinistas, aposentados em um mesmo ano.

Assim, para organizarmos os dois grupos, examinamos por alguns dias as 7.000 fichas de aposentados, filiados à UFAM. Este procedimento só foi possível, graças à boa vontade do pre sidente da instituição, que apoiava nossa proposta de traba- lho.

As fichas que examinamos estavam dispostas por ordem de matrícula na entidade, ocupando 4 gavetas duplas de um arquivo de aço. Encontramos ali, indiscriminadamente, desde fichas de pessoas aposentadas em cargos administrativos, quanto em serviços braçais. Além disso, várias fichas de pensionistas, viúvas ou filhas de antigos funcionários estavam mistura das às demais e o número de inscrição do ferroviário na UFAM, não estava diretamente relacionado com seu tempo de aposentadoria; ou seja, muitas vezes, só depois de um período relati vamente longo de aposentado é que o indivíduo se filiara à instituição.

Depois de selecionarmos as fichas dos ferroviários apo sentados como maquinistas ou ajudantes de maquinistas, procedemos à separação daqueles ferroviários aposentados dentro do limite de tempo estabelecido. Encontramos, então, um número bem maior de maquinistas aposentados embora, quando em servi- ço, na ativa, cada composição tivesse dois ajudantes maquinis tas. Podemos levantar algumas hipóteses que justifiquem tal



fato, (como por exemplo, a maior parte dos ferroviários conseguiu alcançar o posto máximo de maquinista; a maior parte dos ajudantes de maquinista não se filiou à entidade, por diferentes motivos, etc.), porém não nos deteremos em qualquer delas, uma vez que não interessam diretamente ao objetivo do nosso estudo.

Notamos, também, uma maior concentração de ferroviários em determinadas cidades (RIBEIRÃO PRETO, CAMPINAS, GUAXUPÉ, etc.) e, nestas, em determinados bairros. As cidades do interior de São Paulo, que possuíam estação ferroviária, formavam núcleos de ferroviários, que por sua vez, agrupavam-se em vilas, devido à sua maior proximidade com a estação. Quando houve a unificação e conseqüente desativação das antigas companhias de estrada de ferro, cidades próximas receberam o contingente de ex-funcionários da Cia. Mogiana, que abandonaram os antigos núcleos, à procura de outros locais de domicílio, próximos à ferrovia. Isto talvez explique a tendência a uma concentração de ex-funcionários desta estrada em determinadas cidades e nestas em determinados bairros.

Assim, após mencionarmos as etapas e descrevermos alguns aspectos do processo de seleção, gostaríamos de esclarecer, que se logo de início pensávamos e queríamos trabalhar com ferroviários da cidade de Campinas, não conseguimos devido aos critérios previamente estabelecidos e ao sorteio aleatório que resultou na seleção de indivíduos de diferentes cidades.

Apesar de haveremos utilizado a UFAM para selecionar o grupo, tínhamos, desde o início de nossa entrada nesta instituição, o firme propósito de evitar qualquer mediação de seus

dirigentes na escolha ou no contacto com os ferroviários apsentados. Tal cuidado justificava-se, pois desejávamos evitar que fossem selecionados os indivíduos mais simpáticos aos interesses da instituição; estes, inadvertidamente, poderiam expressar, através de seus relatos, a visão *oficial*, seja por questões de bom relacionamento, medo, conveniência ou até mesmo comodismo diante da UFAM.

Como abordariamos assuntos ligados a aspectos pessoais e profissionais, considerávamos que através do contacto mediado pela UFAM, poderia ocorrer certo bloqueio, permanecendo a sensação de *presença oculta* da instituição ou de seus representantes, tornando-se o contacto conosco estabelecido ineficaz.

Além disso, caso a organização fosse a selecionadora e patrocinadora desse encontro, as possíveis recusas, dificilmente chegariam ao nosso conhecimento, graças à toda disponibilidade da entidade em nos ajudar a criar um ambiente favorável à nossa proposta de trabalho.

Como já dissemos, por casualidade, todos os nossos entrevistados sorteados moravam em outras cidades do interior do Estado. Extremamente atencioso, o presidente da UFAM de Campinas nos forneceu o endereço particular e de trabalho dos representantes regionais da UFAM, nestas cidades, esperando com isso, facilitar nosso contacto. Mas, pelos motivos já mencionados, optamos por realizar estes contactos diretamente, indo à residência dos indivíduos selecionados.

Para atender ao objetivo de nosso trabalho, realizamos com cada ferroviário duas entrevistas. Na primeira nos detivemos mais nos aspectos da vida profissional, embora já nos

preocupássemos com alguns aspectos referentes à aposentadoria e velhice, na medida que tentávamos que ele verbalizasse sobre seu cotidiano de aposentado. Porém, os aspectos relativos à aposentadoria e simultaneamente velhice foram bem mais aprofundados e enriquecidos na segunda entrevista. Nesta, o indivíduo, geralmente se expressou mais livremente, trazendo-nos uma série de sentimentos e impressões percebidos no grupo social à sua volta, e que agora, ali conosco resolvera encará-los e discuti-los.

Embora abordássemos com todos os entrevistados os mesmos temas, verificamos algumas diferenças quanto a certos itens. Certos entrevistados, indiretamente, se recusaram a falar ou falaram bem superficialmente sobre determinados temas tais como: perspectivas futuras, visão do aposentado, etc.

Assim, graças à própria natureza do nosso trabalho houve a possibilidade do indivíduo expressar-se livremente, pois não seguíamos rigidamente um roteiro pré-estabelecido. Pelo modo como foram mantidos os contactos, alguns itens foram bem mais aprofundados que outros.

Relataremos a seguir como estabelecemos os contactos iniciais, porém antes apresentaremos a disposição final dos dois grupos de indivíduos selecionados.

#### MAQUINISTAS

Identificação do Entrevistado	Procedência	Ano do Nascimento	Ano de Ingresso na Ferrovia	Ano de Aposentadoria
Sr. A	Rib. Preto	1923	1949	1980
Sr. B	Aguaí	1927	1948	1980
Sr. C	Rib. Preto	1920	1948	1980
Sr. D	Rib. Preto	1918	1945	1978
Sr. E	Rib. Preto	1923	1942	1975
Sr. F	Guaxupé	1920	1944	1974
Sr. G	Guaxupé	1920	1940	1974
Sr. H	Rib. Preto	1928	1943	1973

## AJUDANTES DE MAQUINISTA

Identificação do Entrevistado	Procedência	Ano de Nascimento	Ano de Ingresso	Ano de Aposentadoria	
N	Uberaba	1925	1949	1980	
O	Rib. Preto	1926	1949	1980	
Px	Uberaba	1933	1955	1980	Doença mental
Qx	Rib. Preto	1930	1953	1978	Alcoolismo
Rx	Rib. Preto	1920	1950	1975	Doença de Chagas
Sx	Uberaba	1921	1949	1974	Esponja Circular
Tx	Uberaba	1922	1949	1974	Alcoolismo
U	Rib. Preto	1920	1943	1973	

## 2.3. Contactos iniciais e realização das entrevistas

Para realizar nosso trabalho de campo, viajamos de ônibus para as cidades onde moravam nossos informantes<sup>(1)</sup>. Nossos contactos iniciais foram feitos em suas próprias casas, e logo de início explicávamos a proposta da pesquisa, apresentando-nos como uma estudante do curso de Pós-Graduação da PUC, interessada em escrever um trabalho sobre a vida do ferroviário aposentado.

Dizíamos que estávamos interessadas na sua carreira e na sua vida atual enquanto aposentado; que gostaríamos de ouvi-lo e compartilhar com ele um pouco de sua vivência como ferroviário aposentado.

A seguir, colocávamos o porquê do nosso interesse e da nossa locomoção a cidades tão distantes de Campinas. Explicávamos-lhe como ele havia sido incluído no estudo, apresentando os critérios utilizados: filiação à UFAM; tempo de aposentadoria; discriminação de cargos (maquinistas ou ajudantes

(1) Para registrarmos as colocações de cada entrevistado e simultaneamente não identificá-los utilizaremos o seguinte critério: classificaremos, com as letras de A até H ao maquinista, e de N até U ao ajudante de maquinista. Acrescentaremos a letra X àqueles aposentados por invalidez.



de maquinistas); sorteio aleatório (razão pela qual, iríamos não só àquela, mas a diferentes cidades).

A realização do sorteio, precisou ser detalhadamente esclarecida e justificada, pois muitos deles manifestavam o desejo de trazer outros companheiros ou parentes para: *também participarem e ajudar a lembrar o que a gente já esqueceu...*(F)

Depois de nossa apresentação e dos esclarecimentos relativos à pesquisa, indagávamos se poderíamos ouvi-lo; se ele estaria disposto a participar das entrevistas. Em caso afirmativo, marcávamos um horário de acordo com a disponibilidade - mútua.

Muitos entrevistados comentaram sobre a boa vontade em realizar este tipo de pesquisa, pois segundo eles, além dos gastos, dificuldades de transporte e tempo dispendido, o trabalho devia ser muito cansativo. Por outro lado, nosso interesse pelo trabalhador ferroviário, levantou e sugeriu vários comentários indicativos de que os estávamos ajudando a sentirem-se menos desamparados:

*-... Pelo menos não estamos tão abandonados se vem gente de tão longe, só para nos ouvir!* (H)

*-... Apesar de tudo, tem gente que se interessa pela gente...* (Qx)

Ainda em relação à apresentação de nossa pesquisa, observamos que a maior parte dos entrevistados pareceu satisfeita com as justificativas gerais, havendo raros casos, onde foi necessário dar explicações mais detalhadas, como o que queria dizer pós-graduação, quem leria nosso trabalho, o que significava em termos práticos a exigência desta pesquisa. Um deles inclusive, chegou a expressar-se enfaticamente sobre o que segundo ele, era rigor em demasia.



... *Puxa! como eles são exigentes...* (F)

Neste processo de estabelecimento de contactos iniciais, constatamos alguns fatos e reações importantes, que abordaremos de forma mais detalhada no capítulo III, limitando-nos por ora, e dentro da medida do possível, apenas mencionar alguns fatos que precederam a realização das entrevistas.

Em alguns casos houve dificuldades de encontrarmos os indivíduos selecionados. Tais ferroviários não se encontravam em casa, no momento em que fomos marcar as entrevistas, obrigando-nos a retornar mais tarde. Outros haviam se mudado, só sendo possível determinar seus endereços corretos, após algum esforço, e principalmente, o que é mais importante, contando com a boa vontade e o interesse de vizinhos que se prontificavam a ajudar-nos assim que explicávamos as razões de nossa procura. Mesmo assim, houve dois selecionados que não conseguimos descobrir, pois, com o crescimento do bairro onde moravam e conseqüente alteração no nome das ruas (de n.ºs. 1, 2, 3, etc., passavam a ter outros nomes), nenhum morador soube informar-nos corretamente onde poderíamos encontrá-los. De uma maneira geral, tivemos maior dificuldade em localizar os ajudantes de maquinistas, uma vez que estes apresentavam um índice um pouco maior de mudanças domiciliares.

Ainda com relação aos contactos iniciais, apesar da disponibilidade e interesse em ajudar-nos, apesar da afetuosa acolhida que em alguns casos foi até calorosa, registramos uma recusa, feita indiretamente através da irmã de um dos ferroviários selecionados. Ela nos disse, quando chegamos para entrevistá-lo, que seu irmão *tivera que viajar de última hora, não podendo mais fazer a entrevista*. Quando lhe indagamos se

ele havia mencionado outra data, mais conveniente para retornarmos, ela delicadamente nos informou que ele não estava disposto a realizar nenhuma entrevista. À guisa de desculpas, justificou dizendo: - *Ele é meio esquisito, sabe? Tem medo destas coisas.*

A ocorrência deste fato nos mostrou já de início, de um lado, o medo de comprometer-se e particularmente um certo preconceito em relação à instituição FEPASA, e que mais tarde também detectamos nos relatos.

Embora, como já dissemos, a maior parte dos indivíduos, se satisfizesse com explicações genéricas sobre o trabalho que estávamos realizando, todos quiseram saber, detalhada e insistentemente, antes de marcarmos o horário da entrevista, qual a nossa ligação com a FEPASA, e se por acaso estávamos a mando da diretoria desta empresa. Um entrevistado comentou, que caso estivéssemos *era bom que eles ouvissem umas verdades* (O).

Em resposta, reiterávamos que não tínhamos qualquer ligação com a FEPASA, e sim com a UFAM, que simplesmente nos fornecera os endereços solicitados; que a realização deste trabalho decorria do interesse acadêmico particular, não implicando no compromisso de divulgação dos resultados à qualquer instituição ferroviária. Mesmo assim, alguns entrevistados demonstraram preocupação quanto a este fato, com perguntas do tipo: *Mas como é mesmo que a senhora conseguiu meu endereço?* (G) ou, disfarçadamente, mostrando certa dificuldade em começar a estabelecer uma real interação. Tão logo percebíamos isto, retomávamos as explicações iniciais, até conseguirmos eliminar suas dúvidas, pelo menos em parte.

Em oposição a estas reações de resistência por parte de alguns ferroviários selecionados, observamos que outros se prontificavam a participar imediatamente; não aceitávamos esta sugestão, argumentando que estávamos chegando de viagem, e deveríamos efetuar ainda, uma série de outros contactos antes de iniciarmos as entrevistas.

Realizamos, em geral, apenas duas entrevistas por dia; reservávamos um horário não inferior a 3 horas, para cada entrevista, o que possibilitou um tempo preliminar razoável para a interação livre, indispensável para que pudéssemos iniciar no momento fértil, a coleta de dados. Além disso, necessitávamos um intervalo entre uma entrevista e outra, para nos refazer e elaborar melhor nossas idéias e impressões a respeito da entrevista realizada. Geralmente efetuávamos uma entrevista no período da manhã, e outra no período da tarde. Para facilitar, tentávamos conciliar para o mesmo dia as entrevistas de indivíduos que morassem em um mesmo bairro.

De modo geral encontrávamos afetuosa receptividade em todas as casas, sendo a tônica, o café passado na hora; ou, mais insistentemente, o oferecimento de almoço ou jantar, que delicadamente recusávamos alegando compromissos com outros ferroviários.

Consideramos que, vencidas as resistências iniciais houve uma atitude geral de boa receptividade ao nosso trabalho; disponibilidade em atender-nos e calorosa acolhida. Sentimos que estes ferroviários não só abriram formalmente as portas de suas casas, mas à medida que o tempo transcorria e nosso contacto se aprofundava, permitindo a emergência de recordações eles desvendavam de bom grado, uma parte de suas

vivências, expectativas, desilusões e fracassos.

Na maior parte dos casos, os familiares de nossos informantes se aproximaram para nos conhecer e ao nosso trabalho, logo nos primeiros contactos. Depois, quando íamos novamente até a residência para realizar as entrevistas, cumprimentavam-nos no início das mesmas, retirando-se, em seguida, para seus afazeres e só retornando ao final para se despedirem. Algumas vezes comentavam sobre a exigência de nosso trabalho e o desgaste da viagem que tivéramos que realizar. Houve, no entanto, duas exceções.

Numa delas, logo no começo da primeira entrevista os familiares sentaram-se na sala, como uma platéia interessada. Através de um silêncio sonoro, que falava por si só, aguardavam curiosamente o início de um espetáculo. Apesar de estarmos conscientes da inconveniência desta situação, não foi possível solicitar que eles se retirassem. Neste caso os parentes acompanharam com bastante interesse a entrevista durante algum tempo e, satisfeita a curiosidade básica, foram aos poucos se retirando do recinto.

Noutra situação em que também não foi possível evitar que os familiares permanecessem durante a primeira entrevista um determinado tempo, notamos que eles tentaram complementar as informações dadas pelo entrevistado, com colocações do tipo: - *lembra do fulano?*, *Também aconteceu isso com ele, não é?*, ou outras considerações, que eram sistematicamente ignoradas pelo entrevistado. A maior parte do tempo, participaram ativamente, ouvindo e aprovando silenciosamente as afirmações feitas, quer através de sorrisos ou meneios de cabeça.

Com outro entrevistado, ocorreu a presença de uma das



filhas, ao final da segunda entrevista, expressando o seu desejo de pertencer ao quadro administrativo da FEPASA; ela nos contou das tentativas frustradas de conseguir o cargo e indagou sobre a nossa possibilidade de auxiliá-la. Explicamos novamente que não tínhamos qualquer ligação com os dirigentes desta instituição e estávamos impossibilitadas de lhe dar qualquer orientação produtiva. Este episódio serviu para demonstrar, no entanto, que apesar de nossas reiteradas afirmações iniciais, permanecia para alguns entrevistados, a impressão que tínhamos alguma ligação com a ferrovia...

De modo geral, o que nos foi transmitido pela atitude dos familiares de nossos entrevistados, é que eles consideravam que algo de importante estava acontecendo, sentindo-se co-participantes nisto. Percebiam que o entrevistado (pai, marido ou irmão) tinha um valor, e efetuara algo tão significativo enquanto trabalhador ferroviário, que até estava sendo procurado para dar uma entrevista, por alguém vindo de muito longe. Esta atitude, não verbalizada mas claramente transmitida e captada através do clima criado em torno das entrevistas, inclusive pelo reverente silêncio, fez com que optássemos nos dois casos descritos, não tentar impedir a presença dos familiares.

Ao final da primeira entrevista, já mencionávamos a necessidade de um outro encontro, indagando, em seguida, sobre a possibilidade e disponibilidade de cada um deles. Todas aceitaram de imediato, mostrando-se bem ansiosos em cooperar, com afirmações como:

*-... Se até lá eu lembrar de alguma coisa que interesse vou marcar para não esquecer. (D)*



No segundo contacto a interação foi bem mais intensa, demonstrada não só através de efusivas e calorosas manifestações, mas, principalmente, através do aprofundamento nas lembranças e do desnudamento dos sentimentos, que a maior parte dos indivíduos se permitiu. Sentimos, ainda uma maior cooperação, através da fluidez no relato, especialmente daqueles entrevistados que haviam se mostrado mais reticentes ou receosos durante a entrevista anterior, além de um visível interesse pelo andamento do nosso trabalho, por parte de quase todos.

A segunda entrevista foi feita após um intervalo de 40 dias em média. Supúnhamos que durante este período o indivíduo poderia refletir sobre os tópicos que levantávamos no primeiro encontro e espontaneamente oferecer-nos esta elaboração. A maior parte dos entrevistados confirmou nossas previsões, trazendo novas impressões sobre sua vida. A expectativa positiva dos ferroviários em relação a esta segunda entrevista, pode ser exemplificada nestas frases significativas:

*-... Outro dia fiquei pensando, será que aquela moça não vai mais voltar?... (B)*

*-... Teve um dia, que eu tava tão inspirado, e fiquei pensando, bem que ela podia vir hoje... (C)*

*-... Nestes tempos fiquei pensando, e lembrei de um monte de coisas importantes... (A)*

A seguir analisaremos as reações dos indivíduos selecionados, com relação às entrevistas e aos temas por elas abordados.

## CAPÍTULO III

### DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1. Apresentação

Neste capítulo inicialmente apresentaremos algumas considerações sobre a relação entrevistador-entrevistado, analisando o tipo de contacto que estabelecemos e o que, em decorrência disto foi mobilizado em ambos participantes. Aqui, não apenas registraremos as verbalizações dos entrevistados; procuraremos investiga-las e entende-las, levando em conta o que também nos foi transmitido simbolicamente. Ao mesmo tempo, estaremos colocando em questão a ambivalência do nosso papel de entrevistador.

Também iremos registrar e comentar algumas observações feitas por parentes de nossos entrevistados; julgamos significativo relatar a emergência de tais observações, uma vez que, indiretamente nos revelam que impressões causávamos ao tentar penetrar na vida privada de nossos informantes.

Posteriormente, analisaremos os dados obtidos nas entrevistas, subdividindo-os em diferentes tópicos.

#### 3.2. Análise da relação entrevistador-entrevistado

Como já afirmamos no capítulo anterior, em todas as entrevistas tentamos estabelecer um tipo de relação onde não

éramos apenas ouvinte e observador, mas graças à interação criada, também participávamos empaticamente das lembranças de nossos interlocutores.

À medida que estabelecíamos uma interação real e eficaz, o entrevistado parecia poder verbalizar mais livremente e trazer à tona, uma série de fatos passados, relativos à sua vida social, profissional e familiar. Ao estruturar sua autobiografia, arrematava as lembranças com experiências e impressões atuais, sendo que, neste processo, evocava não apenas o que lhe havia sido solicitado; expressava direta ou indiretamente uma série de outras emoções.

A emergência destas reações já foi comentada por diversos autores (Rodrigues 1978; Bosi 1979; Caldeira 1980), que as consideram um dado fundamental do processo de pesquisa.

Parecia-nos, em primeiro lugar, que o fato de existir um entrevistador que solicitava a evocação de suas experiências, dispondo de tempo para ajudá-lo a sair do anonimato e retraimento de sua vida, fez com que uma boa parte de nossos entrevistados (14) se sentisse agradecida e privilegiada; isto é, eles pareciam sentir-se diferenciados: dentre muitos, foram escolhidos para falar de si, de sua carreira. Este sentimento não foi diretamente verbalizado por todos os entrevistados; porém, como o julgamos altamente significativo, consideramos oportuno mencioná-lo aqui. No entanto, apareceram entre alguns entrevistados, exemplos da verbalização direta deste sentimento.

*-... gosto de falar e me sinto bem falando isto, porque é sadio; não sei o valor disto para si, mas para mim é de um grande valor, porque sou alguém, fui procurado... (D)*

*-... Fico satisfeito de estar perdido cá neste fim mundo e vir alguém palestrar com alguém de tão longe, e então a gente pensa que até pode surgir melhora para gente... (Sx)*

Ao falar de si, de suas lutas e vitórias nos ofertavam não apenas um pouco de suas vidas. Nem tanpouco nos transmitiam apenas suas experiências e conhecimentos. Essencialmente retomavam um lugar; readquiriam o orgulho de sua identidade profissional, refletindo-se isto em algumas das colocações selecionadas:

*-... Me considero um vitorioso; alcancei o que queria... (H)*

*-... Fui apesar de tudo um herói... (D)*

Como vimos no capítulo I, este lugar retomado, insere-o novamente em um mundo que ele ajudou a construir, mas que hoje o exclui. Percebe que a experiência acumulada só lhe serve nas suas lembranças; não o procuram para dela compartilhar, pois sua presença é o testemunho vivo da juventude perdida e da força de trabalho esmorecida.

Além disso, treze entrevistados manifestaram o desejo que compartilhássemos, não só das suas, mas, das experiências de amigos e conhecidos próximos, tentando trazê-los ou aproximá-los mesmo que indiretamente do nosso trabalho, comentando:

*-... Meu cunhado também foi maquinista e mora aqui pertinho. (H)*

*-... Nesta rua tem muitos maquinistas, se a Sra. quiser podemos ir até lá depois. (Tx)*

Parecia-nos claro que queriam que outros como eles, também tivessem a oportunidade de falar de si, lembrar o pas-

sado. Também sugeriam a existência de uma forte ligação com os outros ferroviários, que conviveram e compartilharam um cotidiano similar de trabalho: com suas dificuldades; os sentimentos de revolta; e as expectativas frustradas, que agora poderiam ser evocadas, re-vivencidas e re-elaboradas nas entrevistas. Com este desejo pareciam buscar um eco para suas palavras; a confirmação destes outros às suas próprias vivências, e o ponto de referência que no presente, como aposentado, lhes é praticamente negado. Com estes comentários e como se desajassem recuperar a força do grupo. Talvez, inconscientemente, tentassem energizar e engrossar o coro de solicitações, queixas ou simples opiniões, que naquele momento, sozinhos verbalizavam.

Neste pedido talvez manifestassem o desejo de aliar-se novamente, e reivindicar como representantes desta classe, que outrora unida, era, de acordo com as palavras de alguns deles:

-... *Como se fosse uma só família.* (N)

-... *Comia tudo junto, até no mesmo caldeirão.* (Px)

Consideramos também, que se a maior parte de nossos entrevistados se reportou ao grupo profissional, é porque ainda hoje ele é significativo em sua vida. É porque este como afirmamos no capítulo I, lhe garantiu uma série de parâmetros internos. A vida de todos eles foi áspera e despojada. Enquanto na ativa, lutavam por um objetivo comum, pois suas ações apesar de servirem à satisfação imediata e à sobrevivência, não se esgotavam aí; tinham um sentido mais amplo. O grupo, como mencionamos, lhes fornecia as normas e expectativas às quais eles procuravam adequar-se na permanente tentativa de atingir



um padrão ideal.

Por outro lado, naquela época, mesmo sentindo-se desvalorizados e desamparados, tinham um lugar como trabalhador, onde podiam objetivar e transmitir suas experiências. Hoje, não mais; sentem-se *aposentados*. Talvez por isto, logo no início de nossos contactos, queriam trazer outros companheiros, além de nos indagarem surpresos:

-... *A quem pode interessar minha vida?* (Qx)

-... *Que posso eu dizer de minha vida?* (A)

-... *Achei bom você procurar as pessoas que passam por onde você vai passar. Fico feliz, porque com isto posso lembrar o que fiz, deixei de fazer, o que vou fazer; quer dizer que não estamos tão jogados fora; alguém lembrou de nós.* (F)

Indiretamente nos dizendo:

-... *que poderei oferecer agora se não tenho nem trabalho para ser reconhecido e valorizado?*

Este sentimento de *ilegitimidade*, denominação utilizada por Rodrigues (1978) para se referir à percepção que o informante tem do despojamento de sua vida e da inexistência, por parte dos outros de qualquer interesse por sua pessoa, a não ser enquanto força de trabalho, ocorria não apenas diante de nós, devido a nossa solicitação. Refletia um sentimento geral dos indivíduos diante do grupo mais amplo e de uma situação social, que como mencionamos, lhe sobrepujava.

Mesmo tentando aliviar tais sentimentos, ao afirmar que queríamos tão somente ouvi-lo em algumas de suas experiências passadas e atuais, que ele nos falaria *como achasse melhor*, restou-nos a dúvida. Nos indagamos e gostaríamos de re-

fletir agora, até que ponto teriam nossos informantes condições de não participar, de não cooperar, se efetivamente, assim o desejassem, acostumados que foram a obedecer sempre sem questionar; como vários nos disseram:

*-... A gente não podia reclamar, não podia recusar, porque senão suspendia e até perdía o emprego. (Tx)*

No passado, era a coerção da instituição profissional; hoje, sublinaramente, também co-existe por nosso intermédio a coerção de uma outra instituição, de outra ordem, representada pelo trabalho científico. Como aquela, esta também norteia, dá normas e certos parâmetros de ação. Reflete uma ideologia, não só para aqueles que estão inseridos no contexto acadêmico, mas principalmente, para aqueles que estão fora dele.

Deste modo, devido a este sentimento de ilegitimidade diante dos *representantes do poder*, e apesar de todos nos esforços em contrário, até que ponto inadvertidamente, não estávamos estabelecendo uma relação de dominação, da qual o indivíduo era incapaz de esquivar-se?

Porém, apesar de nos indagarmos intimamente sobre nosso papel e função oferecíamos a ele a oportunidade de ser ouvido, tornando-o com isto um porta-voz, não apenas de sua condição de trabalhador ferroviário; mas fundamentalmente de sua situação atual como aposentado. Falar de si, sobre a profissão que lhe outorgou uma identidade profissional bastante valorizada na época, conferia-lhe ainda hoje um status, distinguia-o. Neste processo, não apenas recordava passagens de outrora; revivia e refazia essas impressões com a ótica atual. Contudo, em muitos momentos percebíamos ainda os vestígios dos antigos sentimentos, as idealizações e impressões do passado.

-... Lembrei coisas do passado que não esperava mais lembrar. Sofri mas compensou. A gente não é mais criança, se conforma com tudo. Falar relembra mais; o indivíduo não tá com o coração apertado; não adianta pensar, o que passou, passou; já foi... (C)

-... Tem coisas que não queria nem lembrar nem pensar, mas a gente não deixa de pensar nem de lembrar. Não levanto mais angústia por estas coisas, lembro mesmo que não queria, e com a senhora tive pelo menos alguém que me ouviu, e isto me ajuda; lembrando e conversando não enerva, mas lembrando sozinho fico ruim; não como; não durmo; joga foras as coisas. Com a senhora a gente anima mais, joga um pouco fora, um pouco das nossas coisas; reparte consigo e no momento esqueço aquilo que está me fazendo sofrer... (Qx)

Assim, se para a maior parte de nossos entrevistados (14) o fato de ser ouvido como antigo trabalhador conferia-lhe um lugar de honra, se lhe possibilitava transmitir uma parte da tradição da qual ele também foi artífice, alertava-o igualmente para sua realidade atual. Então como aposentado, não apenas se desculpou, mas instrumentalizando-se como porta-voz de sua classe reivindicou. De alguns deles registramos as queixas:

-... Porque há defasagem no custo de vida e salário, as pessoas aposentadas estão para traz; estou aposentado agora, mas sempre trabalhei; e não posso gozar agora o que tenho direito... (D)

-... Nós aposentados, pedimos um reajuste, porque levamos a ferrovia no peito... (A)

-... O aposentado foi gente, enquanto tinha sua força para dar, agora não é nada para ninguém... (N)

Aos poucos, em suas colocações, eles não apenas nos dirigiam um apelo em nome de uma classe. Refletiam também sobre a condição do trabalhador em nossa sociedade, nos indagando e nos fazendo refletir porque este fato é ignorado, negado ou até rejeitado. Alguns deles mais veementes nos disseram:

-... Todos chegam à aposentadoria; se consegui um bom ordenado, por que agora vou reduzir?... (F)

-... A não ser que eles reconheçam que ajudamos a construir, que trabalhamos para eles e por eles, e que também somos gente, a situação não muda... (D)

Este último entrevistado, na tentativa de tornar público seus apelos e reivindicações, e mesmo informado de que não tínhamos qualquer ligação com a ferrovia, não sendo possível portanto, interceder objetivamente em seu auxílio, tentou mobilizar-nos; como ele e os outros que entrevistávamos, também seríamos aposentados; se nossa situação atual nos diferenciava neste momento, nos aproximaria irreversivelmente no futuro. E, mesmo sabendo das remotas possibilidades de uma organização das instituições de defesa do aposentado, registrou seus protestos como ferroviário, como trabalhador, como homem diminuído em sua dignidade e integridade:

-... O aposentado também foi gente, trabalhou pela ferrovia, e agora ninguém mais liga para o que ele fez... (D)

Depois:

-... Cheguei a queimar 260 ms. de lenha para o trem andar; é por isto que eu digo que a estrada andava no braço do homem... (D)

Refletindo sobre sua condição de trabalhador, nos colocou:

-... Estava cansado; quis aposentar; gostaria de passear, mas o custo de vida não dá; por isto a maior parte dos aposentados fica à toa, olhando a calçada... (D)

Falando, sem cessar e com força, expressou a dificuldade que sente em manter a dignidade de sua condição humana:



*-... Todos, até os velhos, no final da vida, deveriam ter o direito de crescer, comer bem e passar... (D)*

Como o Sr. D, outros treze entrevistados embora reconhecessem suas realizações profissionais, situavam-se diante das contingências da realidade social completamente impotentes e incapazes de modificar a situação social do trabalhador e do aposentado. Mesmo assim, alguns refletiram sobre o que efetuaram e hoje possuem, sobre a possibilidade de ainda encontrar prazer em suas realizações. Uma parte deles (7), aparentemente tranquila, concluiu positivamente sobre a prática anterior:

*-... Estou feliz, porque apesar de tudo, consegui chegar onde queria... (A)*

Outro mais enfaticamente:

*-... Fiquei satisfeito com o que fiz... (C)*

Outros, sentindo hoje, cada vez mais, a desvalia de suas vidas, como trabalhadores e como homens, pediram, pelo menos agora, o reconhecimento por seu trabalho. E de um deles a queixa:

*-... Precisava que todos soubessem o que a gente fez, para poder enxergar a gente hoje, do jeito que a gente é... (Sx)*

### 3.3. Análise das Reações dos Familiares

Iniciaremos com o que consideramos casos dramáticos, onde a possibilidade de colocar o que queriam, não foi exclusiva dos nossos entrevistados. Ao término das duas entrevistas as mulheres destes informantes (B, Qx, G, Px) aproximaram-



se de nós para expressar suas dificuldades, angústias e ansiedades, nesta nova etapa de vida, onde não apenas o marido aposentara, mas elas também sentiam-se assim. Desta forma, enfrentavam e sofriam as consequências de uma situação ilusoriamente esperada (o merecido descanso do marido), que, na prática porém, apenas aumentava seus conflitos. Falavam de noites mal dormidas, queixavam-se de dores, traziam a busca de soluções, mencionando os diferentes especialistas e consultados, os remédios. Elas não se referiram explicitamente ao *vazio* de suas vidas, mas simbolicamente é isto que nos manifestavam:

*-... Hoje nem tenho quase o que fazer. Quando ele trabalhava, eram os horários para levantar, para comer, tudo certinho; sobra tempo é verdade, mas a gente não tem muito o que fazer... (esposa de G)*

Uma outra mulher, esposa do Sr. O, colocou-se intensamente ao final de suas entrevistas. Na primeira vez referiu-se à atual atitude de desinteresse do marido que, segundo ela, *que faz doces, faz de tudo, poderia ainda empregar melhor seu tempo, e se desenvolver mais.*

Ao final da segunda entrevista, esta mesma mulher, nos relatou, muito emocionada o desaparecimento, há muito, de um dos seus filhos; a esperança ao reencontrá-lo casualmente, mas gravemente enfermo no leito de um hospital, e sua recente morte.

Como já foi relatado no capítulo anterior, a filha de um entrevistado, transmitiu-nos o desejo de pertencer ao quadro administrativo da FEPASA, mencionando as diversas viagens empreendidas e frustradas para alcançar seu objetivo.

### 3.4. Considerações Sobre Nossa Atuação

Após comentarmos os sentimentos e reações dos entrevistados e de seus familiares, gostaríamos de refletir se, em nome da neutralidade e objetividade científica, poderíamos - simplesmente ignorar o sofrimento e esperança, que eles nos traziam ao desvelar suas próprias lembranças.

Como a estrada, que no passado se alimentou *de seu suor e sangue* (D), até que ponto, nós, embora em menor grau, não nos alimentávamos de suas emoções?

Afinal, o que poderíamos lhes devolver e efetivamente fazer? Na realidade estávamos ali por nós; o nosso não comprometimento com a precariedade de suas condições justificava-se e justifica-se por um mito: da neutralidade, da cientificidade.

Mas, até que ponto, uma pesquisa pode e deve, alienar-se de uma situação social da qual ela se originou? Sem querer, descobríamos e tocávamos em várias feridas. E esta descoberta, só foi possível, graças ao contacto estabelecido, pois cada um viveu sua experiência, com profundidade de emoções, com profundidade de intenções. Mas estas estavam condenadas a morrer tão logo nascessem: nada poderia ser feito, pois não haveria o retorno.

Trouxeram-nos, com intensidade, experiências, emoções, vivências; algo de suas vidas nos foi acrescentado. Mas, e nós? O que lhes acrescentamos?

Aparentemente, o ser ouvido distinguia a cada um deles, diante de sua realidade pessoal, familiar e social. Porém, a nós acarretava tão somente o vazio, de não estar lhe devolvendo nada; nem lhe retribuindo na medida exata, e com a

mesma emoção, tudo o que estávamos recebendo, restando-nos apenas a nossa sensação de enorme impotência diante dos fatos.

#### 4. ANÁLISE DOS TEMAS DAS ENTREVISTAS

##### 4.1. Considerações Gerais

Como propusemos no início deste capítulo, analisaremos agora os principais temas abordados pelos ferroviários durante as entrevistas. Já afirmamos anteriormente, que não nos propúnhamos fazer uma análise quantitativa das respostas, mas sim, uma interpretação das mesmas, utilizando-nos do referencial teórico apresentado no capítulo I.

Nesta análise não abordaremos detalhadamente todos os temas descritos no roteiro das entrevistas, que se encontra no Anexo I. Nos deteremos principalmente nos itens referentes à carreira de ferroviário que nos auxiliarão a compreender melhor o sentimento de identidade. Levaremos em conta em de seus aspectos, a identidade e realização profissional, e sua possível influência sobre a reestruturação que o indivíduo precisa efetuar, em suas relações consigo mesmo e com o mundo que o cerca, quando da perda ou ausência de uma atividade profissional constante. Tentaremos verificar, até que ponto a aposentadoria foi vivida como uma situação crítica, de estagnação ou de desespero, a partir do grau de realização profissional de indivíduo.

Na análise das resposta seguimos uma ordem que nos pareceu mais coerente, pois tentamos acompanhar alguns fatos relacionados à vida profissional do trabalhador, até às condições de sua aposentadoria. Tais tópicos serão abordados levando-se em conta, tanto as respostas do maquinista como do aju-

dante de maquinista, pois em geral, não detectamos divergências nas questões fundamentais. Quando houve discrepâncias, ou quando julgamos oportuno enfatizar determinados aspectos, analisaremos os dois grupos separadamente. A seguir transcreveremos mais detalhadamente o processo utilizado para análise das entrevistas.

De início verificaremos, se o ingresso na carreira foi resultante de motivação interna (sonho acalentado), da influência ambiental (física ou familiar), ou se o indivíduo, ocasionalmente chegou à ferrovia, pressionado por fatores circunstanciais (fome, desemprego, etc.).

A seguir, analisaremos sua trajetória e seu desenvolvimento na carreira. Com relação à trajetória levaremos em conta não só as diferentes etapas transpostas pelos indivíduos, mas também as condições de trabalho (meio físico e ambiente psicológico). Tal inclusão se justifica, pelo teor das respostas que obtivemos, pois muitas vezes, o entrevistado atribuiu às dificuldades da organização sua desvalorização, seja como trabalhador ou pessoa. Este aspecto da realidade social, é significativo na percepção que o indivíduo tem de si mesmo, tal como mencionamos no capítulo I, e que posteriormente abordaremos em maiores detalhes.

O trabalhador, em geral, não se sente, ou não é valorizado por aqueles que convivem com ele no trabalho, patrões e organização; ou o representam, (entidades de classe, agremiações). Assim, restava-nos uma indagação: se o indivíduo não se sente ou não é valorizado por aqueles, que pelo menos a este nível, compartilham necessidades e dificuldades similares, quem o prestigiaria? quem reconheceria o merecimento de suas queixas? Em vista disto, incluimos logo a seguir, sua percep



ção das instituições e entidades de classe; como ele percebe a atuação das mesmas, na tentativa de se fazer ouvir. E da análise do tema instituição, amparo ao trabalhador, fatores que o valorizam ou desvalorizam-no, chegamos à aposentadoria.

Aqui, partindo da colocação livre do aposentado, sobre o que é seu cotidiano, como se desenvolvem atualmente as relações com os familiares e quais suas perspectivas ao aposentar-se, conheceremos as contradições e ambiguidades do seu discurso.

Se, em um primeiro momento, ele se refere ao júbilo de ter alcançado o que considerava um prêmio - a possibilidade de descansar - paulatinamente vai se desnudando e, como observamos no capítulo I, vai quebrando o que seria o *mito da aposentadoria*.

E, neste ponto de sua revelação, nos permite encarar a realidade de seus dias; o sentimento de solidão, desvalia, abandono, de não ter mais lugar. E, nas lacunas, sorrateiramente a morte se faz presente.

## 4.2. Carreira e Status Profissional do Maquinista

### 4.2.1. Ingresso na Ferrovia

Influindo no ingresso na carreira ferroviária, podemos notar duas ordens de fatores que apareceram em diferentes momentos das entrevistas. Aqueles motivos manifestos, verbalizados claramente e na maioria das vezes, logo de início (12 informantes) e aqueles emergentes nos mesmos nos mesmos entrevistados (11), em momentos posteriores, resultado do aprofundamento nas lembranças. Tal fato nos mostra que o desvelamento nem sempre foi imediato e objetivo, mas, resultou do pro-



cesso de interação do informante com o entrevistador.

Os primeiros motivos, compreendem desde a influência familiar; a proximidade física da linha férrea; as limitações e dificuldades do meio social; tentativas de melhorar o ordenado e conseguir uma posição melhor, até aqueles que falam de uma ilusão: ser ferroviário e a idealização do uniforme. Transcrevemos abaixo alguns exemplos ilustrativos. Gostaríamos de esclarecer, que cada entrevistado não se detinha apenas em um desses motivos; à medida que verbalizava citava diferentes razões para justificar seu ingresso na ferrovia, senão, por isso praticamente impossível classificá-los, seguindo um critério mais rígido.

*-... Para ingressar na ferrovia, conversei com outros ferroviários; sempre minha família morava perto da estrada de ferro e a linha passava dentro da fazenda; quando o trem passava, ficava horas espiando e imaginando que era um emprego que dava segurança. Entrei querendo ser maquinista porque gostava da carreira... (Tx)*

*-... Tinha um primo meu que trabalhava lá. A gente ia na cidade e via trem todo dia; era uma beleza; a linha passava a 3 quilômetros de casa ... (B)*

*-... Tinha dois filhos precisava vir para a cidade educar as crianças... pensei em ficar uns tempinhos e acabei ficando 32 anos... (D)*

*-... Um cunhado meu arrumou para mim; esperava alguma coisa do emprego; 3 irmãos meus foram ferroviários... (Qx)*

*-... Meu pai era ferroviário... entrei como portador... (Sx)*

*-... Houve uma vaga, me inscrevi e enviei uma carta de pedido para a carreira de maquinista; depois prestei um exame de saúde e escrita... (E)*

*-... Sempre quis ter um trenzinho de brinquedo que fosse só meu; antigamente não eram tão perfeitos como os de hoje... (N)*

*-... Nas cidades pequenas, onde não tem indústria, é grande coisa ser maquinista; dá orgulho... (F)*

Como dissemos porém, mesmo que eles (12 entrevistados) nos colocassem de imediato razões bem objetivas, paulatinamente, à medida que verbalizavam mais livremente, trouxeram outras, mais subjetivas. As causas apontadas então, indicavam a tentação imanente de algo, paradoxalmente conhecido e enigmático; de algo evanescente enquanto sonho, mas que não se dissipou enquanto não se tornou presença no dia a dia. As palavras *dom, sonho, mistério, invocação*, adquiriram um colorido especial, para o que dificilmente poderia ser traduzido: a atração e o magnetismo da estrada de ferro.

Como já observamos, a emergência desta visão mais subjetiva, relacionada com a idealização da carreira, pareceu-nos ser consequência de uma eficaz comunicação, que possibilitava e permitia um aprofundamento nas lembranças. Pudemos perceber portanto, que o ingresso na carreira além de receber as influências sociais, estava bastante relacionado com a centralidade de experiências individuais; com a sensação de controle interno, que dava um sentido de orientação de indivíduo, mobilizando-o, como já mencionamos na Introdução, para determinadas ações. Selecionamos aqui trechos de algumas entrevistas:

*-... Quando o trem passava gostava muito de ver; tinha invocação, intuição, que era ali que eu ia vencer, achava que ia ser uma coisa boa, viver viajando... (Rx)*

*-... Morava a 80 Kms. retirado de onde tinha ferrovia. Para mim a ferrovia parecia ser um mistério, por que desde pequeno falavam dela, e era meu sonho ir para lá; contavam que o trem era grande, apitava forte; levava muita gente e carga; era bonito e corria muito; aquilo entrou na cabeça: conseguir entrar e eu ficava pensando de um dia guiar ele. Eu achava que a estrada era um sonho, tinha uma invocação especial... (B)*

-... Eu achava lá dentro de mim, que a pessoa que lidasse com tudo aquilo, tinha que ter certa responsabilidade, devia ser importante para ficar com aquilo na mão. Achava que devia ser pessoa de confiança dos outros para eles entregarem tudo aquilo... (F)

-... Acho que tinha ilusão pela estrada, porque o finado meu pai, criou os 12 filhos em época de maior dificuldade, e foi na estrada; ele foi manobrador em Casa Branca... eu fazia questão de levar almoço ao papai, porque a gente só morava a 150 ms. da estrada; acabei tomando amor sem trabalhar...(Qx)

-... Tinha convicção toda vida de ser ferroviário - porque meu ideal toda a vida era de ser ferroviário... (H)

Em apenas dois casos, a desconfiança subjacente, o desejo da não evocação, a tentativa de só trazer o presente, e a própria dificuldade de expressar mais profunda e claramente quaisquer sentimentos, impossibilitaram-nos de conhecer mesmo as razões objetivas de ingresso na carreira.

-... Do jeito que trabalhamos nesta Mogiana, quando a máquina era a vapor, não gosto nem de falar...(O)

-... Hoje me sinto realizado, mas foi muito difícil; não tenho nem vontade de lembrar o que passei...(G)

Em todos os outros casos, os informantes nos relataram que já traziam uma meta a ser alcançada, ao se tornarem ferroviários. Esta firme e prévia orientação na escolha da carreira profissional, nos revelou também além dos aspectos já mencionados um certo comprometimento com as opções significativas de vida. E como verificamos no capítulo 1, este é um dos aspectos que caracterizaria o sentimento de identidade.

Além da motivação pessoal, o ingresso na ferrovia efetuava-se em grande medida, graças ao significado e crédito da carreira outorgado pela sensação de autonomia na condução de uma locomotiva. Também era influenciado pelo consenso entre

os ferroviários de que o maquinista era responsável por muitas vidas humanas, pelos diferentes valores bem transportados; enfim, pelo compromisso e obrigação que ele assumia, com a carga, os passageiros e a empresa, ao dirigir sua máquina. Deste modo, cada um talvez percebesse nas estórias contadas, nas conversas ouvidas, que a valorização não era apenas subjetiva, mas conferida pelo grupo social mais amplo.

Este fato é significativo, pois, como verificamos, um dos aspectos presentes no sentimento de identidade é o reconhecimento do grupo social. Se considerarmos a identidade um constructo composto de vários elementos, onde o aspecto profissional é relevante, graças à importância que a atividade remunerada possui em nossa cultura, perceberemos um pouco melhor, o porquê, do indivíduo citar e exemplificar tão amplamente a valorização externa conferida à sua profissão. Em vista disto, retomaremos alguns pontos já mencionados no capítulo I.

Sabemos que o homem pode projetar ou idealizar, entre outras coisas, determinados objetivos tentando alcançá-los. Suas ações se orientarão para a finalidade proposta, obtendo com isto a satisfação e um relativo equilíbrio. Porém, à medida que o indivíduo se percebe nesta direção, perseguindo um determinado alvo, se vê inserido em uma realidade social que poderá, em maior ou menor grau, tornar-se um obstáculo na execução destes objetivos.

O mundo social é extremamente importante para o indivíduo. Suas ações passam a ser estudadas e efetuadas levando em conta as outras pessoas. Ele sabe que deve ter importância não só para si mesmo, mas também para o grupo. Por esta razão, na medida que o grupo valorizasse a profissão, o indiví



duo absorveria este valor tornando-o seu.

Também notávamos, ao lado do amplo reconhecimento social conferido à profissão, um alto índice de influência familiar. Mesmo sendo a família um pequeno grupo social, tem outras características mais fundamentais, já mencionadas anteriormente que se relacionam com a construção da identidade do indivíduo. Ela não apenas interpreta e modifica aspectos essenciais da realidade. Possibilita dentro de uma estrutura característica e própria, que o outro da relação libidinal, paulatinamente emergja. Através de seus modelos, mesmo que indiretamente orientaria a escolha de nossos entrevistados. Esta profissão lhes trazia a promessa de um futuro. Era algo a ser buscado, e que realmente poderia ser atingido, pois, aqueles que transmitiam estas idéias estavam muito próximos. Portanto, além da idealização da carreira, havia ainda, o que cada família ferroviária veiculava em seu interior a respeito deste trabalho. E isto se relacionava com a mensagem muitas vezes simbólica do que representava ser maquinista naquela época, especialmente nestes grupos de baixo nível sócio-cultural.

Para finalizar este item, notamos entre maquinistas e ajudantes de maquinista, uma certa homogeneidade na motivação para ingressar na ferrovia, razão pela qual não analisamos separadamente as duas categorias.

Pelos nossos dados temos 7 ajudantes e 5 maquinistas com razões objetivas mencionados logo no início; quanto às razões levantadas posteriormente, apareceram nas entrevistas de 5 maquinistas e 6 ajudantes. Além desses também temos aqueles que não assinalaram nenhuma destas razões, e outros que se negaram a falar sobre isso, alegando o sofrimento vivido.

Observamos que os relatos, tanto de maquinista como



de ajudante de maquinista, foram semelhantes quanto à idealização do ingresso na carreira ferroviária devido ao apreço que o grupo social lhe outorgava. Verificamos também, que já existia um determinado comprometimento do indivíduo, em direção à opção profissional, mesmo quando não atingiu a posição máxima da carreira. Consideramos que este comprometimento só ocorria, na medida que o indivíduo percebia intimamente o significado da dimensão desta atividade para seu futuro. Através desta vivência empreendia como que uma *busca*, para tentar preservar o que Erikson chamou o sentido de orientação interna e a continuidade da experiência que o mobilizaria para tentar alcançar seus objetivos.

#### 4.2.2. Trajetória Profissional

Com relação à trajetória profissional, podemos constatar a existência de tópicos semelhantes, abordados pelas duas categorias, maquinista e ajudante de maquinista, nos diferentes depoimentos. Isto pode ser explicado pelo fato de existirem tarefas e incumbências determinadas, em cada uma das diferentes funções, que o indivíduo deveria exercer antes de ser promovido a maquinista.

Os pontos convergentes relacionam-se especialmente ao valor atribuído ao cargo de maquinista, à desvalorização da pessoa do trabalhador; e às limitações e aspereza do ambiente de trabalho. Por hora, não analisaremos o último tema, abordando-o depois separadamente, adiantando porém, que a maior parte dos entrevistados descreveu e referiu-se de modo bem semelhante aos problemas enfrentados na carreira, fossem eles com chefes, horários, rudeza da vida ferroviária, falta de reconhecimento, etc. De modo geral, as colocações foram feitas

com bastante vigor e ênfase, detalhando-se os indivíduos nas explicações do que consideraram injusto ou irregular; igualmente demonstraram, estarem bem conscientes das limitações e exigências de sua vida profissional, e daquilo que efetuaram apesar de tudo.

Tal fato, nos parece bastante relacionado com a estabilidade e firmeza interna fornecido pelo sentimento consciente de sua individualidade (como mencionamos no capítulo I), ou o conhecimento íntimo que o indivíduo tem de si mesmo. Como teremos ocasião de verificar, havia de uma parte dos entrevistados (10) como que uma firme orientação interna e um reconhecimento próprio do que haviam feito e conseguido.

Passaremos agora, a descrever o desenvolvimento propriamente dito, da carreira do maquinista.

A maior parte dos nossos informantes (15), quando ingressou na ferrovia, já iniciou na carreira de máquinas, no depósito, e em funções paralelas, e só um começou num outro setor, sendo posteriormente remanejado; aqui a tarefa era limpar a locomotiva, a fornalha, o cinzeiro, cuidar da areia e da água. A seguir passava a ajudante de foguista e depois foguista, engraxando a máquina e fazendo o fogo, fornecendo o vapor para o maquinista tocar a máquina. Por fim, poderiam chegar ao cargo de maquinista, responsável pela locomotiva e sua condução. Além disso cada um destes cargos possuía diferentes níveis, (3º, 2º, 1º), correspondente a determinadas faixas salariais (1).

---

(1) Esta organização de cargos vigorou até 1958 quando iniciou-se a utilização das máquinas a diesel, eliminando-se as funções de ajudantes de foguista e foguista, e aparecendo o ajudante de maquinista. Esta situação foi vivenciada por todos os nossos entrevistados.

Em geral, o desenvolvimento da trajetória profissional foi comum, e praticamente idêntico para todos os entrevistados, exceto quanto ao aspecto final da carreira, pois os ajudantes de maquinistas não atingiram a meta idealizada. Isto nos faz supor, que as experiências e vivências profissionais são análogas entre si.

Porém, havendo uma trajetória comum, encontramos certa flutuação por exemplo, com relação ao tempo, que os indivíduos levaram para receber as devidas promoções. Houve casos, em que a ascensão ao cargo de maquinista foi mais rápida, consequência principalmente da falta de pessoal adequado no setor.

De modo geral porém, o tempo transcorrido desde a admissão até a promoção idealizada (3 a 15 anos) foi considerado excessivamente longo.

A seguir, analisaremos a valorização do cargo de maquinista e a ligação com o instrumento de trabalho.

#### 4.2.3. Valorização do Cargo de Maquinista: A Ligação com o Instrumento de Trabalho

Aqui iremos analisar conjuntamente as afirmações do maquinista e do ajudante de maquinista, uma vez que não encontramos entre elas, diferença quanto à valorização do cargo e à ligação com o instrumento de trabalho. As duas categorias expressaram sentimentos bastante semelhantes relacionados com a primeira vez que dirigiram uma máquina, bem como outros, referentes a *mudança de lugar* ao passar a exercer a atividade de maquinista. Acrescentaremos também algumas colocações de um ajudante de maquinista que provisoriamente atuou como maquinista, e sua reação à perda do status obtido enquanto substituto.

O valor atribuído ao cargo de maquinista tanto por aqueles que se aposentaram como tal, quanto por aqueles que não chegaram a atingir o topo da carreira, parece ser bem positivo. A grande maioria (12) dos entrevistados ingressou na carreira com uma expectativa bem clara e bem definida de chegar a ser maquinista. Tal expectativa era acentuada por uma série de valores pessoais e sociais. Enquanto o aposentado discorria sobre a carreira de maquinista, relatava com vivo interesse um sonho; e ao falar deste sonho, da representação que ele fazia da profissão, surgiam as disposições internas, a vontade de progredir na carreira ao fim de um determinado tempo; a esperança de ter sua máquina. E as fotos de antigas locomotivas ou os pequenos trens de ferro, que compunham a decoração de suas salas, também contavam um pouco da história e importância destes desejos. Como dois deles nos disseram que queriam ter um trem de ferro que fosse só deles, ou outros que falaram vivamente sobre a importância da ferrovia naquela época:

*-... Transporte é muito bonito rasga tudo; é progresso; é como um rio carregando valores, é um rio em movimento, tem vida... A locomotiva era minha, tava sobre minha responsabilidade; obedecia a escala é verdade, mas tinha liberdade e autonomia para ter ela sobre minhas responsabilidades... (C)*

*-... O maquinista tinha muita autoridade; qualquer pedido era aceito; se não queria um ajudante de maquinista, era só pedir; o chefe da estação, logo mudava... (A)*

*-... O maquinista era quase uma autoridade, pois quase se, fazia parte da administração... (Rx)*

Depois muitos informantes se detiveram em um acontecimento marcante da carreira: a primeira vez que dirigiram sua máquina. A mobilização e a intensificação de expectativas que



tal fato acarretou, apareceu em todos os entrevistados, quer maquinistas quer ajudantes de maquinistas. Observamos além disso, que a importância deste ato, também apareceu distintamente, entre aqueles que não ingressaram na ferrovia com o desejo expresso de ser maquinista, mas que rapidamente se motivaram em sê-lo, e isto geralmente, quando dirigiram uma máquina pela primeira vez.

*-... Quando dirigi pela primeira vez acabei achando que tinha inclinação para aquilo; tomei gosto pelo serviço; sair andando... (G)*

*-... Dirigir a máquina dá um orgulho tremendo... (F)*

*-... Lembro com emoção a primeira vez que dirigi a máquina; subir na máquina... (U)*

*-... A emoção que a gente tem na primeira vez que - pega na máquina, é uma coisa diferente, que só se repete quando a gente dirige a máquina de novo... (Qx)*

*-... Me lembro quando peguei a primeira vez na máquina; senti emoção. O maquinista normalmente não deixava pegar, só quando recebe a autorização do depósito... Aí a gente quase arrebenta de emoção; é um lugar de mais capacidade; a gente não tem o direito de por a mão, a não ser quando é maquinista; então é uma emoção muito grande... (Sx)*

A respeito da ligação do maquinista com o instrumento de trabalho, notávamos ainda alguns ferroviários apáticos e desesperançosos ao se lembrarem do rigor da instituição e da desvalorização social do trabalhador. Porém, quando falavam do maquinista e da sua máquina vibravam, gesticulavam. A revolta pelas injustiças sofridas, parecia não contaminara experiência vivida ou idealizada. E a representação que foi conferida ao maquinista com seu instrumento de trabalho continuou existindo, resguardada. Este espaço da memória foi preservado como uma visão interna, intocável, muito admirada.

À medida que verbalizavam fluidamente, concluíam que o valor não era consequência apenas da consideração e legitimação outorgada pelo grupo, (aspecto bem relevante como mencionamos anteriormente). Tampouco era decorrência das obrigações impostas pela empresa. Percebiam agora que, tal sentimento se originava na ligação íntima com *sua máquina*. Na satisfação em tê-la e ser por ela responsável. Esta impressão se revelava nos cuidados e no zelo a ela dispensados; na reverência carinhosa ao nomeá-la (muitas máquinas tinham nome próprio); em aperfeiçoar-se na carreira que escolhera e triunfara; enfim em estar vinculado a este objeto de amor que na época era sinônimo de força e poder.

-... *Tratava do trem como se fosse minha esposa...*  
(F)

-... *Toda a responsabilidade que a gente tinha era devido a condução do trem; pelo fato de serem vidas ou dinheiro, tudo isto era de muito valor. A gente viajava e tinha autonomia porque tinha que saber resolver e corrigir os defeitos da máquina...* (Sx)

-... *A gente era mesmo uma autoridade dentro do trem, e isto era reconhecido; eu queria ser maquinista, mas não esperava tanto, conduzir trem de carga e passageiro; conseguir foi uma vitória, um prazer...*  
(A)

-... *Trabalhei com a "Raposa", apelido que a gente deu para a 260 - aquela máquina que tá ali na praça...*  
(H)

Esta preservação e idealização da função do maquinista e a ligação com o instrumento de trabalho, também se justifica, se lembrarmos, que até o final da década de 1950, o transporte, a movimentação de pessoas e cargas era prioridade das linhas férreas. Havia socialmente uma grande valorização; em torno de alguns aspectos da carreira ferroviária especialmente a do maquinista, dono de um grande prestígio nas ci

dades do interior do estado, pois, no mínimo, tinha sob seu controle técnico, instrumentos que eram novidade na província.

Também com relação aos aspectos anteriores, verificamos que a máquina parecia não fazer parte das dificuldades rotineiras do trabalho. Era aí uma estranha não se contaminando com estas vivências. E era uma contradição o fato da máquina ser sua *posse* (enquanto ele a dirigia e dela cuidava), mas igualmente possuída por um outro sistema. A máquina, pertencendo a um corpo doente, mas imune às fraquezas dele porque apesar de tudo, julgavam-na poderosa e vigorosa. Graças a esta percepção, o trabalhador desenvolveu um relacionamento gratificante com o instrumento de trabalho, que inclusive auxiliou-o a fortalecer sua identidade profissional.

Para entendermos um pouco mais o realce dado à ligação com o instrumento de trabalho, convém lembrar a colocação de Marx (in Fischer; 1959), de que o trabalhador já elabora em seus pensamentos o produto final de seu trabalho, sendo portanto bastante significativo este objeto: o que representa e que valor tem para o indivíduo. Ainda a respeito da ligação com o instrumento de trabalho, Erikson também fala de uma identificação com a tarefa, e isto, desde a idade escolar. Sabemos que na nossa cultura, a criança e posteriormente o adulto valoriza-se e é valorizado, por aquilo que pode fazer. É graças a atividade que efetua que constrói sua identidade social. E como afirmou Zavaloni (in Andrade; 1981), o valor social atribuído ao trabalho em nossa cultura é significativo para analisar a articulação dos dois eixos que definem o indivíduo: o psicológico e social.

Também notamos entre todos os ajudantes de maquinista a mesma atitude: a tentativa de resguardar ambos, o maquinis-

ta e o seu instrumento de trabalho; de preservá-los, lhes reservando um lugar especial em suas lembranças, confirmado e revelado na estruturação de suas palavras.

Como os maquinistas, os ajudantes também percebiam o lugar que a classe ocupava, quando a este respeito comparavam suas impressões pessoais com aquelas fornecidas pelo grupo. Falaram do destaque que lhes era conferido, decorrência talvez, das próprias dificuldades de aceder ao cargo. Como os maquinistas, também mencionavam a valorização na época consagrada à ferrovia.

Porém, eles acrescentaram outros aspectos. Trouxeram-nos a figura do chefe maquinista mencionando o crédito generalizado em sua capacidade, adquirido através da prática e dos tempos, e que, mesmo sendo símbolo do poder às vezes os estimulava e neles confiava.

*-... Eu fazia de tudo, fazia força no serviço; agradava o maquinista, ele era mais importante, fazia força e agradava para ele dar boas informações ao chefe do depósito... (U)*

*-... O Maquinista mandava mesmo; eles tinham quem eles queriam. A primeira vez que a gente dá a viagem na linha, como maquinista, o chefe pega confiança na gente, e a gente não volta mais para a boca da fornalha... (O)*

*-... Naquele tempo parecia que o maquinista era rei, ele tinha o rei na barriga... as pessoas achavam que o maquinista era uma grande coisa, pelo cargo, pela responsabilidade; achavam importante ser maquinista, era uma posição boa; eles ganhava bem melhor... (Tx)*

*-... Era o maquinista que mandava na máquina. Depois dele o ajudante de maquinista, ser maquinista era melhor, o ajudante era subordinado... (N)*

*-... O maquinista tem mais responsabilidade que o ajudante porque geralmente era um bom funcionário; chegar lá era difícil, porque precisava conhecer o serviço... (Px)*



Ao elaborar suas idéias sobre a função do maquinista, não falaram apenas da responsabilidade, do reconhecimento pelo cargo ou influência exercida pela autoridade do maquinista. Aqui um número maior de ajudantes (4) do que de maquinistas (2), recordou-se inclusive a respeito da mudança de cargo. Esta não significava apenas *chegar a maquinista*, mas implicava numa efetiva troca de lugar, *passar para o outro lado*, ocasionando-lhe isto, o reconhecimento dos companheiros e evidentemente um outro status na organização.

*-... O maquinista era legal, favorecia o serviço, quando eles estavam ocupados, a gente ocupava o lugar deles... enquanto você tá sendo subordinado sente bem, cumpre bem as obrigações; você pensa, tem um superior a mim; ele me manda; na hora que você pega na máquina, você já pensa; ah, tô ficando do lado superior, para depois ter um subordinado também... eu só pensava: hoje tô do lado mais ruim, inferior, mas amanhã tô do lado melhor... (Sx)*

Igualmente, verificamos, talvez devido à falta de maquinistas, à experiência adquirida pelo tempo de serviço, à confiança ou estímulo do chefe maquinista, que um bom número de ajudantes (5), substituiu por um certo tempo o maquinista. Eles nos trouxeram várias impressões sobre o fato de ter atingido, mesmo que provisoriamente, um lugar que individual e socialmente era significativo. E a conquista ilusória e transitória deste espaço que só foi deles enquanto substitutos, provocava ainda hoje lembranças. Nestas foi reconhecida e mais uma vez exaltada a dignidade do cargo. Foi recordada a emoção de juntar-se, embora por tempo limitado à classe pretendida, permitindo-lhe isto identificar-se com uma série de atributos da *sua máquina*.

*-... Substitui o maquinista por dois anos, na manobra; senti bem, porque é um lugar de mais atuação,*

*mais responsabilidade; trabalhava mais satisfeito, mais que nos outros lugares. Se minha carreira tivesse em função, a senhora já pensou? (Qx)*

Porém, se o sonho de ser maquinista não foi só acalentado, mas vivido na prática, o dia a dia modificou-o. Impôs-se-lhe a coerção impessoal do exame de habilitação para alcançar a classe. E cada um deles, ora sorrindo, ora com revolta, falou desta prova e das sucessivas oportunidades perdidas. Trouxe não só as esperanças renascidas em cada prova realizada, mas falando consentiu que conhecessemos sua desilusão e esmorecimento pelo antigo insucesso.

*-... Não passei no exame de habilitação para maquinista. Senti muito difícil (psicotécnico, escrita, contas, problemas); foram muitos reprovados; a gente não é afastado da carreira, não vai a maquinista, mas não prejudica a classe. Senti aborrecido por várias coisas: não aposentar como maquinista que eu queria tanto; na realidade o exame era quase uma política; meus chefes me prejudicaram por várias vezes; ninguém tem dó dos outros... (U)*

*-... Depois que passou para a FEPASA apertou. O psicotécnico não deixava passar os ajudantes de idade, nenhum; só a meninada é que passou... a gente espera ser feliz (sorri), e ganhar a classe nos exames; quando não consegui fiquei sentido, desanimado, esperando outras chamadas para dar certo. Mas, infelizmente não deu... Meu maior prazer era ser maquinista, achava uma classe importante; mesmo depois de ser reprovado. O maquinista, deixava eu dirigir, mas só nas manobras... Queria muito, mas muito mesmo, ser aprovado no psicotécnico, mas era difícil, apertavam muito; os exames foram em 73-74. Queria muito dirigir, fiz todo esforço, mas não teve jeito; fazer o que? Depois, como eu já disse, manobrava; continuava porque o maquinista tinha confiança; mas eu não tinha mais esperanças, ainda gostava de dirigir do mesmo jeito, mas não tinha mais aquela fé de ser maquinista. A pessoa sem esperança, sabendo que a esperança morreu, continua a trabalhar... mas, só cumprindo as obrigações, aborrecido; mas enfim nunca tentando desanimar tanto, ainda tentando ter um pouco de fé... (Qx)*

À medida que recordavam a perda deste objeto de amor,

verificávamos como elaboraram o luto pelo mesmo. Este aspecto nos interessava bastante pois, como vimos no capítulo I, o sentimento de identidade se relaciona com a criação de características próprias, através da contínua e constante reestruturação que o indivíduo fez, faz e fará pela vida afora. O sentimento decorrente da impossibilidade de atingir o que se propusera, poderia ser vivenciado de diversas maneiras, sendo este luto elaborado em diferentes níveis. Cognitivo, encontrando uma nova maneira de definir-se a si próprio. Afetivamente, atribuindo outros valores à determinados objetos e socialmente, encontrando em novos grupos o necessário apoio.

Veremos a seguir, as diferentes reações do ajudante de maquinista diante da perda do cargo e da função que ele idealizara. Alguns informantes (2) não responsabilizaram a instituição pelo fracasso. Tampouco desfizeram a vitória do companheiro destruindo para si ou para nós, a imagem internalizada do maquinista. Apreciaram com respeito as qualidades inerentes à função e elaborando suas idéias a respeito do ideal perdido, recriaram para si um espaço próprio. Deram nova dimensão ao cargo de ajudante de maquinista. Estes dois entrevistados aparentemente conseguiram recuperar-se da perda de tão investido *objeto*, resgatando seu próprio valor e identidade social, quando casualmente também perceberam a importância e o significado da sua ligação com o instrumento de trabalho. E, como os maquinistas, delinearam para si um lugar, através deste relacionamento, determinante para o trabalho - não alienado e portanto vital para a construção social do indivíduo.

-... O ajudante de maquinista, também tinha que ter muito cuidado com a máquina, porque tem parte muito melindrosa; tinha que olhar nas paradas, porque se as partes importantes não fossem vistas, o prejuízo era grande e podia até ter acidentes... Quanto mais velho a gente tá no serviço, mais amor a gente vai tendo, vai tendo mais afeição; por isso o interesse que a gente tinha na máquina, vinha do próprio serviço, o indivíduo se interessava em conhecer porque quanto mais sabia mais passava a conhecer as oportunidades dele. Para nós dentro da profissão, a gente queria cada vez mais a perfeição do serviço. Como no serviço era mais livre e muitas vezes trabalhamos sozinhos, então nós mesmos, tentávamos arrumar os defeitos para dar certo, a ter um pouco mais de valor no depósito... (Sx)

-... O trabalho do ajudante de maquinista também era reconhecido, porque para reconhecer um, tinha que reconhecer o outro. Era reconhecido porque nas escritas que entrava um, tinha que entrar também o outro; a locomotiva também não podia funcionar sem ele. Era uma dupla que precisava existir; onde aparecia um aparecia o outro também... (Qx)

Verificaremos a seguir outros modos dos ajudantes de maquinista reagirem à perda do objeto idealizado. Os entrevistados já mencionados mesmo tendo sido reprovados e excluídos do que sonharam não censuraram nem atacaram. Ensaíram comportamental, cognitiva e afetivamente novas alternativas de ação. Equilibraram seu papel com o do maquinista e resgataram (como ele também), parte do próprio valor, através de um relacionamento gratificante com o instrumento de trabalho.

Porém, alguns outros (3) tiveram atitudes diversas. Inicialmente falaram do despotismo do maquinista, que prejudicava, desmoralizava ou até mesmo contribuía para a dispensa de funcionários sob suas ordens. Segundo estes ajudantes, mesmo tendo o maquinista uma autoridade legalmente estabelecida, seu domínio transcendia os simples limites estabelecidos institucionalmente. E falaram do *chefe maquinista*. Aquele que por ter a posse da máquina era potente. Era o *rei* e dispunha de



meios para exercitar sua realeza. Portanto era fundamental submeter-se e orientar-se segundo as normas ditadas e fixadas por ele. E veementemente protestaram, irritando-se ainda hoje contra os abusos e favoritismos. A queixa inicialmente zombeteira, aos poucos, deu vazão a agressividade acumulada, ao lembrar-se de ter sido avaliado inadequadamente mas devendo ajustar-se no entanto; não tinha força para lutar e sua voz era fraca demais para contestar.

*-... Se tinha ajudante de maquinista que sabia mais, o maquinista queria pegar no pé, às vezes, nem assinava o nome no relatório; isto acontecia porque antes, pegavam qualquer um a laço e punha prá ser maquinista... (N)*

*-... Ser subordinado significava ter de obedecer ordens; ter um superior que dá todas informações que eu não tenho; e dá as informações sobre nosso trabalho, porque na ferrovia, para vencer as referências, depende também, das informações aos mestres. Às vezes a gente era prejudicado, porque tinha outros que tinham mais contacto com o superior, e por isto era mais fácil para eles ajeitar a promoção que eles queriam, enquanto que para os mais humildes era mais difícil... (Tx)*

*-... A maneira de dirigir do maquinista, aumentava ou diminuía nosso trabalho. Às vezes acontecia de implicância: se a pessoa tinha um vício isto prejudicava; de acordo como o maquinista levasse a máquina, prejudicava, porque tínhamos que trabalhar mais: se fosse a lenha, tinha que aguentar e manter a caldeira cheia; se fosse a diesel, tinha que manter sempre fria. Então se o maquinista tinha um vício ficava mais difícil de trabalhar, então a gente procurava não sair mais com aquele... (U)*

A seguir verificaremos as condições de trabalho na ferrovia e suas influências, tanto sobre o maquinista como ajudante de maquinista.

#### 4.2.4. Ambiente de Trabalho, Instituições

Todos os ferroviários que entrevistamos, à exceção de dois, um pouco menos contundentes em suas afirmações, relembraram intensamente a precariedade de condições da estrada de ferro no início de suas carreiras. Nestas recordações inevitavelmente surgiu a anterior dificuldade em aceder ao cargo; a responsabilidade inerente à função; o rigor do trabalho, e paradoxalmente a anterior e vivida desvalorização, feita não pelos colegas de profissão mas pela própria empresa. Segundo eles, esta por não reconhecê-los nem valorizá-los adequadamente pelo difícil trabalho realizado, não se incomodava em propiciar-lhes qualquer alteração nas condições de trabalho. Inclusive, tornava-os impotentes para tal. Em suas colocações, as queixas contra a empresa ou contra quem a representasse, são intensas e constantes. À medida que traziam suas lembranças, percebiam a obrigação arbitrariamente imposta por um poder - mais amplo, exigida de fato e não por direito, tendo eles inclusive, que realizar uma série de atividades que transcendiam os limites de sua função. Com estas e outras recordações, apreendiam o significado da constrangedora manipulação do poder - ao qual deveriam sujeitar-se representado aqui, pelo chefe do grupo. Este organizava os horários, promovia ou punia o trabalhador, sem que os próprios interessados tivessem acesso a estas informações. Porém, também se lembravam da imponderável passividade e necessária submissão enquanto empregados, e que os tolhia, debilitando-os e impossibilitando-lhes qualquer reação, diante destes e de outros fatos.

Não separamos as queixas por tópicos, porque houve nos dois grupos, uma gama muito semelhante de reclamações ,

que variaram desde a severidade da vida ferroviária até a desvalorização continuamente lembrada. Ouviremos agora o maquinista e o ajudante nas suas colocações:

-... Trabalhamos duro; chegava o pagamento e acabava tudo na hora; quantas vezes não tive nem vontade de ir; viajava sô com um pedaço de pão. Passei fome; viajava e não tinha um tostão; nem sequer o que comer. (O)

-... As condições de trabalho eram difíceis; lenha verde; máquina a vapor; a locomotiva às vezes não era boa. O serviço matava com a gente... não tinha horário; com a unificação as condições melhoraram para uns e pioraram para outros, principalmente para nós mais antigos que trabalhamos duro e fomos prejudicados. Nosso salário não é de acordo com a referência que perdemos pela unificação. Não tem quem olhe pela gente, por isto abusam; por exemplo, eu acabei com a saúde dentro do trabalho; caí doente; tive esponja circular; os médicos dizem que foi por excesso de trabalho... (Sx)

-... Quando entrei as condições eram péssimas; trilhos sem resistência, quebravam à toa, locomotivas pequenas... a gente tinha muito mais responsabilidade do que os atuais; tinha que controlar água, evitar a queima das caldeiras, tinha que ter horário certo... A gente tinha que chegar duas horas antes para arear a máquina com Kaol, sapólio, e sei lá mais o que... O chefe do depósito é que obrigava, dava castigo se não fizesse; punha na manobra. A gente parava num cruzamento e não tinha nem o direito de descansar. Tinha que trabalhar. Muitas vezes, achei tudo isto irregular, mas tinha que fazer, senão eles comunicavam. Não reclamava, simplesmente fazia, reclamar pra que? não adiantava; se não adiantava não ia ser o único a fazer revolta... Hoje os trabalhadores são todos uns passageiros; é tudo uma folga. O que fizemos ninguém tomou conhecimento; enfrentamos um monte de dificuldades para evitar uma série de coisas; enfrentamos chuva, frio, jogando areia, pegando na marreta, mas não viram e nem vêem. Fazíamos para o bem do serviço, mas ninguém queria ver... (Tx)

-... O serviço no trem de passageiros era melhor. Mais limpo. Aguentei no trem de passageiros, com prejuízo no ordenado e no cargo, porque nos trens de carga, o ordenado variava, devido a maior possibilidade de horas extras, porém era "serviço perigoso e pesado"... (D)



-... Às vezes ficava cinco-seis meses substituindo em Uberaba; ficava sem voltar. Na linha não tinha horário de trabalho. Às vezes era quinze-dezes seis horas de trabalho sem descanso. Ninguém reclamava; não adiantava, era assim mesmo... (N)

-... Não tinha serviço mais apertado; se sofresse de cáibra, reumatismo, não aguentava; era muito apertado... (C)

-... Depois de um ano que entrei, casei. Achei muito difícil, porque o serviço era pesado, com lenha, com chuva, com sol e frio. Às vezes eu amanhcia dando lenha; trabalhava vinte horas direto, mesmo depois do tempo transcorrido. Neste tempo - era trabalhador, abastecia, só nos pátios da estação. Tinha lotes de lenha grandes (60 - 80 lotes) Éramos cinco, e às vezes ficávamos só dois. Às vezes eram 10 - 12 máquinas para abastecer. Chegava a trabalhar às sete, e ficava até não ter mais máquina para abastecer. As máquinas já chegavam quentes, e por isto não pegavam... Sofremos muito na Mogiana, não almoçava nem jantava no horário. Quando a gente estava fora, ia uma máquina cheia de marmitas de comida... Trabalhava sem horário, ganhava pouco, 170 mil réis por mês... não adiantava reclamar; não tinha nem sábado nem domingo; davam folga o dia que fosse conveniente para eles; não tinha diversão. Às vezes trabalhava à noite inteira, cochilava na casa das máquinas, varava a noite trabalhando. Teve um dia que trabalhamos 52 horas; ficava todo mundo nervoso; só tinha parada para abastecer e 8 horas para baldeação. Trabalhava cansado e com sono; não adiantava falar, porque o chefe era rigoroso e exigente; a gente não podia recusar, porque era suspenso e até perdia o emprego. A suspensão ocorria por qualquer motivo. Na realidade o chefe mandava mesmo. Pensava em sair, mas tinha medo de não conseguir outro emprego e este bem ou mal dava para viver... (U)

-... As locomotivas encrencavam, era muito calor; muitas horas de serviço; chegava a queimar 80 ms. de lenha, e às vezes debaixo de chuva. Ficava às vezes 2 - 3 dias fora de casa, mas não tinha outro recurso; era tudo com dificuldade, mas tinha que sujeitar, porque era onde a gente ganhava mais um pouquinho... (F)

Registraremos agora as queixas daqueles (2) que embora ressentidos pelas injustiças do ambiente de trabalho e desvalorização dentro da empresa, percebiam, no entanto, tal fa-



to como particularmente inerente à vida do trabalhador. E estes informantes, talvez mais acomodados às limitações da organização, de si mesmo como trabalhador, e da insatisfação que geralmente acompanha o empregado, nos revelavam particularmente um desamparado conformismo.

*-... Não adiantava reclamar porque no fim trabalho é tudo igual em qualquer lugar... (A)*

*-... Era contingência da própria necessidade do trabalho, eles que fazia a necessidade, e você tinha que sujeitar-se, porque era próprio do serviço... (E)*

A aspereza do ambiente de trabalho não se limitava porém, a estas questões. Verificavam-se igualmente, nas relações inter-pessoais do grupo, marcadas pela rivalidade e discriminação contra o *patricio* (nome dado ao negro ou mulato) distanciando-o da meta que ele pretendia alcançar. O preconceito contra o negro, aliás relatado não apenas por eles, refletia o clima de uma época (com muitos *portugueses e espanhóis*), e se manifestava nas relações inter-pessoais dos pequenos grupos.

Como já mencionamos no capítulo I, a importância do grupo é significativa na vida dos indivíduos, graças à própria necessidade social do homem de dirigir-se para um outro e investir nele parte de sua energia libidinal. Muitos autores a mencionam, admitem-na, restringindo-a porém, ao período de adolescência. Contudo como observamos, ela também se fazia presente entre os nossos trabalhadores, na medida que lhes possibilitou equiparar-se e orientar-se pelos seus pares. Estes lhe forneciam um modelo; lhe davam determinadas pistas; aprovavam-no na realização de seus objetivos. Porém, devido ao

preconceito, tal atitude dificilmente ocorria com relação ao negro, sendo que entre os nossos entrevistados quatro eram pretos e nenhum deles foi aceito ou chegou a ser maquinista.

A seguir as palavras não apenas dos que foram discriminados, mas daqueles que percebiam discriminação no cotidiano de trabalho.

*-... Como havia muito portugueses, espanhol e italiano maquinista, eles achavam que era superior a brasileiro; demonstravam pouco caso; faziam abusos; diziam: fulano não tem capacidade para isto. Patrício não tem condições; para eles o lugar devia ser só deles e não para os outros... (Rx)*

*-... Peguei o tempo dos velhos maquinistas da Mogiana, que se achavam os bons, e então prejudicavam os ajudantes de maquinista. Judiavam porque não gostavam de patrício; patrício não tinha vez; não servia; qualquer coisa punham no gancho... (A)*

*-... A estrada tinha muita perseguição entre os colegas; um tinha inveja do outro... (F)*

Assim, além de *orientar* ao indivíduo na escolha de suas metas, aprovando-as ou não, o grupo também age sobre a formação de vínculos entre seus membros. Segundo Grimberg (1971), graças a este fato são absorvidas ou rejeitadas determinadas partes do ambiente. Este mecanismo de introjeção ou projeção é bastante influenciado pelo relacionamento libidinal com a mãe, que pode inclusive ser considerado como aquele que lançaria os rudimentos das futuras relações sociais. A ação do grupo configuraria o mundo psicológico, não apenas nos primórdios do desenvolvimento infantil, mas na posterior evolução do indivíduo, possibilitando-lhe a sair de si mesmo, e dirigir-se ao outro como objeto de amor. Daí se entende por que Freud (in Grimberg 1971; p. 106) assinalou que a psicoanálise é antes de tudo uma *psicologia social*, já que sempre nos

*deverã interessar a relação do indivíduo com o outro seu seme-  
lhante.*

Mas, uma boa parte de nossos informantes (7) não se limitou em apontar as deficiências do ambiente de trabalho . Tampouco restringiu-se em trazer-nos as queixas do passado. Re- fletiu sobre sua situação de ex-trabalhador, usado pelo poder, pelo grupo social mais amplo, pelos chefes. E sabendo-se usa- do mas, nada podendo fazer a não ser submeter-se, esses indi- víduos, à medida que falavam, nos mostravam que apesar de have- rem cedido seu corpo e sua força ao trabalho, nem sempre, nem sempre cederam sua consciência. Naqueles breves instantes, de certo modo mais livres da impotência e ilegitimidade diante da organização, e distanciados das seduções do cargo, nos trou- xeram a profundidade e preciosidade de sua crítica.

Esta consciência crítica nos pareceu importante, pois embora nos revelasse a debilidade e sujeição de nossos entre- vistados diante dos fatos pré-estabelecidos pela realidade so- cial, também nos mostrava o sentido de continuidade e a orien- tação interna que cada um destes indivíduos tinha de si pró- prio, fazendo-o refletir e questionar ainda hoje, sobre aque- las condições adversas em que foi desvalorizado como pessoa e trabalhador. Além disso, esta flexibilidade em distanciar-se e criticar uma situação, quer por ter sido sonhada fora por demais idealizada, nos lembrou o marco de referência interna, mencionado no capítulo I, relacionado com a qualidade e inten- sidade do auto conhecimento que permite ao indivíduo reconhe- cer seu próprio valor. A seguir algumas dessa colocações:

*-... Não adianta reclamar os direitos porque a gente não tem força; eu mesmo cheguei a queimar mais de 100 ms. de lenha e o que adiantou? Na rea- lidade a estrada viveu de gente; a estrada queimã*

*va no braço do homem; andava com nosso suor e força; com nosso sangue... e eu pergunto: o que adiantou?... (D)*

*-... O patrão quer bem ao empregado quando ele tá dando sua força; quando ele tá alimentado o outro; às vezes chega e morre e ninguém sabe... Veja só, a estrada começou do nada e chegou no seu lugar; mas nós, os trabalhadores, começamos do nada, e morremos no mesmo lugar, sendo nada; só perdemos a saúde... (Sx)*

*-... Exerci a função de maquinista sem ter o cargo; sabia que não tava certo, mas fazia porque mandavam. Se faltava um, eu tinha que ficar no lugar; acabava sempre obedecendo... (N)*

Diante do que foi levantado onde temos, a justiça negada, as arbitrariedades latentes, indagamos qual o papel das instituições ou associações organizadas para prestigiar, promover e defender o trabalhador? Como já colocamos no início de nosso trabalho, abordaremos estes dois tópicos conjuntamente, pois a nosso ver se interpenetram. O trabalhador sentia-se fraco diante da organização. Apesar disso e graças a um marco de orientação interna, por momentos refletiu e questionou sobre a sujeição e dominação que o limitou durante um bom tempo. Por outro lado, ele era representado por suas associações de classe. Mas vendo-se debilitado diante do poder, poderia considerá-las poderosas, com possibilidades de realmente ajudá-lo?

Ao se referirem às associações de classe os dois grupos de entrevistados fizeram colocações da mesma natureza, reconhecendo o abandono a que estão e estavam submetidos. Denunciaram sua inadequação e fraqueza, mesmo quando lutavam em defesa do trabalhador, aumentando-se assim a ineficiência de um auxílio que já era bem inexpressivo. Além disso, voltaram a re-



ferir-se à impessoalidade da instituição que dispunha fideles de diferentes maneiras, transmitindo-lhes, a maior parte das vezes, a sensação de ser apenas um brinquedo das situações. De modo geral, e a não ser com uma rara exceção, consideravam inúteis os esforços empreendidos contra as manipulações sofridas. E, segundo eles, esta posição apenas se invertia na época de eleição, onde *a gente tem um pouquinho mais de valor*. Eles nos disseram:

-... Fui removido, porque tiraram um pedaço de minha em dois lugares; até hoje não arrumaram. Pus<sup>e</sup> mos a remoção nossa na Justiça, mas não adiantou nada. Para mim as instituições, sindicatos, associações, não valem nada. Se nem com uma causa ganha não conseguimos nada, então para que existe? de que vale? Aqui o trabalho tinha acabado; e se quisesse tinha que ir e olhe lá. Companhia é assim mesmo; tem muita gente, um não quer, outro também não; mas no fim vai todo mundo, e vai porque precisa... A gente reclamava da situação; mas que adiantava; era causa praticamente ganha. Tá na Justiça até hoje, e não pagaram nada. Fazer o que? ... (A)

-... Do Sindicato sou sócio até hoje; mas para mim o sindicato não teve e não trouxe vantagem. As coisas para arrumar, você acaba perdendo a causa, e daí não adianta nada... (N)

-... As promoções eram por merecimento no quadro de carreira; minha referência era 9 para 10... recebi uma vez que fui fazer inspeção; fui até com terno de linho, em máquina a vapor; não queria ficar decaído. Foi nessa época que recebi a promoção; morro lembrando dela. Fui conservando a máquina, passando estopa. No fim o inspetor disse: Que viagem boa. E depois: você é maquinista? Eu respondi: Ainda não! Mas, sabe que tá até parecendo; não se sujou; não sujou nada. Então pude dizer: É a gente trabalha com cuidado e atenção. Logo depois saiu a promoção que até hoje não me deram; foi o terceiro por merecimento. Escrevi para o sindicato por isto, a sede é em Campinas; fui na UFAM, mas me mandaram ir para o sindicato. As instituições quase não ajudam em nada. A gente escreve e um manda para o outro. Enquanto os outros colegas ganham 50.000,00 bruto, ganho 4.600,00 bruto e 2.800,00 líquido... (Sx)

-... Nosso salário, não é de acordo com a referência que perdemos com a unificação; não tem quem olhe por nós, por isto abusam... (H)

-... Nestas alturas, a gente só tem um pouquinho de valor, na época de política, a gente vai nos candidatos, e um dá 100,00 e diz: compra um caderno para seu filho; outro dá um par de sapatos. Fora disto, ninguém olha; ninguém é mais chegado. A gente se sente privado, sente aquela precisão e é obrigado a segurar, a segurar ela, porque não tem donde tirar ela... (Qx)

-... O governo devia analisar, uma pequena casa, começando do nada, depois ela vai crescendo, então devia ver o quanto valia. Igual a ferrovia; começou de máquina a vapor; sofremos nela, demos produção e não recebemos nada... (F)

-... A estrada só dá aumento para os da ativa, a título de economia dela; se o governo visse e igualasse, poderia dizer que estávamos no céu, pela vida que nós vive; hoje é um inferno... (N)

A respeito das instituições apenas um deles manifestou-se diversamente:

-... O sindicato é o procurador do trabalhador... (E)

Ainda com relação a este tema, verificamos na pesquisa de Guarido (1981; p. 100) com ferroviários, que nenhum de seus entrevistados percebia - quer individualmente ou como grupo - que tivesse qualquer controle sobre as promoções, as normas disciplinares ou de trabalho. Percebiam, inclusive, que tinham sua participação limitada e restrita, não só com relação às decisões de sua vida profissional, mas também pessoal, pois as influências eram recíprocas. Sentiam-se profundamente desamparados e debilitados para qualquer modificação. Além disso, as associações de classe, não lhes proporcionavam qualquer auxílio objetivo, o que agravava o sentimento de desvalorização, fraqueza e abandono.

A este respeito, ainda gostaríamos de lembrar uma afirmação que não apenas nos colocou diante da questão, mas trouxe a circularidade da impotência e da submissão. Nos mostrou a possibilidade quase nula destes indivíduos saírem de seus limites. Situou-nos diante da inexistência de rumos. Colocou-nos uma vez mais, diante da força de uma realidade social, onde não há o argumento; ela simplesmente existe e subjuga.

Para ilustrar melhor este tema, julgamos oportuno lembrar a expressão que alguns entrevistados de Guarido utilizaram para descrever o desamparo do trabalhador. Eles disseram modificando um provérbio conhecido que *contra força não há resistência*<sup>(1)</sup> (1981, p.111). E para nós, nada melhor que a veemência e intensidade deste ato falho, que revelou o desamparo dos trabalhadores, muito mais do que qualquer discurso estruturado. Utilizando-nos como Guarido desta frase, deste ato falho, percebíamos que um de nossos informantes tal como aqueles de Guarido, transmitiu-nos simbolicamente que *contra força não há resistência*.

*-... Sobre a nossa mudança a gente pôs na Justiça a nossa situação; mas isto não tem jeito não; isto vai indo de rolo em rolo, até passar o tempo, e, com isto, vai passando o tempo, as pessoas morrem, e assim vai sempre e sempre... (F)*

#### 4.3. CONCLUSÃO PARCIAL

Levando em conta as afirmações anteriores, verificamos que eram canalizadas, para a vida do trabalhador, diferen

(1) O provérbio correto: "*contra força não há argumento*", na verdade parece significar que contra a violência, não adiantam as palavras, talvez adiante apenas a contra violência... Guarido discute esta questão em sua pesquisa (1981).

tes influências. Inicialmente citamos aquelas que eram reflexo do panorama social e econômico, que com suas alterações - trouxe determinadas consequências na situação do trabalhador ferroviário. Não podemos esquecer que a ferrovia sofreu nestas últimas décadas grandes transformações. A utilização das locomotivas a diesel (1958), que aparentemente diminuíram o rigor do trabalho; e a unificação das estradas de ferro (novembro de 1971), originando a FEPASA, atingindo o empregado - de diversas maneiras, com mudanças de cargo, transferências, alterações nos critérios de avaliação e até demissões. Também mencionamos aquelas influências decorrentes da dinâmica interna de uma estrutura aparentemente paternalista, além da influência de fatores pessoais. Alguns dos nossos entrevistados nos relataram situações pessoais de intensa dramaticidade (perdas precoces, situação sócio-econômica precária, etc.). Isto talvez explique, ao lado da valorização social conferida à função de maquinista, a intensa ligação com seu instrumento de trabalho e o elevado comprometimento profissional.

Sabemos que para vários entrevistados, o ingresso na carreira era a promessa de um futuro, que adquiria peso e vulto na medida em que simbolizava um valor transmitido de *pai para filho*, criando assim a chamada *família ferroviária*.

Atingir o ápice da carreira tinha uma conotação especial, pois o maquinista teoricamente era aquele que detinha o poder. Sua força vinha do saber dirigir, da posse de sua maquina e de toda valorização que isto lhe acarretava.

Naquele contexto geralmente ameaçador, a atividade de maquinista pela relativa autonomia que proporcionava, tinha o sabor de uma conquista pessoal. A frustração, em não chegar ao ponto máximo da carreira, apareceu claramente na fala



de alguns de nossos entrevistados.

Também pudemos observar, que enquanto empregados, nos os informantes sentiam-se em geral desvalorizados e não reconhecidos pela própria organização. Esta percepção se acentuava graças ao valor conferido à ferrovia, consequência do momento histórico e social, e paradoxalmente, ao limitado reconhecimento daquele que era diretamente responsável pelo êxito da empresa.

Concluindo, verificamos que apesar das condições adversas de trabalho, que segundo todos os entrevistados se agravaram com o processo de unificação, influenciando na aparente união dos ferroviários, e, em nosso entender, eliminando um paternalismo quase difuso na empresa, o mito da importância e do prazer da função de maquinista permaneceu intocado e foi preservado por nossos informantes, como um espaço da memória não contaminado. Ao maquinista coube sempre um lugar de destaque especial.

A seguir abordaremos alguns tópicos relacionados à aposentadoria, tentando verificar se os maquinistas e ajudantes vivenciaram a crise da aposentadoria de modo diferente.

#### 4.4. OS ANOS DOURADOS

##### 4.4.1. O Mito da Aposentadoria

A seguir analisaremos como o indivíduo e o grupo reagem à aposentadoria, seja ela solicitada ou imposta. Como vimos no capítulo I, pela legislação trabalhista o trabalhador deve retirar-se, (aposentar-se), quando atinge um determinado tempo de serviço, uma determinada idade, ou quando, por qualquer

motivo, é considerado incapaz de realizar qualquer atividade.

Este afastamento (obrigatório) é minimizado social e culturalmente por uma série de justificativas bem formuladas, porém é camuflada ou escondida para o futuro aposentado, a realidade econômica e social de suas causas e as implicações dela decorrentes.

Sendo agora um aposentado além das limitações biológicas, o indivíduo sofre uma série de outras, impostas e condicionadas pela visão que o grupo tem dele. Além disso, na maior parte das vezes é considerado e chamado de *velho*, nome este que condiciona não apenas os atos mas toda uma gama de atitudes sociais para com ele, e dele mesmo, em seu relacionamento com o mundo.

Observamos no capítulo I que a velhice é uma abstração, um inimaginável; não pode ser refletida ou questionada - enquanto vivência, pois, na nossa cultura, afastamos ou polidamente negamos, tudo o que com ela se relaciona, ou sutilmente, nos traga sua lembrança.

Assim, a partir de uma determinada época o indivíduo é afastado ou pede o afastamento de seu trabalho. Objetivamente, as razões transmitidas veiculam a necessidade de descanso, o que ele perceberá ser uma verdade enganosa. Os motivos utilizados são e funcionam como belas mentiras, pretextos ideológicos, de uma ordem informalmente firmada, à qual, mais uma vez, o trabalhador deve apenas, submeter-se,

Graças à mensagem simbólica, manipulada pela realidade social e à influência dos grupos, o trabalhador considera que será valorizado, reconhecido e reembolsado de todo esforço dispendido, econômica e fisicamente. Porém o nosso grupo de entrevistados descobriu, como mostram seus depoimentos

dolorosos, a falsidade e inutilidade de suas esperanças.

De modo geral, nossos aposentados reconheceram tardiamente esta ilusão e a ela reagiram com diversas vivências, a nós transmitidas livremente em diferentes momentos das entrevistas e que agora passaremos a analisar.

#### 4.4.2. O Prêmio: Aposentadoria por Tempo de Serviço

Quando ao final de um certo tempo, o indivíduo conseguiu *alcançar a aposentadoria*, sente-se realizado: cumpriu uma tarefa, ultrapassou uma etapa de sua vida. Nossos entrevistados quer maquinistas como ajudantes basicamente repetiram estas idéias quanto ao tempo de aposentadoria, mas aos poucos, às razões objetivas acrescentaram outras subjetivas, relatando inclusive como perceberam esta interrupção.

Verificaremos através dos entrevistados selecionados que é praticamente impossível analisarmos os motivos da aposentadoria, classificando-os ou enumerando-os. À medida que cada um deles falava livremente deixou emergir uma série de conteúdos dificilmente quantificáveis. Faremos uma ressalva - quanto ao ajudante de maquinista aposentado por invalidez. No entanto, não deixaremos de registrar e comentar suas reações e impressões sobre seu afastamento compulsório, pois suas colocações nos pareceram extremamente férteis e preciosas.

Inicialmente o ferroviário, quer maquinista ou ajudante, trouxe as razões objetivas de sua aposentadoria; falou do merecido descanso; do prêmio cobiçado; da possibilidade de gozar um pouco mais a vida:

*-... Queria alcançar a aposentadoria para terminar de criar os filhos, vencer o tempo. Quem não conseguiu aposentar no tempo de serviço, não deve sen-*

*tir-se bem, porque vê os colegas, que entraram na mesma época estarem bem, todos aposentados... sinto satisfeito de vencer o tempo... (H)*

*-... Aposentadoria é um descanso; a gente sabe que não vai ter preocupação; trabalhar tanto é para ter descanso; é uma coisa que o indivíduo vai ter direito... (U)*

*-... Quando a pessoa aposenta por tempo de serviço é uma batalha que ela conseguiu vencer... (Sx)*

*-... Achava que não aposentava; muitos anos para trabalhar sem parar; no começo achava que não aguentaria de ficar preso naquele serviço, por causa de ficar fora da família... sinto satisfeito de ter vencido; peguei tudo; todas as classes e consegui aposentar forte... Aposentadoria para mim foi uma vitória... (A)*

Sabemos que através de uma efetiva comunicação, o indivíduo manifesta ao interlocutor o seu mundo interior. Este movimento porém, nem sempre é imediato ou completo, e poderá ser convulsionado por uma série de fatores, como por exemplo, diferentes representações ou expectativas que cada um dos interlocutores tenha sobre determinados fatos. No nosso caso, só à medida que o entrevistado percebeu que não tínhamos qualquer idealização sobre o que ele poderia nos revelar, é que realmente trouxe impressões mais profundas sobre si mesmo, seus dias enquanto velho e enquanto aposentado; aos poucos se desvelou e quebrou o ídolo da aposentadoria. E notamos, que apesar destes ferroviários terem trazido logo de início uma série de considerações positivas sobre o fato de terem vencido o tempo, nos falavam agora das limitações sofridas e das restrições arbitrariamente impostas.

Ao reestruturar suas percepções e a visão do merecido e cobigado prêmio, permitiram que captássemos nas entrelinhas as contradições, as reais razões de seu afastamento e como efe



tivamente viam a aposentadoria. E aqui verificamos que alguns deles consideraram necessário *ceder o lugar* aos jovens depois de um determinado tempo; afastar-se; aposentar-se.

-... *Todas as pessoas quando vencem a idade e o tempo de serviço, tem que dar lugar para o outro, porque senão, ele tá prejudicando quem tá tentando chegar lá...* (D)

-... *Quando a pessoa, passa dos 30 anos e continua no serviço é egoísta; tem que dar o lugar; ele é carnegão, é parda que não sai do lugar; não dá serviço para outro...* (N)

-... *Aposentei, não porque quisesse, mas porque o pastor pediu prá mim dizendo assim: agora que já cuidou tanto das obras mundanas é hora de cuidar um pouco mais da obra de Sr. Jesus...* (U)

-... *Quando a pessoa passou dos 30 e continua no serviço é porque tá preso, não quer largar; ele é maltratado no serviço, é carnegão...* (A)

-... *Tive vontade de trabalhar, mas não tive condições... podia até mesmo ter outro serviço, mas quando você tem uma profissão você não gosta de trocar...* (Rx)

-... *Aposentei por doença (diabete artrose); ainda bem deu para completar o tempo, se não aposentava por invalidez...* (F)

-... *A gente é aposentado porque mereceu; é um prêmio, mas se a gente fosse de verdade reconhecido enquanto trabalhador, o valor hoje seria outro...*(B)

Posteriormente, um bom número de entrevistados (6) associando livremente, não apenas repensou e refletiu sobre si mesmo e sua atual condição. Teceu comentários sobre o que foi, para muitos, e durante um certo tempo, um mito na ferrovia: *aposentar-se depois de 50 anos de serviço*. Possivelmente, naquela época, de acordo com as diferentes mensagens transmitidas pelo grupo, estes indivíduos talvez tivessem uma concepção nada favorável do que seria o aposentado, exibindo as-

sim, comportamentos e modos de ser coerentes com esta idéia.

Nos exemplos citados por nossos entrevistados à respeito daqueles *velhos maquinistas*, notamos como a perda do trabalho e dos atributos a ele ligados, trazia inevitavelmente o vazio da existência, a nulidade, o final e negação da vida. Como vimos na Introdução do nosso trabalho a atenção ao trabalhador é remota, embora falha e ineficiente, o que também ocorre com a terceira idade. Agora porém com o *boom* demográfico desta população e outros fatores já mencionados, estas preocupações estão sendo mais veiculadas inclusive pelos meios de comunicação. Tenta-se, embora os esforços ainda sejam modestos, dimensionar uma outra imagem do velho e do aposentado, delineando ou lhe atribuindo novas perspectivas de atuação, inclusive com as *escolas da terceira idade* (exemplo: atualmente com os programas do SESC - São Paulo, Campinas).

Observamos, assim, que estes *velhos maquinistas*, decorrência talvez da alta idealização conferida ao cargo e intensa identificação com o instrumento de trabalho, não conseguiram elaborar a perda de sua condição de trabalhadores. Ao deixar de trabalhar perdiam um dos aspectos vitais da identidade, o social, bastante significativo para o homem adulto, pois, como vimos no capítulo I, ele é valorizado e reconhecido pela atividade que exerce. Para estes indivíduos, o presente estava fechado sem quaisquer perspectivas ou mesmo possibilidade de efetuar de maneira vigorosa, o comprometimento que tinham anteriormente com seu trabalho. Na medida que não conseguiram elaborar a perda de sua condição de trabalhador, aparentemente não encontraram ao seu redor outros objetos que lhes possibilitassem reestruturar-se positivamente, quer comportamental, social ou afetivamente nesta nova fase de suas

vidas.

Finalmente, também percebemos nas críticas de nossos informantes a respeito destes outros aposentados, a crise. Nestes casos, ela não se caracteriza por ser um conflito ativo e uma possibilidade de integrar estruturas arcaicas com capacidades presentes, ou com potencialidades que se descobririam no futuro. Ela implica no desespero, naquilo que Erikson mencionou como dificuldade em aceitar os desapontamentos e desafios da existência. Está relacionada com a quase impossibilidade de renunciar, quando necessário, e no seu devido tempo, às lideranças conseguidas, pois a sabedoria e o discernimento decorrentes de uma compreensão mais ampla da vida ainda é diminuto, quase inexistente. Social e temporalmente o indivíduo estava preso a um passado que não mais voltaria. O tempo agora lhe parecia extremamente curto, para investir e reconstruir através de novas ligações com um outro *objeto de amor* - parte do que ele considerava que perdeu. E nestas falas sobre estes outros maquinistas, conheceremos o peso que cada um deles atribuiu ao seu trabalho, à sua identidade social, praticamente impossibilitando-o de reestruturar-se nesta nova fase.

Registraremos a seguir, os comentários a respeito destes outros aposentados e sua atitude diante da aposentadoria, provavelmente determinada pela concepção da época e também deles próprios sobre a contingência da aposentadoria.

-... *Tinha maquinista trabalhando 40 - 50 anos, achava que se parasse não fazia nada; loucura... quase duas aposentadorias; quando parava não fazia mesmo...* (A)

-... *Conheço um homem que aposentou, mas não queria aposentar de jeito nenhum; queria completar - 50 anos de serviço; era o ideal dele. Quando aposentou deu 5 dias ele morreu; não sabia que ia*

*aposentar, chegou o papel da aposentadoria; ele adoeceu e morreu... (B)*

*-... Tem pessoas fanáticas pelo serviço, ficam deprimidas com a aposentadoria... Tive um colega que ficou sabendo em Passos, veio chorando de lá até aqui... Não sei se foi de tristeza ou de alegria; ficou parando em todas estações despedindo dos chefes e de todo mundo... (F)*

*-... Conheci um que tava com 45 anos de serviço; no almoço ficou sabendo da aposentadoria; ficou calado, depois ficou doido; passou direto nas estações, ficou louco, não pudemos fazer nada. Não correu mais porque seguramos ele, não sabíamos nem o que fazer; o trem passou direto quatro estações... no fim foi de camisa de força para o hospital... (N)*

Depois de citarmos as colocações e impressões, daqueles que se aposentaram por tempo de serviço, o relato e as considerações sobre os que o ultrapassaram, registraremos as reações dos que foram aposentados por invalidez.

Estes indivíduos falaram da saúde perdida no exercício da função; revelaram-nos sua fragilidade, disfarçada e oculta ainda hoje, num corpo aparentemente forte. Mencionaram os remédios utilizados de longa data. Relembrou as idas às benzedadeiras, esperançosos em ter de volta a antiga energia.

Como vimos no capítulo I, nas classes operárias o trabalho além de conferir uma identidade ao indivíduo, é aí o principal vínculo com a realidade, pois lhe possibilita entre outras coisas um lugar no grupo. Ao ter este espaço, o indivíduo sente que suas necessidades e direitos são aceitos e reconhecidos, e, conseqüentemente, ele também o será. Tal fato intensificando seu sentimento de auto-estima (resquício e lastro do primitivo narcisismo), lhe possibilita uma maior confiança em si aproximando-o dos outros. Entre os selecionados, especialmente aqueles aposentados por invalidez, tal sentimen



to está diminuído por uma dupla perda: não realizar-se profis\_sionalmente (todos eram ajudantes de maquinista), nem atingir o *tempo de serviço*. Assim, sentindo-se desvalorizado e excluído, um bom número de informantes nos revelou que se isolava: *não são eles que se afastam, é a gente* (Qx); ou procurava o necessário convívio entre aqueles também marginalizados como ele *...aqui pelo menos sabem do meu problema e ninguém tira sarro, me respeitam...* (Rx). Este entrevistado referia-se aos vizinhos do cortiço onde morava, constituído na maior parte por famílias desfeitas, mães solteiras, dois coxos, um paralítico, um cego, etc.

Transcreveremos a seguir alguns relatos onde podemos observar tais sentimentos. Também percebemos além destes, ora o desespero em saber, como observou Erikson, que o tempo é de masiado curto; ora a solidão, talvez por meio de compartilhar com outrém a intimidade de sua vida.

-... *A gente se sente abandonado. A gente conversa sobre os possíveis melhoramentos; eles falam de suas melhoras e a gente das dificuldades. A gente fica agoniado, esperando. Como ficamos para traz a gente sô pode ficar aguardando...* (Sx)

-... *Eles acham que o aposentado não é nada; não precisa de nada nem de ninguém; então abandona, deixa prá lá; é velho mesmo...* (G)

-... *Achava que era melhor antes quando estava trabalhando, tava pelo menos com saúde, e a pessoa ficava contente, porque podia ao menos dar mais conforto à família; tinha mais condição de vida...* (N)

-... *Acho que a pessoa devia se preparar para aposentar, a gente nunca pensa nisso, porque acha que ninguém vai se aposentar...* (O)

-... *O meu futuro é o ordenado que eu ganho; penso assim, se der deu; tenho que passar o mês, com este ordenado; eu poderia esperar um futuro se aumentasse o ordenado; poderia até sobrar mais. Que futuro vou ter?...* (Px)

-... Antes eu tinha mais ânimo, mais preocupação, mais vontade de sair; tem dia que passo só fumando, fumo quatro maços, sei que é muito, mas pelo menos distrai, né? Me sinto fraco, sinto fora de si, só desânimo e tenho razão; penso numa coisa e não dá certo; quero fazer outra e também não dá; fico sem caminho; nada tá acertado na minha vida... (Qx)

-... Quer saber mesmo como foi o negócio da minha doença e da minha aposentadoria?

A primeira vez que senti mal, tinha que pegar escala às 5 horas; às 4 horas levantei me sentindo muito mal, mas me arrumei, e fui indo devagar pro pátio; sentei na berada da calçada não aguentando mais... Fiquei lá um pouco esperando - melhorar... As pessoas olhavam e pensavam que a gente tá bêbado tão logo cedo. Fui segurando, me encostando pelos postes e paredes, até chegar lá; me arrastei... Quando cheguei lá, comecei a trabalhar, mais não aguentei; deitei numa mesa, e fiquei; os colegas viram e me levaram pro pronto-socorro, porque eu não reagia e eles nunca me viram daquele jeito. Eu não enxergava as pessoas, só ouvia de longe; os médicos olharam e disseram: - isso não é nada não; ele é da Mogiana, e lá se trabalha muito, e é só isto que pode dar. (Lá no pronto-socorro, eles estavam acostumados a ter sempre muito empregado da Mogiana, para tratar, porque o serviço era muito bravo.) E o doutor continuou: - eles não têm descanso, comem mal, se alimentam mal, bebe muito, fazem extravagância com mulheres, tudo isto para poder aguentar; que mais se pode esperar? Deixa aí o coitado dormindo e descansando, que amanhã ele tá novo. Quando foi de tarde, comecei a vomitar sangue; a pressão foi a 4; acabei ficando oito dias, porque a pressão ia de 5 pra 7 e de 7 pra 5. Depois o médico veio conversar; explicou o que eu tinha; dilatou o coração, a caixa do peito. Se eu fizer exercício, andar de pressa tenho que por uma pilula na boca, embaixo da língua. Não posso dormir de lado porque dói; às vezes estou tremendo de frio e o suor tá correndo no rosto. Nas mudanças de tempo também tenho que tomar remédio; tenho que tomar cuidado com tanta coisa...

... Não sei o que os médicos têm na cabeça. Tinha colega que às vezes bebia, mas não sei porque de um, eles passa pro outro e pra todos. Será que é porque a gente é negro?... (Rx)

Porém, ao lado desta atitude diante da aposentadoria, revelado por aqueles que se aposentaram, quer como maquinista quer como ajudante, e alcançaram ou não o tempo de apo-

sentadoria, também observamos, e nos dois grupos, aposentados que encontraram formas alternativas, produtivas e criativas de se relacionarem com o mundo nesta fase de suas vidas, como veremos mais tarde.

#### 4.4.3. Consequências: Mito versus realidade

*... Não sou ninguém, o meu trabalho é nada  
Neste enorme rolar da vida cheia  
Vivo uma vida que nem é regrada  
Nem é destrambelhada e alheia.* Pessoa, (1975; p. 164

Como não há um homem em geral, devido à uma multiplicidade de influências, não há também um ambiente em geral, pois cada um encontra determinadas situações específicas do seu tempo, da sua cultura. Isto ocorre desde aspectos biológicos mais simples, como alimentação, até os mais complexos, como o relacionamento interpessoal.

Assim, a concepção que o indivíduo tem de si enquanto velho ou aposentado, é filtrada pela perspectiva e coloração do grupo ao qual pertence. Não queremos com esta afirmação, restringir suas ações e percepções neste período como em outras de suas vidas apenas à influência de fatores sociais. Estes de fato existem, são relevantes; porém, também sabemos, que o indivíduo os absorverá e introjetará tornando-os seus, individualizando-os, de acordo, com suas vivências pessoais.

No caso do trabalhador a aposentadoria seja por tempo de serviço ou idade, aparentemente idealizada e desejada, pode acarretar uma série de consequências e espaços vazios. Por ser uma situação muito esperada mas não planejada, quer a nível individual ou organizacional, a aposentadoria é na verdade uma ilusão. Nossos informantes (3) logo constataram a dife

rença entre o que era sua representação idealizada do aposentado e sua vivência como tal. Mostraram-nos através da intensidade de suas impressões o paradoxo, entre a situação anteriormente sonhada, e o cotidiano vivido. Deste choque partes - inúmeras consequências, que a seguir mencionaremos brevemente, não sem antes registrar a observação de alguns deles sobre a *ilusão da aposentadoria*:

-... *O assunto do aposentado vai assim porque não é pensado, não é falado; não tem lugar; ninguém quer falar, ninguém se interessa; ninguém quer ver porque as pessoas não lembram, não pensam; quem tá aposentado é gente muito simples; não quer falar, não quer se expor...* (F)

-... *Falar o sente sobre tudo isto, sobre aposentadoria, não tem segredo. A classe operária tá sofrendo muito, todos tão sofrendo muito; falo, e quem fala a verdade, não merece castigo...* (D)

-... *Na realidade, a aposentadoria é uma ilusão; o indivíduo está louco para aposentar depois enjoa, vai ter que sofrer as consequências...* (B)

Cada um dos aposentados, às vezes com revolta, outras com simplicidade, falou das consequências do afastamento profissional, ampliando seus comentários em diferentes direções. E o mito da aposentadoria e dos anos dourados, foi substituído pelas imagens reais e as atuais preocupações do dia a dia deles, trazidas em vários momentos, e percebidas através dos temas que mais insistentemente surgiram. Destes notamos a questão temporal, revelada na percepção que seu *tempo acabou* pois é necessário dar lugar ao jovem. Além disto, esta limitação - também se insinua na inexistência de planos. A este respeito recordaram-se e nos relataram os projetos ensaiados, imaginados no passado e esvaziados de sentimento no presente; abandonados segundo eles, devido: à desadaptação, ao peso da idade,



à sua limitada condição de aposentado e principalmente à restrição temporal. Registraremos algumas frases ilustrativas desta questão que posteriormente abordaremos:

-... Hoje só faço pescar, dormir, jogar cacheta ; a vida até que tá boa; já pensei em por um bar ; estando lá posso trabalhar, assim evito de ficar só pensando; tô ali tendo uma responsabilidade . Às vezes penso em passear mais; mas isto só não adianta; é besteira... na verdade, o sujeito sente falta; não tem aquele costume, de ficar em casa; ficar quieto sem fazer nada, se torna difícil; fica difícil cada vez mais a recuperação. O indivíduo sente que perdeu qualquer coisa, mesmo sabendo que vai aposentar. Já apanhou aquele ambiente, só naquele lugar... (L)

-... Às vezes dou uma mão para a patroa, lavo quintal, encero meu carro; vou no bar, tomo cerveja todo dia. Apesar de tudo no trabalho, às vezes encontrava prazer, fazia farra com os colegas; era bom... (U)

-... Se eu tivesse saúde ia alugar um sítio e plantava uma verdura; era prá mim; não tirava de ninguém; mas infelizmente não deu... (F)

-... Hoje saio bastante para pescar. Os aposentados pescam muito; não tem outra coisa para fazer; sai; anda bastante; bate papo; vai no jardim, fica sentado. Quando trabalhava, encontrava todo mundo lá no trabalho; agora, só no jardim... (Rx)

-... Não faço nada, só passeio, vou na casa de parentes, na roça, porque tenho mais liberdade; posso fazer alguma coisa, algum servicinho... (N)

Dentre as consequências, também julgamos oportuno lembrar a preocupação com o corpo e sua mobilidade. O corpo adquiriu aqui dupla significância pois na ativa funcionou como um efetivo instrumento de trabalho, proporcionando ao trabalhador maior ou menor prazer, na medida que atendia às solicitações e exigências da dura vida profissional. Já na aposentadoria sua importância decorre das irreversíveis mudanças que está sujeito.

Finalmente apareceu entre todos os selecionados, direta ou indiretamente, a menção à morte.

A seguir abordaremos cada uma destas consequências - mais detalhadamente.

#### 4.4.3.1. O Velho e o Tempo

*A criança que fui chora na estrada,  
Deixei-a ali quando vim ver quem sou  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.*

*Na ausência, ao menos saberei de mim,  
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar  
Em mim um pouco de quando era assim.* Pessoa. (1975; p. 175)

Como verificamos no capítulo I, o vínculo temporal possibilita uma continuidade no tempo, base do sentimento de mesmidade possibilitando ao indivíduo uma confiança na permanência e estabilidade pessoais. Tal vínculo, permite recordações e novas aprendizagens, pois o indivíduo é capaz de ser ver hoje com vistas ao futuro.

No caso dos aposentados que entrevistamos, pelo fato de terem tido um lugar e um nome no passado, este readquiriria no presente, uma dimensão muito especial. Percebíamos que a maior parte dos ferroviários (14) manifestava um prazer especial em recordar-se. Sorria, detinha-se em determinadas lembranças. Parecia-nos que através da repetição e da rememoração recuperavam, no presente, parte do papel e do espaço anterior. Um deles nos disse a este respeito:

*-... A mocidade de hoje só quer saber do momento de hoje. Nós velhos, toleramos o momento de hoje porque tem coisas boas, temos também o passado. As coisas do passado lembram a mocidade; trazem recordações; saudades do tempo do namoro, do jardim. Tudo era mais sentimental prá gente; hoje também tem, mas é diferente. Recordar do tempo -*

*da gente é bom... A gente ia a todos os lugares... hoje tem que recordar... não tem mais condições . Recordar traz muita coisa boa que a gente passou; até no trabalho... porque não? Recordar traz as lembranças do tempo que a gente tinha os pais da gente... hoje não; a gente só é pai... (C)*

Vimos, anteriormente, que a identidade se estabelece em um duplo movimento: o reconhecimento e a aceitação pelo indivíduo daquilo que se tornou e é; e a aprovação pelo grupo dos principais aspectos que compõem esta identidade. O aposentado mesmo sem querer, percebe que perdeu um dos aspectos que lhe conferia uma identidade e reconhecimento social. Em vista disto, sente que deixou de ter importância, não só para si como também para os outros, restando-lhe somente refugiar-se no passado. Assim, se a criança vive o presente, se o adulto lança-se para o futuro, o velho volta-se para trás, para o passado pois tudo que pretende conservar aí se encontra. Talvez por isso é que alguns entrevistados nos trouxeram nostalgia, não apenas de sua condição de trabalhador, mas de um tempo que não volta, no qual, consideravam subjetiva e injustificadamente, que o velho era mais bem tratado!

*-... Tem diferença no modo das pessoas tratar o idoso; brincam, gozam, dizem "eh, você tá impressionável". Acham que a pessoa não desenvolveu como devia, não desenvolveu no tempo dela. Acham que a pessoa tá meio jogada, meio inútil, meio prá lá... Antigamente era diferente; tratavam como se fosse pessoa da família; alguma até usava de pedir conselho, opinião... (Qx)*

*-... Hoje ninguém mais procura o velho; não tem conselho, não tem nada. Na família ainda pode falar; fora, se for dar opinião, ainda eles acham ruim; ninguém quer nada; eles fazem o que entendem. No meu tempo tinha diferença; desde os 8 anos, tinha que trabalhar; hoje vai na escola, até não sei que idade. Eles não obedecem como a gente obedecia; a criação é diferente. No meu tempo, os velhos eram tratados de forma diferente... Hoje*

*eles nem ligam muito... como o tempo, os costumes mudam, o povo diferenciou muito dos antigos. Há ou tras leis... (A)*

*-... Nosso tempo era melhor, inclusive para tratar as pessoas; hoje algumas vezes, eles tratam bem, em conversa... (N)*

*-... No meu tempo meu pai não precisava nem falar. A filha ficava em casa até o tempo que o pai queria; hoje ela diz que é de maior e fim. O pai era a autoridade, a palavra era honrada; o pai tinha mais força. A mãe hoje diz - ah, deixa; e aí é mesmo que eles não obedecem, e fazem realmente o que acham... (H)*

Através de seus depoimentos revelam a negação de seu valor como pessoa, ainda mais intensa do que a vivida anteriormente enquanto trabalhadores. Nesta última condição, apesar das dificuldades que enfrentavam, tinham um lugar social conferido por sua atividade e posição na organização. Ao alinhavar suas percepções, estruturar suas idéias e constatar este fato, a maior parte dos aposentados reagiu ambigualmente. Ora reafirmou seu valor pretérito e atual; ora nos colocou a questão de uma realidade biológica e social que o transcende e o limita:

*-... Hoje em dia acho que pensar nos outros não está certo. O sujeito velho cansou, e o novo é que tem que se preocupar sozinho; não me preocupo mais nem com os meus filhos; eles estão criados, estou dando, sabem até mais do que eu; porque vou me preocupar? O tempo é meu; não me preocupo com meus filhos; nem com eles nem com os outros. A gente - tem que se preocupar com uma criança, com algum doente, com alguém que não está bem... (O)*

*-... Gostaria de ser jovem hoje, assim executava - minha inteligência. Hoje é tudo mais fácil... (D)*

*-... Eles acham que eles é que trabalharam e trabalham. Nós não trabalhamos. Para mim não tem ironia; não deixo; não dou liberdade e ainda acabo tirando sarro. Digo: vocês querem saber? fui eu que ensinei, então pronto. Tenho amigos que reagem, reclamam e são postos de lado. Na verdade, quando era para trabalhar nós é que sofremos. Agora, eles nem*



*olham. Eu sempre digo aos amigos - Faça como eu; não dê confiança; esqueça. Os da ativa se quiser me cumprimentar, cumprimenta. Se não deixa... no fim é tudo uma coisa só... (G)*

Alguns entrevistados (6) comentaram que mesmo sentindo-se possuidores de um saber, graças às experiências acumuladas, reconheciam a necessidade de calar-se. Sentiam que mesmo conhecendo e dominando certas situações, devido ao tempo e às vivências passadas, era fundamental recolher-se, permitindo ao jovem traçar seu próprio caminho; ter também seu próprio tempo. E tal como Erikson coloca, consentiram em ceder o lugar, as lideranças. Reconheceram neste pseudo isolamento, obtido graças ao refúgio no passado, o significado do silêncio. Selecionamos algumas destas frases em que já aparece a compreensão deste sentido mais amplo da vida.

*-... Os aposentados têm consciência do que fizeram, e do que vêm fazendo; mas isto não importa, não adianta porque ele não vai querer falar com o jovem de sua experiência, porque o jovem vai querer ter a sua; e daí que adianta? tem uma idéia; outros tem outra, e assim vai... (C)*

*-... Os jovens me dizem... Sr. E, faz favor, não é tudo igual. A gente tá lutando para ser; tá pelejando para ser... Não vou contra eles, cada um tem seu tempo; sua experiência... (E)*

#### 4.4.3.1.1. Inexistência de Planos

Devido à importância e significado que o tempo adquire nesta época da vida, pudemos observar, além das consequências mencionadas, outras, referentes à atuação e ao relacionamento do aposentado.

Verificamos no capítulo I, que o grupo impele o indivíduo a esforçar-se para ultrapassar determinados obstáculos,

que lhe propiciarão satisfação pela tarefa realizada ou fim atingido. Com isto, o indivíduo recebe do outro como em retorno, a valorização e o reconhecimento. Isto lhe permite ser alguém, graças ao lugar que lhe outorgaram.

O aposentado tinha até aquele momento uma representação de si enquanto trabalhador. Agora deveria criar outra. Como sabemos, esta imagem de si, não é elaborada apenas pelo que o indivíduo sente, e pelo que ele é. Leva em conta a percepção que os outros têm dele. Como aposentado, lhe devolvem em reflexo a negação do seu reconhecimento e, portanto, de seu lugar. Transmitem-lhe a consciência de sua limitação quer biológica, psicológica e social. Com esta atitude se esquecem ou até rejeitam suas necessidades, seus desejos, como se nessa fase, cientificamente denominada involutiva, o indivíduo pudesse simplesmente deixar de lado ou renunciar, a tudo o que o caracterizou como homem.

Assim percebemos que para alguns informantes (4), o tempo parecia demasiado curto. Portanto, não haveria sentido em fazer planos, projetar-se no futuro; enfim, estabelecer um comprometimento com novos empreendimentos que poderiam executar ou planejar. Embora esta impressão não fosse manifestada objetiva e distintamente por todos, era esperada e até certo ponto justificada. Como sabemos, o indivíduo necessita ser aceito. Com isto, tende aceitar e reconhecer os padrões do grupo sejam eles quais forem. Evolui, pois, em certa medida, para tornar-se aquilo que o grupo espera dele; aquilo que deveria ser segundo o consenso geral.

Se, como aposentado, aparentemente lutava, reagindo à pressão subliminar do grupo, à rejeição, à negação de si mes-

mo, encontrava o desestímulo. Percebia a desconsideração de suas necessidades. Ou então recebia mais acintosamente um *recado simbólico*, da família que ajudou a construir, e que teoricamente agora o acolhia. Esta mensagem expressava muito bem a introjeção e projeção desta não aceitação. Desvelava a exclusão a que depois de um certo tempo, o indivíduo é submetido. Verificamos, assim, que se alguns aposentados (5) solicitavam um espaço para si, como um clube ou um local para reuniões, tal fato, ou era ignorado ou era motivo de escárnio. Um deles, ouviu da família e repetiu-nos aquele recado simbólico já mencionado... *o velho não precisa de ter um lugar próprio; ele já tem um garantido que é o cemitério...* (0)

Este fato nos parece importante, pois o sentimento de sentir-se rejeitado ou ignorado foi muitas vezes mencionado e captado pelo indivíduo na própria família. Como já vimos, a família é a portadora e a transmissora dos valores sociais. Porém, percebíamos em muitas das colocações dos aposentados - que ela não era apenas uma receptora e transmissora neutra desses valores. Ela os tinha introjetados e vivenciados. Cada um de seus elementos, via no velho a perda daquilo que não queria ver em si. Com sua atitude, simbolicamente negava esta condição biológica e irreversível. Tentava agredi-lo, afastando-o por tudo que nele é ausente. Ou então rejeitá-lo, esquecendo-se como disse um de nossos entrevistados que *todos temos um fim* (Sx).

Finalmente, com relação a inexistência de planos, lembramos que o tempo agora tinha demasiado peso. Deveria ser mágico pelo valor que o indivíduo (muitas vezes) lhe atribuía: conseguir o que até agora não conseguiu. Mas, na verdade, a

percepção do limite temporal era real demais, devido às restrições impostas e à conseqüente impossibilidade em controlá-lo. Graças ao vínculo temporal que leva em conta as experiências anteriores e fornece a sensação de continuidade no tempo, o indivíduo poderia tentar reconstruir-se, a cada momento e no futuro. Aqui, porém (uma parte das vezes), parece que tal possibilidade está ausente, justificando-se assim a prisão ao passado.

Também queremos lembrar que as razões da inexistência de planos, não se esgotam totalmente na questão temporal. As lutas empreendidas e o trabalho árduo enfraquecendo ao indivíduo, talvez também tivessem influente parcela. Deste modo, percebendo-se *fracos*, alguns entrevistados (4), dificilmente empreenderiam outras conquistas ou seriam mobilizados por novos objetivos. Estes implicariam em um determinado comprometimento que talvez hoje não quisessem ou não pudessem manter. O fato de mencionarmos uma possível debilidade física ou como disse um dos informantes *a falta de energias*, relativo à dificuldade em traçar novos rumos, não contradiz nossa afirmação inicial, de que a idade *cronológica não deveria funcionar como índice restritivo para a atuação do indivíduo*. Porém, para alguns (4) esta condição, (além dos fatores já mencionados) é determinante para sua atual visão das coisas na medida que consideravam que *hoje nada mais pode ser feito...* (0)

Como diz Bosi (1979) a velhice é um *destino do homem*, que no entanto é esquecido ou ignorado pela maior parte das pessoas. Cada cultura cuidará de seus idosos como os cuidou enquanto trabalhadores, e principalmente levando em conta suas idéias a respeito do destino do homem. Diríamos também, como percebe e encara a morte, o que futuramente abordaremos.



A seguir, analisaremos o isolamento que o aposentado sofre. Pelo que captamos, tudo que se relaciona ao velho é ignorado ou rejeitado e por diferentes motivos. Esta marginalização porém, não tem suas razões apenas na percepção subjetiva do que ele transmite a cada um, e que mencionamos anteriormente. Encontra eco em razões bem mais objetivas, como observaremos a seguir.

#### 4.4.3.1.2. Marginalização

Na concepção popular que é preciso *ceder lugar* a outros que não estão como ele involuindo, mas evoluindo, o velho invariavelmente se isola, se recolhe nostalgicamente no passado, ou no seu grupo pois ficando *aqui com eles, não so-fro. Pelo menos não ficam gozando nem dizendo que eu já era.*  
(Rx)

Ao mencionarmos o termo evoluir e involuir rapidamente estabelecemos um paralelo linguístico do que psicológica e socialmente ocorre ao indivíduo nesta idade. O prefixo *in* indica um movimento para si mesmo, para o interior. Por isto, a advertência de Herrera (1976), *não se isolem*, tem sua razão de ser. Notamos, porém, que é de difícil execução, pois a própria linguagem expressa este movimento em direção a si mesmo.

Além disso, os termos evolução e declínio também podem apresentar a mesma correlação anterior. Sugerem a decadência de determinadas funções e atributos, especialmente relacionados com a realização de suas atividades.

Deste modo, a marginalização que o indivíduo percebe, não é apenas vivida na família, no trabalho, nos pequenos gru

pos sociais. Já sobrexiste anteriormente, pois está presente na própria linguagem no modo do grupo referir-se ao velho. Esta forma de ver o indivíduo na terceira idade, confere a quase todos eles sentimentos bastante ambivalentes, que por não serem discutidos agravam ainda mais sua situação enquanto pessoa e ser social necessitando fazer parte de um grupo, e ser aceita pelos outros. Pode-se tentar entender esta ambiguidade do aposentado, com relação a si próprio, levando-se em conta dois aspectos. Primeiramente, considerando-se o sentimento de desvalorização que o indivíduo vivencia ao perder sua atividade e conseqüentemente sua identidade social de trabalhador. Em vista disso, considera que o grupo não mais o valoriza ou mesmo o reconhece como pessoa. Ao contrário confere-lhe um papel de silencioso isolamento, marginalizando-o, como se pelo fato de que *ele já era*, não tem necessidades. De modo geral consideram-no alheio e ausente das situações presente no cotidiano do homem comum. Como um deles nos disse: *pensam que por que o indivíduo é aposentado, não precisa de mais nada, de ninguém... por isto a maior parte fica assim, à toa...* (H) Ou as palavras de um outro: *Na realidade o problema é este: parece que o velho não tem direito a mais nada; por causa da idade tem que se conformar com um monte de coisas* (Sx).

Em segundo lugar pode-se considerar tais sentimentos, decorrentes da própria visão que o indivíduo tem de si. A maior parte julgava que havia se realizado profissionalmente; que no passado doou partes importantes de si enquanto trabalhador. Hoje, porém, não recebia o reconhecimento que esperava como ex-trabalhador, restando-lhe somente isolar-se ou procurar apoio entre aqueles na mesma situação que a sua. Na realidade, porém, o movimento é mútuo; ele se marginaliza mas,

também é marginalizado.

Embora os aspectos anteriormente mencionados sejam significativos na percepção que o indivíduo tem sobre sua marginalização (13 entrevistados assim se consideravam), não podemos reduzi-la a estes. Consideramos que a marginalização também ocorre devido à questão econômica, à defasagem salarial e o real custo de vida. Constatamos que as queixas dos aposentados não são infundadas e nem decorrência apenas, do seu ressentimento por não se sentirem valorizados como deveriam e gostariam.

Pesquisas efetuadas por órgãos de classe boletins do DIEESE, (1982), e os artigos da Folha de S.P., Meissner; (1982), nos mostram que o aposentado sofre uma queda brutal em seu poder aquisitivo numa época da vida em que suas necessidades são mais intensas e prementes. No presente, se atualiza não apenas toda a desvalorização que o acompanhou enquanto trabalhador da ativa; acentua-se isto sim, a limitada dimensão que é conferida ao trabalhador enquanto ser humano.

*-... Fico humilhado deles ganharem tão bem, e eu mal ganhar o pão... (Sx)*

*-... Se cheguei num ordenado X é porque fui capaz de receber aquilo; é meu direito; tem que ser conservado; gozado, é meu direito e não posso gozar. Também porque há defasagem entre custo de vida e o salário, vai chegar um momento que não vai dar; se durar muito, o aposentado, vai morrer. Mas, você tá à toa e não pode fazer nada; tem que ficar num canto esquecido. Aham que por que tá à toa, e é velho, não precisa de mais nada? nem tem direito nenhum?... (B)*

E, trazendo a marginalidade ocasionada pela aposentadoria, uma boa parte dos entrevistados (10) identificou e exaustivamente falou de tudo e todos que poderiam preservá-lo .

Estirou até o limite, os componentes e as consequências desta falta de auxílio e desamparo em que se encontra ainda hoje. Mencionou o uso que o patrão fez do que tinha de mais seu: juventude e energia. E quase todos (14) comentaram sobre a ineficácia das instituições e o descaso pela situação do trabalhador. Como um deles nos disse:

*-... Se o aposentado é aquele que foi e sempre é, porque sempre vai existir ativo e inativo, porque ninguém olha pela gente? Na realidade todos chegam à aposentadoria, o homem do poder também chega lá; mas só que esquece ou finge que esquece... (A)*

Como classe marginalizada, ex-trabalhador que deu o sangue (D) e velho, que tem o que dizer mas precisava que deixassem e o escutassem (D), nos mostrou que nada pode ser feito a não ser queixar-se, a não ser pedir, a não ser, como nos disseram:

*-... Ficar na agonia da espera... (G)*

*-... Ficar esperando o que Deus dá... (B)*

Depois de verificarmos que os aposentados entrevistados desmistificaram o merecido prêmio, romperam a ilusão do que seria a aposentadoria ao falar sobre sua atual marginalização, lembraram os planos outrora sonhados e hoje desfeitos, verificamos que todos também nos trouxeram direta ou metaforicamente, a preocupação com seu corpo, e que abordaremos a seguir.

#### 4.4.3.2. O Velho e a Imagem Corporal

Tal como colocamos na Introdução, o indivíduo necessi



ta elaborar constantes perdas no decorrer de sua vida. Uma delas refere-se à imagem corporal. Como sabemos, o corpo sofre várias modificações que se processam lenta e continuamente pela vida afora. Na adolescência, as alterações biológicas próprias da época ocasionam diferentes vivências para o indivíduo e para o grupo. O mesmo ocorre na terceira idade; mas será só nesse momento, que estas contínuas alterações se tornam mais marcantes. Seus sinais (barriga, falta de rapidez, rugas, etc.) mostram o declínio do homem.

Nestes dois momentos (adolescência e terceira idade), o indivíduo necessariamente faz uma reestruturação ampla desta imagem corporal, pois, modificam-se atributos, alteram-se funções. Porém, na terceira idade, ele e o grupo deverão dimensionar outro valor a tais decorrências. Na maior parte das vezes, um e outro, consideram que tais alterações implicam perdas cada vez mais profundas e irreversíveis, de aspectos intensamente cultuados em nossa época.

Igualmente, a preocupação geral com o corpo e sua mobilidade pode ser melhor entendida se também lembrarmos que o indivíduo sente-se como é, graças à percepção que ele e os outros têm de si, e isto, eminentemente, é obtido através da imagem corporal.

Além disso, como nossos entrevistados utilizaram-se de seus corpos como efetivos instrumentos de trabalho, a tal ponto de um deles haver mencionado *fui um corpo trabalhando*, as modificações corporais associadas à aposentadoria, acarretaram diferentes tipos de sentimentos e as mais variadas reações. Ouvimos de alguns as seguintes colocações:

-... *Se ficasse parado acho que acabava morrendo*

mais ligeiro. Depois de trabalhar tanto, e sempre no mesmo serviço a gente sente falta. A atividade era a forma de sentir-se vivo; de exercitar e movimentar o corpo; até as crianças têm necessidade de ser movimentar porque o corpo é uma máquina que também precisa ser cuidade, senão enteva e enferuja... (G)

-... Fui um corpo trabalhando, a nova situação de aposentado, exige uma adaptação. O corpo não tá acostumado a ficar à toa; o problema tá; é este; é estranha a mudança... (F)

-... Sinto fraqueza, sinto dor no corpo, dói as pernas; não aguento levantar nem 10 quilos. Olho nos meus documentos vejo a palavra inválido, e fico mais triste... (Qx)

-... Devido a idade não pode prometer muita coisa; aposentei com 60 anos; depois dos 60 anos, não se faz mais nada, vem as doenças, uma coisa, outra; não se tem mais saúde; o corpo não ajuda; se o indivíduo tem uma boa situação financeira, ele pode ficar tranquilo; as pessoas tendo saúde e dinheiro é diferente... (B)

Mas, é o depoimento de um deles, que havia tido uma alta motivação para o ingresso na ferrovia e um forte comprometimento com a carreira, que nos mostrou mais intensamente, a importância da imagem corporal. Os acidentes casualmente relatados e as doenças posteriores à aposentadoria, nos revelaram como o indivíduo vivenciou através de seu corpo, as consequências desta fase de sua vida.

Ele estranhava a atual falta de sorte. E nos contactos estabelecidos notamos ora seu pé inflamado; ora sua mão enfaixada. Porém, em momento algum ele estabeleceu qualquer ligação com a aposentadoria com a visão, que ele e o grupo tem de si nesta nova fase de sua vida. Percebemos, graças aos acidentes relatados por este informante, como também aqueles de outros aposentados (5), que a auto-agressão pode ser uma das reações do indivíduo à condição atual.

Enquanto na ativa, o corpo possibilitou a estes grupos um relacionamento prazenteiro com o instrumento de trabalho. Permitiu-lhes executar eficazmente os pesados encargos de sua atividade profissional. Assim, na nova situação estes indivíduos que foram *corpos trabalhando* deveriam elaborar não apenas a perda da anterior atividade, mas também, aquela do corpo do antigo trabalhador. De acordo com sua história de vida e vivências pessoais, cada um vivenciou de diferentes maneiras esta situação explicando isto em parte, as inúmeras reações corporais e acidentes posteriores à aposentadoria. Transcreveremos algumas frases a este respeito:

*-... Outro dia ajudando meu filho caiu uma madeira no meu pé; tô meio sem sorte com este pé... Gozado, quando trabalhava nunca fiquei doente, nunca sofri nada, mesmo com as dificuldades e perigos; Deus me guardou. Vim sofrer só depois quando cai dum andaime, trabalhando na obra de Deus... (H)*

*-... A gente trabalhava cansava o corpo e dava até mais apetite... (Qx)*

Aos poucos a atenção enraizada no corpo cedeu lugar a uma preocupação mais ampla. A morte, até então escondida e camuflada apareceu com força nas entrelinhas. E mesmo havendo um tácito acordo social para esquecê-la, negá-la ou rejeitá-la, sorrateiramente surgiu em todas as entrevistas. Todos, direta ou simbolicamente, se expressaram sobre ela. Porém não nos trouxeram apenas o medo; tampouco limitaram ao desespero suas colocações. Muitos revelaram uma profunda sabedoria diante da irreversibilidade deste fato e da passageira condição humana.

A seguir, abordaremos alguns aspectos desta questão..

#### 4.4.3.3. Presença da Morte, Reações

Observamos que cada sociedade vê o declínio biológico do homem, (antes de mais nada aliado à idéia da morte), de diferentes maneiras. Geralmente leva em conta não apenas as expectativas e juízos que têm a respeito de trabalhador mas a finalidade e o significado da existência.

Sabemos que a morte é um *fato intangível*. Como transcende a própria compreensão do ser humano, torna-se, por isto mesmo, enigmático. Conseqüentemente, retira para muitos e em diferentes momentos o significado da vida. Assim, com a finalidade de defender-se daquilo que não conhece e proteger-se de uma condição biológica imutável do destino humano, o grupo exclui e renega aquilo que o lembrará da impossibilidade de controlar este fato. Graças a este não domínio, afasta e afasta-se daquilo, e de quem projetivamente lhe sugira tal condição. Neste canto, mais do que qualquer outra coisa está o velho, o aposentado. Aquele que por sua própria evolução tornou-se uma abstração, da qual poucos querem ocupar-se, pois só tem significado para cada um, enquanto vivência pessoal.

Percebemos que cada um de nossos entrevistados diante da inexorabilidade deste fato, teve diferentes reações. As mesmas não resultaram apenas das vivências pessoais. Tampouco se originaram daquele marco de orientação interna por nós já mencionado. Tiveram seu ponto de referência na integração destes fatos, como também, numa compreensão mais ampla da vida.

Igualmente notamos que neste grupo a morte foi um tema geral, que apareceu em todas as entrevistas. Trouxe mais do que qualquer outro, intensas ambivalências. Sendo uma realidade devido às preocupações e impressões levantadas, foi tam



bem uma presença oculta, direcionando uma série de não reações do nosso grupo, algumas já registradas anteriormente:

- Ausência de planos ou perspectiva de futuro.
- Ausência de um novo dimensionamento com relação ao tempo.
- Ausência de vinculação a indivíduos na mesma situação tentando uma interação mais profunda.
- Ausência de apoio àqueles na mesma situação que a sua, criticando-os e menosprezando-os, identidicando-se projetivamente com o grupo que o agredia.

Apresentaremos a seguir algumas colocações relacionadas com fatos mencionados anteriormente:

*-... Os velhos, os aposentados, se afastam dos outros; porque não gostam do barulho, qualquer coisa já perturba mais do que para outros. Na verdade, não são os outros que se afastam; é a própria pessoa que se afasta; isto não é ruim não; não é pior não; ele quer descansar; quer sossego... (Qx)*

*-... Gosto de passear; de pescar; antes não parava aqui, saía muito. Vou sempre sozinho, porque qualquer acidente a gente tá só, e não tem problema. Já tive acidente, com uma peruca; se tivesse alguém, teria morrido. Como estava só não teve problema; por isto é bom andar sozinho; sem ninguém... (O)*

*-... Geralmente quando a gente aposenta tá na idade de parar; o serviço é pesado, difícil, às vezes não tem vontade de mais nada, porque às vezes, a gente tá quase morrendo... (G)*

*-... Não tenho planos para o futuro; de agora em diante, meu futuro é o cemitério, que não deve estar longe. Que futuro vou ter? Saio um pouco, vou nos colegas, nos parentes, no Esporte Clube Mogiana. Levanto cedo, faço café, faço almoço, e mais tarde dou uma volta para esquentar as pernas... Se eu souber que tem uma pessoa doente, vou lá; é o que resta... (Tx)*

Faremos a seguir, algumas considerações sobre esta atitude de não reação que observamos entre nossos informantes.

Quatro de nossos informantes preferiram assimilar as idéias que lhe foram transmitidas, a respeito do que é ver velho; do que é ser aposentado. Sentindo-se hoje ainda desvalorizado e mais fraco para efetivar qualquer mudança, sujeitaram-se a este modo de ser visto e tratado, talvez, devido à importância e ao poder que no passado conferiram ao grupo de ativos.

Ao submeter-se a este domínio aceitando a marginalização imposta, inconscientemente talvez, esta parte de nossos informantes se identificasse com a força ou outros atributos até então valorizados e percebidos como seus quando ainda membro deste grupo de ativos.

Como verificamos anteriormente, a perda de *objetos* alttamente investidos quer cultural ou pessoalmente poderia ser extremamente dolorosa, não conseguindo determinados indivíduos, elaborá-la adequadamente. Assim, ao identificar-se projetivamente com grupo de ativos, aqueles indivíduos imaginariamente sentiam que nada perderam, e agiam consigo mesmo, tal como o grupo dominante, de ativos, agia com eles, inclusive se agredindo com acidentes posteriores à aposentadoria. Tal como o grupo os depreciava eles também se depreciavam ao se reverem sem perspectivas ou quaisquer possibilidades futuras. Se o grupo percebia neles a falência da vida eles também assim se viam:

*-... Quando aposenta, a gente perde as esperanças; perde as últimas oportunidades; não vai mais contar com aquilo que sonhou; fica isento de serviço, mas eles também não vão fazer nada pela gente...*  
(Qx)

E em seus depoimentos verificamos que a identificação

com o grupo dominante, e que os marginalizava era tão intensa e marcante, que eles verbalizaram claramente a rejeição para com aqueles na mesma situação que a sua.

*-... Não tenho nada que dizer dos aposentados e pelos aposentados; porque estamos separados; Os aposentados, estão sentados na praça e eu não posso com isto, não gosto... (O)*

*-... Aposentado não fala o que se aproveita, não gosto de frequentar esta turma. Não se dou com eles porque eles não fala o que se aproveita. Na verdade não gosto de frequentar esta turma e não sei porque... (Px)*

Além dessas reações também há outras, frente ao desamparo econômico e social; frente à desvalia física por todas alterações biológicas ocorridas e, principalmente, frente à presença sorrateira da morte. Assim, também notamos que alguns aposentados, quer maquinistas ou ajudantes, tentaram reorganizar-se de uma outra maneira, nesta nova fase de sua vida. Percebemos que para alguns de nossos informantes, realizados ou não profissionalmente, a aposentadoria não foi vivida como - uma situação de desespero, de crise ou de estagnação, havendo aqueles (3) que caminharam para uma reestruturação mais ampla.

Tal como colocamos no capítulo I, o homem pode integrar-se continuamente graças à elaboração das contínuas perdas que fará pela vida afora, apesar das condições adversas - do ambiente e dos efeitos inconscientes que muitas vezes determinam o seu agir.

Se tais afirmações parecem exageradamente otimistas, é porque não queremos circunscrever o indivíduo apenas ao domínio psicopatológico. É porque acreditamos que ele tem capacidade de analisar, mesmo com dificuldades, a própria conduta. É porque não podemos negar-lhe a possibilidade de auto orien-

tar-se, e como ser humano crescer, tendendo cada vez mais ao desenvolvimento.

Como colocamos no capítulo I, queremos lembrar que to da reestruturação pressupõe uma crise. Não se faz sem conflitos portanto. Implica em uma contínua ativação entre as partes e os elementos que se deseja conservar, mas que deverão ser abandonados, e em outros que deverão ser estabelecidos ou adquiridos. Assim estes indivíduos também trouxeram a dor por aquilo que perderam, e lembraram da morte: mas aí não se detiveram. Através de suas colocações, percebíamos que continuaram através de um processo de intensa busca a reconstruir-se graças a um entendimento mais amplo da vida. E da apreensão deste significado e do passado que foram, estes indivíduos se posicionaram de modo diferente diante dos novos valores existenciais. Deram às suas vidas uma outra dimensão, quer através de novos laços afetivos, de movimentos ou associações de cunho social, e principalmente de renovado sentimento de religiosidade.

#### 4.4.4. Possibilidade de Reconstrução

*Já não me pesa tanto o vir da morte.  
Sei já que é nada, que é ficção e sonho,  
E que, na roda universal da Sorte,  
Não sou aquilo que aqui me suponho.*

*Sei que há mais mundos que este pouco mundo...*

.....  
.....  
.....

*Sei que a morte, que é tudo, não é nada,  
E que, de morte em morte, a alma que há  
Não cai num poço: vai por uma estrada.*

*Em sua hora e a nossa, Deus dirá.* Pessoa (1975; p. 188)

Inicialmente notamos a preocupação de alguns indivi-



duos (3) com relação à família. Trouxeram, com bastante vigor, as perspectivas de progresso não mais para si, mas para aqueles que o representarão e serão sua continuidade. Seus planos incluíam desde o projeto de estudo para isentar os filhos do sofrimento que tiveram, até aquele, manifestado por um deles, de que um filho seu adote como ele a estrada de ferro. Enquanto isto não ocorria, seu boné sem uso e o lampião da estrada de ferro permaneciam como ele, aguardando pelo acontecimento.

*-... Ao menos queria estudar meus filhos para não acontecer com eles o que aconteceu comigo. Penso de estudar os meus meninos enquanto eles quiserem, e a gente puder; enquanto Deus ajudar... (Px)*

*-... Já que aposentei Deus me deu um caminho para seguir mesmo com a desesperança das promoções que eu aguardava. Tava tudo esgotado, então precisava de um outro caminho. Precisava lutar por causa da mulher e dos filhos... (Sx)*

*-... Sempre quis que um filho meu fosse para a estrada mas nenhum quis. Fulano foi chamado duas vezes, mas não se interessou; mas ainda sonho com isto; tenho esperança que ele vá para lá. É muito bom. Ainda tenho guardado meu boné, meu farol de tempo da estrada... tão esperado... (H)*

Apesar da preocupação com a família; de reconhecer sua experiência e valor pelo que efetuou no passado, um deles nos trouxe, sem revolta ou hostilidades sua atual limitação. E com equilíbrio reconheceu o lugar e a importância do jovem.

*-... O velho não vai poder fazer nunca o que o mais novo faz. Ele pode até ter mais experiência de vida, mais sabedoria, mas, o mais novo é sempre o mais novo; a gente tem que reconhecer e aceitar isto... (Sx)*

Nas colocações de um outro informante, notamos o discernimento que Erikson aponta como uma das metas finais do ci

clo epigenético. Ele reflete sobre sua atual condição de aposentado, e como pode prosseguir, apesar das adversidades enfrentadas. Gostariamos de salientar que foi aposentado por invalidez, como ajudante de maquinista; tinha uma doença progressiva, e recebia apenas 12.000,00 mensais.

*-... Em muitos momentos é bom lembrar; o passado serve de exemplo para a gente dar mais um passo à frente. Se errei no passado, relembro e erro menos no presente, menos no futuro. O passado serve para deixar a cabeça erguida; erguida para a frente. Relembro e evito o erro de hoje. Por isto é bom a gente lembrar os momentos bons e ruins; serve de guia para a gente, dão caminho... Não, eu não penso assim por causa de religião; não sigo nenhuma; sigo comigo e com Deus, porque tendo Deus dentro de mim tô bem... (Rx)*

Registraremos a seguir, novamente as colocações daquele informante que reconheceu o lugar do jovem. Antes também trouxe-nos suas preocupações com a família. Agora verificaremos suas próprias concepções diante das dificuldades atuais e a maneira de encará-las:

*-... Quando a pessoa vai ficando velha, vão pondo ela prô canto, mais prô lado, porque acham que ela não tem condição... Existe alguns qte até abusam... acham que por ser mais novo podem zombar e desfazer. Eles dizem: cê tá velho, não dá conta de nada; cace um jeito de trabalhar... mas eu penso... coitado... falta de memória das pessoas novas; deviam pensar ou intê sabe que o dia deles vem aí contado.*

*Se estou velho e vem um mais novo ele acha que é mais do que eu; se acha dono do mundo pela juventude que ele tem. Mas logo ponho a cabeça dele no lugar, porque devia saber que tinha que tratar bem o velho. Ele tá frente a um decaído; um fraco, sem condições é verdade... Mas, na hora que ele vai me maltratar, o que não tá certo, devia pensar: eu sou mais novo mais vou ficar como ele. Posso precisar mais tarde o que hoje to negando. Não posso chamar de velho e rir dele, porque também um dia vou chegar lá... Agora, a maior parte não pensa assim não; pensa o contrário e faz o contrário: desfaz.*

*Agora, se tem uma parte que estão bem, são*

*fortes e tranquilos, a maior parte da força operária não é assim não. Cada um empurra mais um pouquinho eles; põe no asilo; porque não tem condições de trabalho. Só pode comer, beber, vestir, aguardando o que Deus dá: a morte... Isto é porque a maior parte do povo só vai para a hora; para o imediato; ninguém pensa no outro caminho... Esquece que temos um mestre e um tempo... o nosso tempo com os dias contados. Cada um de nós com seu momento e seu caminho; cada um trazendo uma boa esperança; e é com esta esperança que eu consegui lutar; pelejar com a vida; só com ela que eu segui prá frente... (Sx)*

Também notamos que o aposentado gosta de sentir-se útil, realizando pequenos favores ou realizando determinadas tarefas, *servicinhos*, como eles dizem. Segundo estas atitudes os constrõe e possibilita-lhes conhecer *pessoas interessantes*. Com este tipo de atitude dos aposentados, verificamos que o trabalho continua a ser realmente importante na vida das pessoas. Para eles, a atividade fosse ela um trabalho junto às Igrejas, nas reuniões maçônicas, ou relativa a pequenos consertos, era ainda bastante gratificante. Nestas, eles pretendiam fazer não só o que haviam aprendido na ferrovia, mas principalmente aquilo que gostavam. Igualmente preferiam não manter nenhum vínculo empregatício com qualquer organização, pois queriam trabalhar sem a anterior rigidez de horários. Eles disseram:

*-... Às vezes instalo antenas, e faço pequenos serviços, porque gosto, e é sempre bom ter um dinheiro, assim não fico tão à toa... (U)*

*-... Gosto de fazer as coisas mas sem o compromisso de horário. Me ofereceram para trabalhar em X, mas não aceitei se não ficaria preso novamente; e daí o que aproveitaria da vida... (B)*

*-... Lá na Igreja procuro me aproximar das pessoas que estão precisando conversar. Desde que eles aceitem tento ajudar como posso. Uma mão lava a outra... (N)*

-... A gente costuma fazer reuniões para discutir a Bíblia, e com isto sempre pensa um pouco sobre a vida e as coisas; acho que está bom; a gente vê que os tempos mudaram, mas que ainda há coisas boas nas pessoas... (F)

-... Ajudei meu filho um pouco no supermercado, e depois nos negócios dele... mas gosto de fazer tudo sem compromisso, sem ter que tá de novo preso a horários, não quero sofrer como antes com horários... (A)

Apresentaremos a seguir mais três depoimentos onde observaremos não só a integração dos indivíduos, mas principalmente o comprometimento deles com a existência. Estes em muitos momentos relataram seu sofrimento; revoltaram-se contra as injustiças sofridas, apontaram as dificuldades. Porém, não limitaram sua percepção de mundo às realizações profissionais, nem às vivências pessoais. Alargaram sua compreensão considerando a vida, o mundo e a existência, como um ciclo com momentos integrativos e desintegrativos, transmitindo-nos com riqueza de comparações e de dados estas concepções sobre a vida e a morte.

-... A gente aposenta para cuidar da saúde e viver mais um pouco... com isto tem que participar, conviver com os outros. Acho que adaptei à nova vida; aos novos grupos; não tinha visto a cidade crescer... quando aposentei fui ver tudo... saí de lá, mas vivo cá a mesma coisa.

Às vezes saio, e quando saio levo sempre minha velhinha, porque a gente tem que repartir não só a dor, mas a alegria também. Tudo direitinho; tudo no meio.

As pessoas pensam no velho como feliz, cheio de paz; na verdade o velho, as pessoas de idade são vistas de muitos jeitos. Os filhos tomam opinião com a gente; os outros às vezes também, porque com a experiência de vida, a gente sempre pode falar alguma coisa baseada no que fez e no que aconteceu...

Às vezes a gente também é chamado de vovô, e isto é bom porque a casa do vovô é uma relíquia que precisa ser bem conservada; é uma coisa que precisa ser conservada no coração de cada um.



Além de tudo isto, eu também acho que o velho tem que dar o exemplo. As pessoas esperam isto do velho e tá certo... O exemplo tem que vir dele... ele viveu muito e sabe das coisas...

Na realidade pensei na minha vida e no passado, acho que o que fiz foi para meus filhos; lutei por eles. Por isto ajudo eles até hoje, sem eles pedir, porque as pessoas sempre vêem o que é preciso ver...

É as pessoas vêem o velho como feliz, sem fazer nada e ganhando... Mas não vêem o coração... ninguém vê o coração... quem é que sabe de felicidade?... (D)

#### Outra entrevista:

-... A pessoa depois de trabalhar tanto tá esgotada, precisa descansar. Aposentadoria não é prêmio, é um direito; está recebendo de volta o que pagou. Quem não paga não lesa a ninguém. Lesa a si próprio. As pessoas que reclamam da aposentadoria, da nova condição, são aqueles que reclamam sempre; não tão enquadrados em nada. Vivem preocupados porque tão sempre presas, em alguma coisa... mas todos aqueles que tem uma preocupação com o espiritual tem um maior conhecimento e ganho, tem sabedoria e adquire vida nova. A crença em Deus é importante, mas deve tentar ser transmitida. Este amor deve tentar ser transmitido. Não deve ficar só para o indivíduo. A crença em Deus não é religião. A gente não precisa da religião, mas precisa da fé. Se não, do que vale a vida? A gente tem que tentar transmitir esta fé. Porque só nós com ela, se Deus deu prá gente a graça de poder perceber estas coisas? Transmitir a paz e a alegria é importante.

Quem acredita em Deus sabe que tudo tem um sentido... Se tivesse que ficar rico já tinha ficado... se não fiquei tenho que aceitar a vontade de Deus. Quando falo de seguir a vontade de Deus não digo que vou ficar acomodado esperando... Tenho que procurar ser bom e fazer o bem. No serviço tenho que mostrar dedicação e zelo.

Se eu tenho disposição, coragem, modo de economizar, saúde, modo de trabalhar, isto não caiu do céu. Não fiquei esperando, lutei muito. Não fiquei acomodado... Deus dá o recurso: a saúde, a inteligência, e o meu corpo para fazer o que é preciso...

Hoje que aposentei, ajudo os pobres. Presto um serviço social. Sirvo ao meu próximo, nas igrejas. Não tenho ordenado, porque faço por amor e por prazer.

Quantas pessoas estão desesperadas! A gente conversa... Todos devem encarar a sua própria responsabilidade... a sua própria vida... A estrada é difícil para todos. Todos têm problemas, o rico,

o pobre... isto é lógico tem uma razão de ser...

Em casa ainda sou responsável por tudo; acho bom. Sou o chefe porque eles acham que ainda tenho capacidade. Sou visto como uma pessoa útil, sou ouvido. Pedem agora a opinião minha muito mais do que antes. Fico contente porque depositam confiança em mim.

As pessoas mais velhas deviam pensar mais nos outros... Tem os netos que são a corda do coração do avô... O velho devia transmitir a paz, mas nem todos podem fazer isto, porque às vezes estão mais desesperados que o jovem... O velho não pode viver só para si, mas em função das outras pessoas, porque dali não passa muita coisa. Tem que ser um transmissor de coisas boas: confiança, dever, por que não vai muito mais além.

O homem foi mudando, nos meios de comunicação, no progresso, mas no sentido humano mesmo, de respeito ao outro, de cuidados para o irmão, não tá mudado não. Parece que este sentido humano tá diminuído. Cada vez mais o homem se mata. A própria ciência que se multiplica, diminui e destrói o homem. E quando a gente vê que pode ser de outro jeito, vê que pode existir outras coisas, então tem que tentar ser mensageiro.

Acho que depois da aposentadoria, é a pessoa que se constrói. Se os outros deixam de lado o aposentado, porque ele não tem mais valor, não serve para a sociedade porque não tem mais aquele cã minho, e chegou no fim, é uma grande injustiça, porque cada um deles sabe o que fez, e como fez! Se não trabalha agora, se não faz alguma coisa, já fez muito no passado, e como fez!... (E)

#### Palavras de um outro maquinista:

-... Aposentadoria é só com a morte; a gente aposenta mas as tarefas, os afazeres não acabou.

Acho que quando a gente se aposenta, o valor tem que ser o mesmo; eu acho que é o mesmo, porque tá na pessoa, e não no trabalho. A sociedade põe no trabalho, mas não importa, quando você aposenta se você é bom continua a mesma coisa.

A pessoa que não aposenta por tempo deve se sentir mal, porque não fez o término da tarefa; não cumpriu o que pretendia; penso que não é feliz... mas quem sou eu prá dizer? Na realidade é tudo um mistério; vou partir para o mistério. Acho que tudo tem sua razão de ser; cada um é responsável por si, por isto quando o indivíduo não conseguiu cumprir o tempo, chegar a maquinista não pode culpar os outros; tem gente que põe a culpa nos outros pelo que não conseguiu; não gosto de jogar a culpa nos outros. Ninguém é culpado pela gente, pelo que a gente fez e conseguiu, ou não conseguiu.

Existe bandido, assaltante, etc... você pode explicar de todo jeito com sua sabedoria, com seus conhecimentos; mas quem é que sabe o que está dentro de cada um; quem é que pode falar da justiça e explicar porque a pessoa faz aquilo, ou invés, de viver em paz, com amor. Por isto cada um é responsável por si; se todos tem uma missão e eu acredito que tenham, cada um destes, que faz o que não deve, e se ainda está por aqui, como nós aposentados, que já fizemos o que esperavam da gente... se ainda estamos aqui tem uma razão.

Quem nem o aposentado, cada um vê de um jeito e trata de um jeito, e eu acredito que tenha suas razões prá ver assim; tenha seus motivos; para que falar? que posso falar disso?

Tem uma parte de gente rebelde que se sente com superioridade pela idade; a idade é a força deles; pela idade eles acham que têm um caminho longo; a idade representa uma estrada longa. Eles vêem a pessoa idosa, como inútil à sociedade; fraca, que tem só um reflexo lá longe. Eles pensam: que vai fazer um homem de 50 anos? ser médico? criador? Prá eles parece que o indivíduo tá superado, porque o jovem tem objetivos, tem sonhos; não se troca pelo de mais idade, porque o tempo dele é curto. Mas o velho pode ter sonhos, conforme o lugar que está, todo mundo pode ter sonhos; o homem comum pode ter sonhos, o idoso também; mas geralmente as pessoas só sonham com poderes que possam ter; eu não tenho sonhos de poder; mas tenho sonhos porque acredito na vida; sonho com a lavoura ou plantação e criação; lavoura é vida e dá vida; os dois dão vida. Não sonho com outras coisas; com cargos; com planos, porque sei a realidade de tudo. Tudo acaba sendo relativo. Acredito que sempre foi assim, mais um pouco, menos um pouco; as coisas são sempre as mesmas coisas; os fatos são sempre os mesmos; no fim a história se repete; o jovem de hoje é o velho de amanhã que se queixa do velho de hoje; no fim a história sempre se repete, só mudam as pessoas e os lugares.

Desde que me conheço, desde que o mundo é mundo, os acontecimentos eram e estão sendo do jeito que eram; só aumenta o número de pessoas e conforme aumenta a população aumenta a parte boa e ruim; as coisas boas e ruins; por isto acho tudo relativo.

Inveja, ignorância, ambição sempre existiu; então continuam; foram cultivadas e continuam existindo, no meu tempo vivido e bem para antes; só se acabar amanhã! Uns tratam o velho assim, outros diferente. No fim é tudo a mesma coisa; tem os bons e os ruins. Agora nesta minha época observo mais e encaro as coisas com maior naturalidade, e acho, que muitas coisas acontecem por força, por uma força que não distingo; inexplicável. Se ainda com todo progresso tratam o velho assim tem uma razão de ser. Nada acontece por acaso; veja



*as leis estão melhorando a cada dia, aos poucos; é um clarão que clareia o espírito do homem, para ser mais justiceiro, e no fim tudo vai caminhando para onde deve ir.*

*Gosto de crianças; gosto de ser vovô; acho que ser vovô é uma prova a mais no mundo, que o mundo não acaba, que continua; que todos aqui passamos uma temporada, com um começo e fim.*

*Não tenho religião não; todas são boas, porque todas falam de Deus. A gente precisa entender e crer que somos parte de uma luz, e que estamos de passagem, que temos um corpo que se veste, num determinado tempo e de um determinado jeito. Aos 70 - 80 anos a lâmpada se apaga por falta de forças, e a energia, a luz que deu força pra aquele corpo jovem ou velho, deixa de dar... (C)*

Verificamos por seus depoimentos, que estes aposentados encaram este momento de suas vidas, a aposentadoria, não apenas em termos de realização profissional; ao nos trazerem esta integração, este comprometimento com a existência, apesar das dificuldades - fartamente mencionadas nas páginas anteriores - estão alargando sua compreensão do mundo; reconhecem muitas vezes seu fracasso em termos profissionais; revoltam-se contra injustiças sofridas, mas percebem ou consideram sua vida e o mundo como um ciclo, que comporta momentos de integração e desintegração; e nos pareceu que estes indivíduos encaram com aparente serenidade e certo discernimento estes fatos existenciais, entre outras coisas, justamente por terem para si, estas concepções sobre a vida, a morte e a religiosidade.

Transcreveremos a seguir um trecho de Lopez ([s.d]; p. 91) bastante relacionado com os aspectos anteriormente levantados:

*... "(a questão da morte) é um assunto que é deliberadamente ignorado ou reprimido, para o qual todos os seres humanos sentem, chegados à maturidade, instintiva repulsa"... Continuando ele afirma: "... a civilização oriental tem um conceito mais objetivo e equânime que a ocidental com respeito à morte... tem uma noção me*



nos egoísta e covarde do que é a morte, fenômeno natural que acontece a todos nós, todos os dias, se bem que em escala parcial, porém sempre inexorável. As passar de um país ao outro, de um ano a outro, de um trabalho a outro, de uma atitude a outra, desaparecem de nossa consciência certos dados, idéias, imagens ou sentimentos, e não é apenas em forma simbólica que podemos dizer que morrem para voltar ou ressuscitar mais tarde, porém nunca em sua forma anterior se bem que possamos reconhecer sua identidade. Não somos o que eram nem seremos o que somos, pois estamos constantemente transformando-nos, ou seja, nascendo e morrendo parcialmente. O que chamamos morte não é outra coisa que uma das transformações de nossa dinâmica individual que se produz por cessar um tipo um tipo de metabolismo (integrático) e começarem outros tipos (desintegráticos). Porém ninguém pode, honestamente afirmar que após esse acontecimento não se possam produzir novas formas existenciais, dotados - ou não de consciência e dotados ou não da noção de continuidade...

Nada (disso) prova que existe além da morte uma sobrevivência de nosso EU. Também nenhuma filosofia e nenhum tratado biológico ou biopatológico provaram, tampouco, que não possa existir."

## CONCLUSÃO

Notamos que nossos entrevistados internalizaram uma série de idealizações conferidas pelo grupo social, referentes à carreira de maquinista e à aposentadoria.

Em relação à carreira, a atividade de maquinista foi preservada como um espaço intocável por todos os entrevistados, não obstante toda a aspereza e o rigor da vida profissional. Apesar de muitos ajudantes revelarem uma certa mágoa em relação ao *chefe maquinista*, tentaram preservar a imagem positiva da carreira, mesmo sentindo-se frustrados por não terem podido concluí-la. Isto poderia ser explicado, entre outras coisas, pela idealização da carreira, tanto a nível pessoal como social, pela ligação do entrevistado com seu instrumento de trabalho e pelo comprometimento com a função, em decorrência da responsabilidade do cargo. Verificamos assim, que esta função realmente parecia lhes conferir uma forte identidade profissional.

Com relação à aposentadoria, todos os entrevistados - lembraram-se de suas expectativas enquanto trabalhadores, com comparando-as com a vivência atual. E o que justamente percebemos, foi a incompatibilidade entre o que no passado sonharam e idealizaram, e o que no presente vivem.

Um outro ponto a ser salientado, é a importância atribuída ao grupo de referência pelos nossos informantes. Na época da aposentadoria, alguns indivíduos sentiam-se por ele marginalizados ou dele se afastaram. E se na primeira condição o grupo lhes outorgava um espaço, agora o que lhes transmite era a negação deste espaço, por tudo aquilo que, como aposen-

tados, inadvertidamente simbolizavam.

Parece-nos que as duas situações, passada e presente, guardam entre si uma relação bem estreita: a desvalorização - do homem enquanto trabalhador e ex-trabalhador; o sentimento de desamparo frente à ineficiência das instituições que têm o dever de protegê-lo.

Por outro lado, entre a situação passada e a atual - surge uma diferença fundamental: o tema da morte trazido diretamente ou não por todos os entrevistados, ao se referirem à aposentadoria.

Também notamos que os aposentados, quer maquinistas ou ajudantes, homogeneamente se valorizavam e se reconheciam através da forte ligação com o instrumento de trabalho. Deste modo, não encontramos atualmente entre a maioria dos entrevistados, nenhum comprometimento ou investimento tão intenso como aquele existente enquanto trabalhadores.

Nossa hipótese de trabalho, conforme enunciada na apresentação desta tese, questiona até que ponto a aposentadoria pode ser vivenciada como uma situação crítica, de estagnação ou desespero, ou, caso o ser humano se reestruturasse - nesta nova fase de sua vida como poderia fazê-lo. Faremos a seguir algumas considerações sobre nossos entrevistados, tentando responder esta pergunta inicial.

Encontramos em nossas entrevistas diferentes exemplos de como o indivíduo pode relacionar-se produtivamente com o mundo, apesar de enfrentar a crise da terceira idade e da velhice. Antes de mencioná-los, gostaríamos de citar que, em oposição a esta atitude também encontramos outros modos de vivenciar esta fase. Segundo o que pudemos notar, quatro de nossos entrevistados pareciam-nos bastante intranquilos, com in-

tensos sentimentos de revolta, desvalia e declarados sentimentos de morte. Estes, não reataram seu comprometimento com o mundo, nem através de novos laços afetivos, atividades quer profissionais, assistenciais ou outros (Tx, O, G, Qx).

Houve outros que, embora relatassem sentimentos de desamparo e não manifestassem muito interesse em novas atividades profissionais ou assistenciais, estabeleceram através de um relacionamento afetivo com a família, um novo modo de estruturar-se nessa etapa (H, Px, Sx).

Uma parte de nossos informantes (6) além de não relatarem sentimentos de morte tão intensos e claros como os quatro já mencionados, mostraram uma certa possibilidade de reconstrução, através de diferentes atividades assistenciais, ou prestando auxílio a parentes e amigos (A, B, F, N, Rx, U).

Assim, a aposentadoria revelou-se realmente como um fato traumático, pois, entre nossos entrevistados, treze (13) pareciam viver este período como uma fase bem crítica. Sentem-se angustiados, revoltados e algumas famílias nos relataram problemas (mulheres queixando-se, a falta de lugar do velho, etc.). Segundo nossos dados, embora haja possibilidades de reconstrução que na maior parte das vezes pareceu-nos parcial, a aposentadoria é vivida de modo negativo, porque:

1. O indivíduo não está preparado para enfrentá-la ; há o confronto do mito com a realidade.

2. A aposentadoria é realmente difícil sob tais pontos de vista:

- 2.1. O velho realmente não tem um lugar em nossa sociedade, sendo claramente marginalizado e desprezado.

- 2.2. Financeiramente é muito grande a defasagem entre



o salário do trabalhador ativo e do aposentado.

2.3. Socialmente o aposentado é visto como alguém inútil à sociedade.

Contudo, cremos que há flutuações entre os indivíduos. Alguns estão mais estruturados outros menos. Além disso, como realizamos poucas entrevistas, encontramos nos extremos opostos (visão positiva ou negativa da terceira idade e aposentadoria) um número reduzido de indivíduos. Encontramos três ferroviários (C, E, D) com uma percepção bem mais tranquila de sua situação atual. Por outro lado estes três que nos pareceram mais estruturados eram maquinistas. Em contrapartida, vêm notar que entre aqueles quatro (G, O, Qx, Tx) que se mostravam psicologicamente mais desestruturados, havia dois ajudantes e dois maquinistas. Isto pode sugerir que o *insucesso profissional facilita a desestruturação*. Porém, como nosso objetivo de trabalho era limitado, tratando-se tão somente de uma pesquisa exploratória não ousamos generalizar tal afirmação. Além disso, pela mesma razão não nos foi possível detectar mais amplamente quais fatores pessoais psicológicos familiares, econômicos ou outros que influíram para que alguns indivíduos vivenciassem de maneira tão diversa a mesma crise. Fica assim aqui proposto, que tais fatores sejam mais investigados em futuras pesquisas sobre a velhice e a aposentadoria.

## AS BEM-AVENTURANÇAS DE UM VELHO

- 1 - Bem-aventurados os que mostram compreensão por meus pés tropeçantes e por minhas mãos já sem força.
- 2 - Bem-aventurados os que compreendem que meus ouvidos têm que esforçar-se para captar o que me fala.
- 3 - Bem-aventurados os que parecem saber que meus olhos se tornaram fracos e meu pensamento cansado.
- 4 - Bem-aventurados os que ficam junto de mim com um sorriso de amigo para conversar comigo.
- 5 - Bem-aventurados os que nunca me dizem: Esta história o senhor hoje já me contou duas vezes.
- 6 - Bem-aventurados os que fazem reviver em mim a recordação do passado.
- 7 - Bem-aventurados os que me deixam perceber que ainda sou amado, respeitando e não me deixando de lado.
- 8 - Bem-aventurados os que por sua bondade aliviam os dias que ainda me restam na caminhada para a Pátria eterna.

## ANEXO I

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

## 1. Dados pessoais (identificação)

Idade

Local de origem

Nível de escolaridade (formal e informal)

Salário

Descrição livre e geral dos entrevistados focalizando os seguintes temas:

## 2. Histórico profissional

2.1 Antecedentes, indagando profissão do pai, se ele ou outros parentes eram ferroviários, os cargos ocupados.

2.2 Motivação para escolher e ingressar na carreira ferroviária observando a data e as circunstâncias particulares da admissão, a situação sócio-econômica, e o status da profissão naquela época.

2.3 Treinamento formal e informal, verificando o tipo de ensinamento que recebeu para executar suas funções; os cursos; e o tempo transcorrido para chegar a maquinista.

2.4 Cargos ocupados, registrando a sequência de acontecimentos, as mudanças, as substituições, os motivos e as circunstâncias dessas alterações, e como o indivíduo analisou a cada um desses fatos. Descrição das atividades, dos trabalhos e rotinas executados, e como o en-

entrevistado avaliou as tarefas mencionadas. Experiências marcantes e vivências nos cargos obtidos.

3. Investigação da percepção da empresa e das entidades de classe em relação às situações mencionadas, às mudanças ou aos processos descritos, verificando:

3.1 Causas atribuídas, ou segundo o entrevistado, os fatores responsáveis pelo fato relatado.

3.2 Nível de abrangência, ou se o fato atingiu além do entrevistado a outras pessoas.

3.3 Correlatos e consequências emocionais dos fatos, ou qual o significado, a importância para o entrevistado, e como ele vivenciou os fatos descritos.

3.4 Mecanismos de resolução, ou que recursos foram tentados individualmente ou coletivamente pelos indivíduos atingidos.

4. Condições de vida

4.1 Moradia, casamento, filhos.

4.2 Trabalho na família, profissão dos filhos: o que pensa quanto aos filhos serem ou não ferroviários.

4.3 Condições de saúde, assistência médica.

5. Vida Política

5.1 Grau de participação dos ferroviários em movimentos políticos.

5.2 Grau de participação no sindicato.

5.3 Como participa hoje no sindicato ou associações de clas



se, e qual sua impressão dos mesmos.

5.4 Verificar se é ou não sindicalizado; na última hipótese, indagar sobre as razões.

## 6. Vida Social (dentro e fora do trabalho)

6.1 Morou ou mora em vila de ferroviários.

6.2 Como eram as relações interpessoais dentro e fora do trabalho; como são as relações atuais.

6.3 Lazer antes e depois da aposentadoria.

6.4 Religião - frequência à Igreja e participação nos movimentos religiosos.

## 7. Aposentadoria

7.1 Tempo e tipo de aposentadoria.

7.2 Razões da aposentadoria.

7.3 Exercício de atividades remuneradas ou não desde que se aposentou; verificar se relata diferenças quanto à remuneração nesta fase.

7.4 Explorar sentimentos relacionados com a aposentadoria e suas reações diante da mesma; dificuldade de ajustamento na nova vida; verificar o que mudou.

7.5 Observar as perspectivas futuras e as expectativas em relação aos filhos.

7.6 Investigar a percepção que ele tem de como as pessoas o percebem atualmente.

## 8. Relação da identidade com o trabalho e com a aposentadoria

8.1 Relação com o instrumento de trabalho.

- 8.2 Relato da primeira vez que "subiu" na máquina.
- 8.3 Status subjetivo: percepção que ele tem da importância e do significado de seu trabalho.
- 8.4 Status objetivo: sua posição em relação aos pares e dentro da hierarquia.
- 8.5 Autonomia da função.

## 9. Terceira Idade

- 9.1 Verificar se considera que a idade cronológica influi na percepção que os outros tem dele, e nos seus relacionamentos interpessoais.
- 9.2 Investigar sua reação diante da nova situação econômica e social.
- 9.3 Diferenças de relacionamento entre o idoso e o não idoso.
- 9.4 Explorar se há sentimento de união ou consciência de grupo entre idosos e/ou aposentados.
- 9.5 Investigar os estereótipos ou imagens típicas com relação ao velho e aposentado.

A seguir mencionaremos os itens destacados para análise de cada entrevista:

- 1. Problemas ligados à carreira.
  - 1.1 Dificuldades existentes para obter-se as promoções, devido às disposições organizacionais e ao protecionismo pessoal.
  - 1.2 Dificuldades percebidas para aceder ao cargo de maqui-

nista em função dos problemas individuais, dos exames e do clima do ambiente de trabalho.

2. Desvalorização do empregado devido ao não reconhecimento do seu trabalho, e à impessoalidade e distanciamento em suas relações interpessoais com os superiores.
3. Percepção que o trabalhador tinha do seu instrumento de trabalho.
4. Condições e clima do ambiente de trabalho, com especial referência ao rigor e aspereza da vida profissional.
5. Idealizações que o trabalhador tem da aposentadoria, e as possíveis consequências vivenciadas no seu cotidiano.
6. Visão do velho: como é percebido pelo entrevistado, e como este considera que o grupo o vê.

## ANEXO II

N.o do benefício	_____	N.o do R. I.	_____
<b>UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS APOSENTADOS</b>			
<b>DA MOGIANA</b>			
Aposent.	<input type="checkbox"/>		
Pens.	<input type="checkbox"/>		_____
Viúva	<input type="checkbox"/>		
Filha	<input type="checkbox"/>	de _____	
Cargo	_____	Depto.	_____
Data da aposent.	_____	Da pensão	_____
Do nascimento	_____	Da admissão na UFAM	_____
Carteira Social n.o	_____		
Rua	_____	N.o	_____
Cidade	_____	Bairro	_____



## BIBLIOGRAFIA

1. ANDRADE, Antonieta Marília de Oswald, *Trabalho e Identidade (um estudo sobre os ferroviários de Campinas)*, Campinas, 1981, 20 pp.
2. ASCH, Soloman Elliot, *Psicologia Social*, São Paulo, Editora Nacional, 2a. ed., 1966, 533 pp.
3. ARAICO, José Remus, "Identificação e Identidade na Cultura Atual", *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, Vol. VIII, nº 4, 1974, pp. 477-507.
4. BEAUVOIR, Simone de, *La Vejez*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1970, 683 pp.
5. BERGER, Peter L., e LUCKMANN, Thomas, *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 3a. ed., 1976, 247 pp.
6. BIRREN, J.E., "The Concept of Functional Age, Theoretical Background", *Human Development*, 1969, 12 pp. 214-215.
7. BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade*, São Paulo, T.A. Queiroz, 1979, 403 pp.
8. BRASIL, Ministério da Previdência e Assistência Social, atuação do M.P.S.A., SILVA, Nascimento, "Assistência ao Idoso", palestra proferida pelo Ministro Nascimento e Silva, no Forum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 29/05/78.
9. BRASÍLIA, (sucursal), "Aposentadoria Poderá Ser Dada Só Por Idade", *Folha de S.P.*, 21/11/79, p. 11.  
"Aposentar-se Aos 60 Tem Estudo Contra", *Folha de S.P.*, 9/08/81, p. 41.
10. CARDOSO, Fernando Henrique, e IANNI, Octávio, *Homem e Sociedade*, São Paulo, Ed. Nacional, 12a. ed., 1980, 317 pp.
11. CHAUI, Marilena, *O que é Ideologia*, São Paulo, Editora

- Brasiliense Ltda., 3a. ed., 1981, 128 pp.
12. CLIMO, Lawrence H., "Acting out of character: window on the identity orisis", *Journal of Youth and Adolescence*, New York, vol. 4, nº 2, December 1975, pp. 93-107.
  13. DANTAS, Dulce de Queiroz Campos, *Identificação e Identidade numa Perspectiva Psicanalítica, Tese de Mestrado em Psicologia*, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1974, 93 pp.
  14. DELGADO, Filho, R.O., "O Drama da Previdência", *Folha de São Paulo*, 14/02/82, p. 42.
  15. DIEESE, Boletim, *Quanto Perdem os Aposentados com o Pacote da Previdência*, ano I, nº 01, 1982.
  16. DONFUT, C.A., "Seminário de Estudos sobre a Terceira Idade", *Cadernos da Terceira Idade*, vol. 1 e 2, SESC, S.P.
  17. ELKIND, David, "As Oito Idades do Homem Segundo Erik Erikson", *Diálogo*, Rio de Janeiro, Usica Book Translation Program, Consulado Geral dos EUA, Vol. 11, nº 1, 1978, pp. 3-12.
  18. ERIKSON<sup>a</sup>, Erik H., *Identidade, Juventude e Crise*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, 324 pp.
  19. ERIKSON<sup>b</sup>, Erik H., *Infância e Sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2a. ed., 1976, 404 pp.
  20. FEPASA, Debes, Célio, *Há 100 anos o trem chegava a Campinas (considerações sobre o evento)*, 12 pp.
  21. FEPASA, Documentos, *Uma Estória de Cem Anos*; 1 p.  
*As Três Fases Históricas das Ferrovias*, 19 pp.  
*Cia. Moagiana de Estradas de Ferro*, 3 pp.  
*Histórico*, 3 pp.  
*Breve História da Ferrovia*, in *Operário Padrão*, 1950, 6 pp.  
*Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, 98º Aniversário*, Campinas, 2/12/1970, 10 pp.

*Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.*

*A Ferrovia de Um Modo Geral no Mundo*, Abril de 1974, 3 pp.

22. FEPASA, Lima, Oliver H. Salles de, *O Transporte Ferroviário Apresenta Alguma Vantagem sobre o Rodoviário?*, Campinas, abril de 1972, 3 pp.
23. FERNANDES, Flávio da Silva, e colaboradores, "Participação da Universidade Numa Política Social para a Terceira Idade", *Envelhecimento e Velhice: Uma Nova Realidade*, Paulínia, SP, Dezembro de 1981, pp. 21-53.
24. FERNANDES, Flávio da Silva, e ROSSI, Edison, "Problemas Médico-Sociais do Idoso no Brasil" *Cerege - Centro de Reumatologia e Geriatria - Irmandade de Misericórdia de Campinas - AGES - Ass. de Gerontologia e Estudos Sociais de Campinas* (V Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia), Novembro de 1979, Salvador.
25. FERNANDES, Flávio da Silva, *Envelhecimento Reflete os Problemas do Viver*, Boletim do Centro de Estudos Dr. Miguel Pierro. Irmandade de Misericórdia, Campinas, SP, Ano VII, nº 7, Dezembro de 1980.
26. FERNANDES, Flávio da Silva, "Os Centros de Gerontologia numa Política Social", *Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, SESC, Campinas, Vol. 3, nº 1, Fevereiro de 1981.
27. FERNANDES, Flávio da Silva, "Na Comunidade, Uma Política Social Para o Envelhecimento", *AGES - Associação de Gerontologia e Estudos Sociais*, Campinas.
28. FERRER, Elfriede S.L. e colaboradores, "Identificação e Identidade na Cultura Atual", *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, Vol. VIII, nº 4, 1974, pp. 451-475.
29. FISCHER, Ernst, *A Necessidade da Arte*, São Paulo, Círculo do Livro S.A., 1959, 258 pp.

30. FREUD, Sigmund, *Los dos Principios del Funcionamiento Mental*, Madrid, Editorial Nueva, 3a. ed., 1910/1911, Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 2, pp 1.638/1.642.
31. FREUD, Sigmund, *Introducción Al Narcisismo*; Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1914, Obras Completas de Sigmund Freud, pp. 2.017/2.038, Vol. 2.
32. FREUD, Sigmund, *Los Instintos Y Sus Destinos*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed. 1915, Obras Completas de Sigmund Freud, pp. 2.039/2.052, Vol. 2.
33. FREUD, Sigmund, *Duelo Y Melancolía*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1915-1917, Obras Completas de Sigmund Freud, pp. 2.091/2.100, Vol. 2.
34. FREUD, Sigmund, *Psicología de Las Masas y Analises Del "Yo"*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1920/1921, Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 3, pp. 2.563/2.610.
35. FREUD, Sigmund, *El "YO" y el "ELLO"*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1923, Obras Completas de Sigmund Freud, 3a. Vol. pp. 2.701/2.728.
36. FREUD, Sigmund, *El Malestar en la Cultura*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1929/1930, Obras Completas de Sigmund Freud, 3a. Vol., pp. 3.017/3.067.
37. FREUD, Sigmund, *Escisión Del "YO" en el Proceso de Defensa*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 3a. ed., 1938/1940, Obras Completas de Sigmund Freud, 3º Vol., pp. 3.375/3.377.
38. GRINBERG, Leon, e GRINBERG, Rebeca, *Identidad y Cambio* , Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1971, 314 pp.
39. GUARIDO, Elza Lauretti, *Percepção de Controle sobre o Trabalho em um Grupo de Ferroviários*, Campinas, 1981, 150 pp.
40. GUBRIUM, Jaber F., *The Myth of the Golden Years*, Spring-



- field, Illinois, U.S.A., 1973, 225 pp.
41. HALL, Gertrude, H., e MATHIASSEN, Geneva, *Guide to Development of Protective Services for Older People*, Springfield, Illinois, U.S.A., 1973, 141 pp.
  42. HARTMANN, Heinz, *Ego, Psychology and the Problem of Adaptation*, New York, International Universities Press, Inc., 6a. ed., 1973, 121 pp.
  43. HERRERA, Fernando Ramos, "Pessoa Geriátrica na Organização Social", *Centro de Documentação e Pesquisas Sobre a Terceira Idade*, Campinas, (Adaptação do trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia - P. Alegre, 1976).
  44. IBSEN, Henrik, *Casa de Bonecas*, São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, 173 pp.
  45. JAPIASSU, Hilton, *Introdução à Epistemologia da Psicologia*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 2a. ed., 1977, 180 pp.
  46. JERSILD, Arthur T., *Psicologia da Criança*, São Paulo, Editora Itatiaia Ltda., 3a. ed., 1969, 546 pp.
  47. JOSSELSOON, Ruthellen L., "Psychodynamic aspects of identity formation in college women", *Journal of Youth and Adolescence*, New York, Vol. 2, nº 1, jan. 1973, pp. 1-50.
  48. KARDINER, A. e PREBLE, "Eles Estudaram o Homem", S.P., Editora Cultrix, 1964, pp. 157-183.
  49. KASVENBAUM, Robert, *Velhice*, São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil Ltda., 1981, 128 pp.
  50. LACAN, Jacques, *Le Stade du Miroir Comme Formateur de la Fonction du je* (Revue Française de Psychanalyse, 1949, XIII, 4).
  51. LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B., *Vocabulário de Psicanálise*, Santos, Livraria Martins Fontes Ltda., 2a. ed. ,

1970, 707 pp.

52. LÓPEZ E. Mira Y., "A Arte de Envelhecer", [1967].  
a
53. LÓPEZ, E. Mira Y., *Psiquiatria*, Buenos Aires, Librería  
b  
"El Ateneo" Editorial, 4a. ed., 1952, 361 pp.
54. MARCIA, J., FRIEDMAN M., "Ego Identity Status in college  
women", *Journal of Personality*, 1970, 38 (2), 249-263.
55. MARCUSE, Herbert, *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro, Za-  
har Editores, 1968, 232 pp.
56. MEISSNER, T.G., "Aposentar-se, um Ato de Coragem", *Folha  
de São Paulo*, 1/07/79, p. 41.
57. MEISSNER, T.G., "A Aposentadoria, um Ato de Heroísmo", *Fo  
lha de São Paulo*, 10/11/82, p. 24.
58. NASCIMENTO, A. M., "Aposentadoria por Tempo de Serviço",  
*Folha de São Paulo*, 16/08/81, p. 32.
59. NUTTALL, R.L., "The Chategy of Functional Age Research",  
*International Journal of Aging and Human Development*,  
1972, pp. 149-152.
60. PALMORE, E., *The Honorable Elders. A Cross-Cultural Anal-  
ysis of Aging in Japan*. Durham, N.C., Duke University  
Press, 1975.
61. PESSOA, Fernando, *Poesias Coligidas. Quadras de Gosto Po-  
pular*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1975, 212 pp.
62. PIRON, H., VERGOTE, A. HUBERT, W., *A Psicanálise, Ciência  
do Homem*, Lisboa, Oficinas Gráficas de Livros do Bra-  
sil (s.d.) 270 pp.
63. RAMDSDELL, E., GAIER E., "Identity and Reality Reflected  
in Adolescent Fiction: The Early Sixties and the Early  
Seventies", Dept. of Psychology California State Uni -  
versity, 6000 J. Street Sacramento, Ca. 95819.
64. RICOEUR, Paul, *História e Verdade*, Rio de Janeiro, Cia.

- Editora Forense, 2a. ed., 1964, 341 pp.
65. ROAZEN, Paul, *Erik H., The Power and Limits of a Vision*, New York, The Free Press, A Division of MacMillan Publishing Co., Inc., 1976, 246 pp.
  66. RODRIGUES, Arackcy Martins, *Operário, Operária*, São Paulo, Edições Símbolo, 2a. ed., 1978, 144 pp.
  67. RUSSOMANO, Mozart Vítor, *Curso de Previdência Social*, Rio de Janeiro, Forense, 1979, 473 pp.
  68. SABOIA, J., "A (Im) Previdência Social", *Folha de São Paulo*, 6/09/81, p. 28.
  69. SCHILDER, Paul, *L'Image du Corps*, Paris, Editions Gallimard, 1968, 352 pp.
  70. SESC, Centro de Documentação e Pesquisas sobre a Terceira Idade, Campinas, Gráz, Liesl, *Não se Isolem*.
  71. SILVA FILHO, A. Carlos Pacheco, *Evolução da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, 250 pp.
  72. VELHO, Laís Costa, "O Trem no Período Monárquico", *Informativo R.N. - Regional Nordeste - R.F.F.S.A.*, Campinas, Agosto de 1973, Ano III, nº 33.
  73. VELOSO, Luís Assumpção Paranhos, "Benefícios da Previdência Social", palestra proferida pelo Secretário Geral do Ministério da Previdência e Assistência Social, no curso sobre Direito Previdenciário, realizado em Brasília, na Câmara Federal, em 23/08/78, sobre a atuação do M.P.A.S.
  74. VELOSO, Luís Assumpção Paranhos, "Assistência ao Idoso", palestra proferida pelo Secretário Geral do Ministério da Previdência e Assistência Social, na Sessão Extraordinária realizada pela Câmara Municipal de São Paulo em 06/10/78, em comemoração ao Ano Internacional do Idoso.
  75. VIEDMA, Christiane, "Um Desafio Mundial", *A Saúde do Mun-*

do, OMS, Abril 1979.

76. WHYTE, William Foote, "On the Evolution of Street Corner Society", *Street Corner Society*, Appendix, The University of Chicago Press, Chicago, 1943, pp. 298-309.